

TEORIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO

ANDERSON VICTOR BARBOSA CAVALCANTE

Teoria Crítica da Informação:
Teoria Crítica em Ciência da Informação
no caminho da Escola de Frankfurt



PPGCI/UEPB
Programa de Pós-Graduação
em Ciência da Informação





**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
DOUTORADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

ANDERSON VICTOR BARBOSA CAVALCANTE

**TEORIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO:
Teoria Crítica em Ciência da Informação no caminho da Escola de Frankfurt**

**João Pessoa
2023**

ANDERSON VICTOR BARBOSA CAVALCANTE

TEORIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO:
Teoria Crítica em Ciência da Informação no caminho da Escola de Frankfurt

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação.

Área de Concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade.

Linha de pesquisa: Ética, Gestão e Políticas de Informação.

Orientador: Prof. Dr. Edivanio Duarte de Souza
Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Leilah Santiago Bufrem

João Pessoa
2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C376t Cavalcante, Anderson Victor Barbosa.

Teoria crítica da informação : teoria crítica em
Ciência da Informação no caminho da Escola de Frankfurt
/ Anderson Victor Barbosa Cavalcante. - João Pessoa,
2023.

170 f. : il.

Orientação: Edivanio Duarte de Souza.

Coorientação: Leilah Santiago Bufrem.

Tese (Doutorado) - UFPB/CCSA.

1. Ciência da Informação. 2. Epistemologia - Ciência
da Informação. 3. Teoria tradicional. 4. Teoria crítica
- Informação. 5. Teoria matemática - Informação. I.
Souza, Edivanio Duarte de Souza. II. Bufrem, Leilah
Santiago Bufrem. III. Título.

UFPB/BC

CDU 001.102(043)

ANDERSON VICTOR BARBOSA CAVALCANTE

TEORIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO:

Teoria Crítica em Ciência da Informação no caminho da Escola de Frankfurt

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para obtenção do título Doutor em Ciência da Informação.

Área de Concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade.

Linha de pesquisa: Ética, Gestão e Políticas de Informação.

Tese aprovada em: 30 de janeiro de 2023.

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
gov.br EDIVANIO DUARTE DE SOUZA
Data: 31/01/2023 15:56:54-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Prof. Dr. Edivanio Duarte de Souza
Orientador/Presidente da Banca
Examinadora – PPGCI/UFPB

Documento assinado digitalmente
gov.br LEILAH SANTIAGO BUFREM
Data: 01/02/2023 16:14:57-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Profa. Dra. Leilah Santiago Bufrem
Coorientadora– UFPR

Documento assinado digitalmente
gov.br EDVALDO CARVALHO ALVES
Data: 02/02/2023 16:45:03-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves
Examinador Interno – PPGCI/UFPB

Documento assinado digitalmente
gov.br GUSTAVO HENRIQUE DE ARAUJO FREIRE
Data: 03/02/2023 10:05:53-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Prof. Dr. Gustavo Henrique de Araujo Freire
Examinador Interno – PPGCI/UFPB

Documento assinado digitalmente
gov.br MARIVALDE MOACIR FRANCELIN
Data: 03/02/2023 10:22:23-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Prof. Dr. Marivalde Moacir Francelin
Examinador Externo – USP

Documento assinado digitalmente
gov.br DALGIZA ANDRADE OLIVEIRA
Data: 06/02/2023 14:55:13-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Profa. Dra. Dalgiza Andrade Oliveira
Examinadora Externa – UFMG

Prof. Dr. Henry Pôncio Cruz de Oliveira
Suplente Interno – PPGCI/UFPB

José Washington De Moraes Medeiros
Suplente Externo – PPGCI/UFPB

*À Solange Silva, minha mãe. Maior amor que meu
coração conheceu.*

A Arte de Agradecer

Ao destino, à família, à vida

Ao destino, à família, à vida e ao tempo – “esse grande escultor”, diria Marguerite Yourcenar –, a todos a minha terna e eterna gratidão.

Ao destino – leia-se deus –, pelos ardis e desafios vencidos e deixados pelo caminho.

À minha família, em especial, à minha mãe, Solange Silva, até aqui o maior amor que meu coração conheceu.

À vida e ao tempo, pela dureza e beleza dos acontecimentos. Pela dor e delícia das lições arrebatadoras. Pelos sonhos interrompidos e possíveis. Pela alegria e leveza dos instantes, dos dias e das horas – poucos, mas inesquecíveis instantes, dias e horas. Pelas muitas voltas que a vida dá – “morri e renasci muitas vezes”, parafraseando Gustave Flaubert. Pelos começos e recomeços inesquecíveis – pelas muitas vezes que “fiz das quedas passos de dança”, parafraseando Fernando Sabino. De muitas e inúmeras maneiras, conheci “a vida em suas verdades mais essenciais”, parafraseando Manuel Bandeira.

Aos mestres, com carinho

Com especial carinho, ao Prof. Edivanio Duarte de Souza, pela generosidade sem par, pelos incentivos mil e pelas lições sem fim, minha terna e eterna gratidão – sem a sua força, garra e determinação esse sonho teria se perdido no infinito. Com carinho de especial grandeza, à Prof^a Leilah Santiago Bufrem, das pessoas mais generosas, companheiras e carinhosas que meu coração conheceu – sem a sua força, incentivo e palavras esse sonho teria resvalado no interminável. Ao querido Prof. Washington Medeiros, por sempre servir de inspiração; verdadeiro poeta-educador e/ou educador-poeta, meus olhos não conheceram outro igual; um dia quis ser como você, hoje, crescido, tenho o melhor que você me ofereceu. À inesquecível Prof^a Francinete Fernandes, por ontem, hoje e sempre; não tenho de você o dom, mas tenho de você a força da arte da pesquisa. Aos diletos professores(as) Dalgiza Oliveira, Edvaldo Carvalho, Gustavo Freire e Marivalde Francelin, egrégios membros da banca examinadora, por hoje e sempre, agradeço e admiro a todos(as) em muitos níveis. Se cheguei até aqui, “se cheguei a ver

*mais longe, foi por estar sobre os ombros de vocês, verdadeiros ombros de gigantes”,
parafraseando Isaac Newton.*

À academia e à ciência, com júbilo

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UEPB), por hoje e sempre, minha gratidão e admiração em muitos níveis.

À Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Em primeiro lugar, ao Curso de Arquivologia, do Campus V, por forjar o Bacharel que sou, minha gratidão e admiração em muitos níveis. Em segundo lugar, à Administração Central, do Campus I, por abrigar o Profissional que sou, minha gratidão e admiração em muitos níveis.

Aos queridos amigos (de ontem, hoje e sempre)

Aos queridos amigos e irmãos de alma, Jefferson Higino, Marília Vital e Rose Paulino. A Jefferson, pela alegria, leveza e riqueza dos anos, dos dias e das horas; amigo fiel a toda prova; você inspira e/ou faz inspirar a muitos. À Marília Vital, por ontem, hoje e sempre; pelos anos, dias e horas de amizade sem igual; verdadeira irmã de alma sem par. À Rose Paulino, pela alegria, leveza e força de ser e de viver a vida e a nossa amizade; verdadeira companheira de todas as horas. Aos amigos que a UFPE, que a vida, me ofereceu. Em especial, à Faysa de Maria e à Jailiny Stanford, por todos os loucos, alegres e lindos momentos vividos e divididos nos tempos de CAC/UFPE – amo muito vocês. À Josedete Gonçalves, por tudo e todos os momentos vividos e divididos em Recife, em 2015/2016 – a estimo e admiro em muitos níveis. Aos amigos que a UEPB, que a vida, me ofereceu. Em especial, a Jardel Veloso e à Marli Fidelis – que trio formávamos –, à Risomar Ferreira, a Josivan Ferreira e a Josivaldo Ferreira – estimo e admiro vocês em tantos níveis –, à Sandra Regina e à Ana Nery – que saudades de vocês –, à Franscisca Matões e à Shirley César – admiro e estimo vocês em muitos níveis – e a todos(as) os(as) demais com quem vivi e dividi momentos em João Pessoa, entre 2007-2012.

Ao presente, ao futuro

Aos leitores e leitoras, de hoje e/ou amanhã, que esta tese, que estas palavras, possam tocá-los com frescor, consciência e reflexão. Aos leitores mais interessados e/ou benevolentes, que se deixem invadir e, talvez, inspirar por ela. Aos leitores curiosos e/ou a quem interessar possa, que “vejam esta obra como a semente de arbustos melhores que nascerão no futuro”, parafraseando Machado de Assis. A todos(as), enfim, do presente e/ou do futuro, só posso lhes trazer uma confiança. “De todos os meus textos, este é o de que mais gosto. Poderia dizer que, assim como muitos pais, amo todos os filhos de minha reflexão, sem distinção. Mas, assim como muitos pais afetuosos, tenho em meu íntimo um filho predileto. E seu nome é TEORIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO”, parafraseando Charles Dickens.

Ver bem não é ver tudo: é ver o que os outros não veem.
José Américo de Almeida

Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa.
João Guimarães Rosa

Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia.
Liev Tolstói

Resumo

Estudo objetiva entender a Teoria Crítica de Frankfurt como fundamento filosófico-sociológico para a construção de uma *Teoria Crítica da Informação*. Realiza estudo classificado como *teórico*, de caráter *epistemológico*, na perspectiva bachelardiana, e subsidiado pela *hermenêutica*, na perspectiva habermasiana. Em vista de seu objetivo geral, o estudo ergue cinco objetivos específicos. Primeiro, identifica as principais categorias conceituais discutidas por Max Horkheimer em sua Teoria Crítica (também conhecida como Teoria Crítica da Escola de Frankfurt), são elas, Teoria Tradicional e Teoria Crítica. Segundo, relaciona a Teoria Tradicional e a Teoria Crítica respectivamente à Teoria Matemática da Informação e à Teoria Crítica da Informação, teorias válidas na Ciência da Informação. Terceiro, discute o “lugar” da tradição da Teoria Crítica no âmbito das Ciências Sociais Aplicadas, notadamente, no contexto da Ciência da Informação. Quarto, reconhece o papel e o significado da Teoria Crítica como fundamento filosófico-sociológico de profunda relevância para o pensamento contemporâneo da Ciência da Informação. E, por fim, quinto, desenvolve uma proposição de conceito de *uma* Teoria Crítica da Informação para o campo da Ciência da Informação, com base nos delineamentos da Teoria Crítica de Frankfurt. Ao longo das linhas, discute duas visões distintas de teoria, de ciência, de mundo. De um lado, discute o caráter de uma Teoria Crítica da Informação enquanto *locus* em que a informação e o campo da informação assumem a missão de vetor de reflexão, de crítica e de autocritica, como força motivadora de ações e de mudanças íntimas e coletivas para sujeitos e sociedades, como fenômeno articulador da evolução social e do bem-estar em coletividade. Por outro lado, discute o caráter de uma Teoria puramente Matematizável da Informação enquanto *locus* em que a informação e o campo da informação assumem a condição de vetor claramente tecnicista, fisicalista e funcional, forjado pelos fins do mercado e da ordem sistêmica, como força profundamente útil e eficiente às demandas da ordem instrumental/do capital. Conclui que a configuração de um cenário voltado ao caráter puramente matematizável/capitalizado/instrumental da informação e do campo da informação *nubla* e *dificulta* a compreensão e a percepção do fenômeno da informação e do campo informacional quanto às suas projeções civilizatórias, humanísticas, emancipatórias, enquanto Ciência Social. Finaliza defendendo a validade dos encaminhamentos da Teoria Crítica junto ao campo informacional como senda motivadora de se conceber e perceber a Ciência da Informação, a informação e as coisas do campo em termos mais crítico-reflexivos, dialéticos, dialógicos, humanísticos e emancipatórios, de modo a reafirmar o seu pertencimento à condição de Ciência Social, muito além de projeções pragmatistas, tecnicistas e puramente positivistas.

Palavras-chave: Ciência da Informação. Teoria Crítica. Teoria Tradicional. Teoria Crítica da Informação. Teoria Matemática da Informação.

Abstract

This study aims to understand the Frankfurt Critical Theory as a philosophical-sociological foundation for the construction of a *Critical Theory of Information*. Conducts a study classified as *theoretical*, of an *epistemological* nature, in the bachelardian perspective, and subsidized by *hermeneutics*, in the habermasian perspective. In view of its general objective, the study raises five specific objectives. First, it identifies the main conceptual categories discussed by Max Horkheimer in his Critical Theory (also known as Critical Theory of the Frankfurt School), namely, Traditional Theory and Critical Theory. Second, it relates Traditional Theory and Critical Theory respectively to Mathematical Theory of Information and Critical Theory of Information, valid theories in Information Science. Third, it discusses the “place” of the Critical Theory tradition within Applied Social Sciences, notably in the context of Information Science. Fourth, it recognizes the role and significance of Critical Theory as a philosophical-sociological foundation of profound relevance to contemporary thinking in Information Science. And, finally, fifth, it develops a concept proposition for a Critical Theory of Information for the field of Information Science, based on the outlines of the Frankfurt Critical Theory. Along these lines, it discusses two distinct visions of theory, of science, of the world. On the one hand, it discusses the character of a Critical Theory of Information as a *locus* in which information and the field of information assume the mission of a vector of reflection, criticism and self-criticism, as a motivating force for actions and intimate and collective changes for subjects and societies, as a phenomenon that articulates social evolution and collective well-being. On the other hand, it discusses the character of a purely Mathematizable Theory of Information as a *locus* in which information and the field of information assume the condition of a clearly technicist, physicalist and functional vector, forged by the ends of the market and the systemic order, as a profoundly useful and efficient to the demands of the instrumental/capital order. It concludes that the configuration of a scenario focused on the purely mathematizable/capitalized/instrumental character of information and the field of information *clouds* and *hinders* the understanding and perception of the phenomenon of information and the informational field in terms of its civilizing, humanistic, emancipatory projections, while Social Science. It ends by defending the validity of the Critical Theory referrals in the informational field as a motivating path to conceive and perceive Information Science, information and field things in more critical-reflexive, dialectical, dialogical, humanistic and emancipatory terms, so that to reaffirm its belonging to the condition of Social Science, far beyond pragmatist, technical and purely positivist projections.

Keywords: Information Science. Critical Theory. Traditional Theory. Critical Theory of Information. Mathematical Theory of Information.

Resumen

En esta estudio tiene como objetivo comprender la Teoría Crítica de Frankfurt como fundamento filosófico-sociológico para la construcción de una *Teoría Crítica de la Información*. Realiza un estudio clasificado como *teórico*, de carácter *epistemológico*, en la perspectiva bachelardiana, y subvencionado por la *hermenéutica*, en la perspectiva habermasiana. En vista de su objetivo general, el estudio plantea cinco objetivos específicos. Primero, identifica las principales categorías conceptuales discutidas por Max Horkheimer en su Teoría Crítica (también conocida como Teoría Crítica de la Escuela de Frankfurt), a saber, Teoría Tradicional y Teoría Crítica. En segundo lugar, relaciona la Teoría Tradicional y la Teoría Crítica respectivamente con la Teoría Matemática de la Información y la Teoría Crítica de la Información, teorías válidas en Ciencias de la Información. Tercero, discute el “lugar” de la tradición de la Teoría Crítica dentro de las Ciencias Sociales Aplicadas, especialmente en el contexto de la Ciencia de la Información. En cuarto lugar, reconoce el papel y la importancia de la Teoría Crítica como fundamento filosófico-sociológico de profunda relevancia para el pensamiento contemporáneo en Ciencias de la Información. Y, finalmente, en quinto lugar, desarrolla una propuesta de concepto para una Teoría Crítica de la Información para el campo de las Ciencias de la Información, a partir de los lineamientos de la Teoría Crítica de Frankfurt. En este sentido, discute dos visiones distintas de la teoría, de la ciencia, del mundo. Por un lado, discute el carácter de una Teoría Crítica de la Información como un *locus* en el que la información y el campo de la información asumen la misión de vector de reflexión, crítica y autocrítica, como fuerza motivadora de acciones e intimidad y cambios colectivos para los sujetos y las sociedades, como fenómeno que articula la evolución social y el bienestar colectivo. Por otro lado, se discute el carácter de una Teoría de la Información puramente Matematizable como un *locus* en el que la información y el campo de la información asumen la condición de un vector claramente tecnocrático, fisicalista y funcional, forjado por los fines del mercado y lo sistémico, como profundamente útil y eficiente a las exigencias del orden instrumental/capital. Concluye que la configuración de un escenario centrado en el carácter puramente matematizable/capitalizado/instrumental de la información y del campo de la información *enturbia* y *dificulta* la comprensión y percepción del fenómeno de la información y del campo informacional en cuanto a su carácter civilizatorio, humanista, emancipador proyecciones, mientras que Ciencias Sociales. Finaliza defendiendo la vigencia de los referentes de la Teoría Crítica en el campo informacional como camino motivador para concebir y percibir la Ciencia de la Información, la información y las cosas del campo en términos más crítico-reflexivos, dialécticos, dialógicos, humanistas y emancipadores, de modo que reafirmar su pertenencia a la condición de las Ciencias Sociales, muy por encima de las proyecciones pragmáticas, técnicas y puramente positivistas.

Palabras clave: Ciencia de la Información. Teoría Crítica. Teoría Tradicional. Teoría Crítica de la Información. Teoría Matemática de la Información.

Lista de Figuras

Figura 1 -	Mapa (Conceitual) da Seção 2.....	38
Figura 2 -	Mapa (Conceitual) da Seção 3.....	52
Figura 3 -	Mapa (Conceitual) da Seção 4.....	91
Figura 4 -	Mapa (Conceitual) da Seção 5.....	113
Figura 5 -	Mapa (Conceitual) da Seção 6.....	121
Figura 6 -	Mapa (Conceitual) da Seção 7.....	128

Lista de Quadros

Quadro 1 -	Os Frankfurtianos/Teóricos de Frankfurt: gerações, influências teóricas e interesses de estudos/pesquisas.....	86
Quadro 2 -	Teoria Crítica e Ciências Sociais Aplicadas: campos e produtividade...	89

Sumário

1	Teoria Crítica em Tempos Críticos: ponto de partida.....	24
2	Veredas Metodológicas.....	32
2.1	<i>Caminhos da pesquisa teórica.....</i>	33
2.2	<i>Sendas epistemológicas em e com Bachelard.....</i>	34
2.3	<i>Trilhas hermenêuticas em e com Habermas.....</i>	35
3	Da Teoria Tradicional à Teoria Crítica: uma breve história intelectual do pensamento ocidental.....	39
3.1	<i>A Modernidade e a Teoria Tradicional.....</i>	40
3.2	<i>Da Teoria Tradicional à Teoria Crítica.....</i>	47
4	Teoria Crítica da Escola de Frankfurt: teóricos, teorias e ecos.....	53
4.1	<i>A Escola de Frankfurt: “o berço de ouro da Teoria Crítica”.....</i>	54
4.1.1	<i>Os fundamentos da Teoria Crítica de Frankfurt.....</i>	62
4.1.2	<i>A “invenção” frankfurtiana.....</i>	65
4.1.3	<i>O “método frankfurtiano”.....</i>	68
4.1.4	<i>Os “frankfurtianos”.....</i>	72
4.1.4.1	<i>“Os 11 de Frankfurt”.....</i>	74
4.1.4.1.1	<i>Primeira geração: a “geração de ouro”.....</i>	74
4.1.4.1.2	<i>Segunda geração: “herdeiro(s) crítico(s)”.....</i>	83
4.1.4.1.3	<i>Terceira geração: “Teoria Crítica hoje”.....</i>	84
4.2	<i>Ecos da Teoria Crítica nas Ciências Sociais Aplicadas.....</i>	86
5	Da Teoria Matemática à Teoria Crítica da Informação: um olhar sobre a história intelectual do pensamento informacional	92
5.1	<i>Ciência da Informação: uma ciência entre tradições e travessias teóricas.....</i>	93
5.2	<i>Teoria Tradicional e Teoria Matemática da Informação.....</i>	103
5.3	<i>Teoria Crítica e Teoria Crítica da Informação.....</i>	107
6	Teoria Crítica da Informação: temáticas, tendências e estudos em Ciência da Informação.....	114
6.1	<i>Ecos da Teoria Crítica de Frankfurt nas tendências e nos tópicos teóricos, metodológicos e temáticos da Ciência da Informação.....</i>	115
6.2	<i>Sínteses hermenêuticas.....</i>	119
7	Teoria Crítica da Informação: construção de um conceito.....	122
7.1	<i>Teoria Crítica da Informação: conceito em aberto.....</i>	123
7.2	<i>Construindo um conceito de Teoria Crítica da Informação.....</i>	125
8	Teoria Crítica da Informação hoje e amanhã: ponto de chegada, novos pontos de partida.....	129

Referências.....	133
Apêndice(s).....	159
<i>Apêndice A – Ecos da Teoria Crítica de Frankfurt em Ciência da Informação (2001-2022): teóricos, teorias e modelos críticos nos estudos informacionais a partir de uma literatura crítica aberta.....</i>	<i>159</i>

Da Teoria Crítica à Teoria Crítica da Informação

Alguns acontecimentos que marcaram a época do nascimento e desenvolvimento da Teoria Crítica e que inscreveram no horizonte a possibilidade de nascimento de uma Teoria Crítica da Informação

Virada Século XIX/XX	Era de Ouro do <i>Capitalismo Avançado</i> (do capitalismo industrial ao capitalismo financeiro). Era de Ouro da <i>Belle Époque</i> (período marcado por grandes inovações e transformações das Ciências às Artes). O racionalismo/cientificismo, via <i>positivismo</i> , ronda(m) o imaginário social e científico, das Ciências às Artes.
1895	Em 12 de fevereiro, em Stuttgart, Alemanha, nasce <i>Max Horkheimer</i> , um dos expoentes da primeira geração da Teoria Crítica/Escola de Frankfurt.
1914	Nos Estados Unidos, surge o <i>fordismo</i> , método de produção em massa, um dos símbolos modernos do capitalismo avançado, pelas mãos e cérebro do Henry Ford. Seu lema: “máxima produtividade, mínimo custo”.
1915	Nos Estados Unidos, <i>Nascimento de uma nação</i> , de David Griffith, é lançado no cinema. Filme é visto como primeiro-longa metragem, primeira superprodução de Hollywood, marco da <i>Era de Ouro do Cinema</i> .
1917	Eclode a <i>I Guerra Mundial</i> (1914-1918), também conhecida como “Grande Guerra” ou “Guerra das Guerras” até então.
1919	Instaura-se a <i>República de Weimar</i> , em Alemanha (1919-1933). Experiência republicana e democrática de Estado na Alemanha, no pós-I Guerra Mundial.
1920	A Paris dos anos 1920 vira exílio e pátria da <i>Geração Perdida</i> , no pós-I Guerra Mundial. Geração de Hemingway, Fitzgerald, Gertrude Stein, Joyce, Picasso, Salvador Dalí e outros(as). Nos Estados Unidos, nasce a <i>Era de Ouro do Rádio</i> . Veículo se populariza como meio de comunicação de massa e entretenimento.
1922	Benito Mussolini toma de assalto o poder na Itália (1922-1939). Instaura-se o <i>fascismo</i> , experiência totalitária de Estado na Itália, no pós-I Guerra Mundial.
1923	Em 12 de fevereiro, em Frankfurt, Alemanha, nasce a <i>Escola de Frankfurt</i> . Felix Weil, herdeiro-milionário marxista, Carl Grünberg, professor marxista, e Max Horkheimer, filósofo marxista, são seus fundadores.
1924	Josef Stalin toma de assalto o poder na Rússia (1924-1954). Instaura-se o <i>stalinismo</i> , experiência de Estado na Rússia, pós-I Guerra Mundial e pós-Revolução Russa (1917).
1929	Nos Estados Unidos, ocorre a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, também conhecida como <i>Crise de 29</i> ou <i>Grande Depressão</i> .

Em 18 de junho, em Düsseldorf, Alemanha, nasce *Jürgen Habermas*, um dos expoentes da “segunda geração” da Teoria Crítica/Escola de Frankfurt. O escritor americano Ernest Hemingway, Nobel de Literatura (1954), publica *Adeus às Armas*, uma de suas obras-primas.

- 1933** Hitler toma de assalto o poder na Alemanha (1933-1945). Instaura-se o *nazismo*, experiência totalitária de Estado na Alemanha, após a queda da República de Weimar.
Alvos do nazismo, Thomas Mann, Hannah Arendt, Bertolt Brecht, Billy Wilder, Albert Einstein, dentre outros cientistas, artistas e intelectuais deixam o país. Somados a eles, Max Horkheimer, Eric Fromm, Walter Benjamin, dentre outros intelectuais da Escola de Frankfurt, também deixam o país. Os Estados Unidos tornam-se exílio e pátria de quase todos eles(as) durante o nazismo e o entreguerras.
- 1934** Com a Áustria invadida pelos nazistas, Sigmund Freud deixa o país. Na Alemanha, somados aos colegas de Frankfurt, Theodor Adorno deixa o país.
- 1936** *Tempos modernos*, de Charles Chaplin, ganha as telas do cinema – filme faz uma crítica ao capitalismo.
- 1937** Max Horkheimer publica *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*, texto fundador da Teoria Crítica, teoria associada à Escola de Frankfurt.
- 1939** Eclode a *I Guerra Mundial* (1939-1945).
- 1945** No Japão, as cidades de *Hiroshima* e *Nagasaki* são devastadas por bombardeios nucleares.
Nos Estados Unidos, o cientista americano Vannevar Bush publica *As we may think* (Como podemos pensar), marco do campo da Ciência da Informação. Com o fim da *II Guerra Mundial*, toma a cena a *Guerra Fria* (1945-1991), mundo dividido entre o bloco capitalista e o bloco socialista.
- 1947** O escritor alemão Thomas Mann, Nobel de Literatura (1929), publica *Doutor Fausto*, uma de suas obras-primas – uma alegoria da Alemanha de Hitler.
- 1948** O cientista norte-americano Norbert Wiener publica *Cybernetics* (Cibernética), marco do campo da Ciência da Informação.
- 1949** Em 18 de julho, em Essen, Alemanha, nasce *Axel Honneth*, um dos expoentes da “terceira geração” da Teoria Crítica/Escola de Frankfurt. Nos Estados Unidos, os cientistas norte-americanos Claude Shannon e Warren Weaver publicam *The Mathematical Theory of Communication* (Teoria Matemática da Comunicação), ou, para alguns, *Teoria Matemática da Informação*, marco teórico do campo.
- 1950** Nos Estados Unidos dos anos 1950, dá-se início a *Era de Ouro da Televisão*. Veículo se populariza como meio de comunicação de massa e entretenimento. A Ciência da Informação dos anos 1950 se inclina, em termos amplos, aos estudos de recuperação da informação. No período, conferências científicas internacionais exercem influência sobre o campo, entre elas, a *International Conference on Scientific Information* (Conferência Internacional de Informação Científica) (1958).

- 1960** Eclodem Movimentos Estudantis na Alemanha dos anos 1960.
Eclodem os Movimentos dos Direitos Civis nos Estados Unidos dos anos 1960.
Eclodem Movimentos contra a Guerra do Vietnã nos anos 1960.
A *Ciência da Informação* emerge como *disciplina científica* nos anos 1960. É o tempo da “era das conferências” históricas do campo, entre elas, as conferências do *Georgia Institute of Technology* (1961-1962), conhecidas como “Conferências do Georgia Tech”. Nesta fase, o campo se inclina, em termos amplos, aos estudos de recuperação da informação científica e técnica.
- 1966** Na União Soviética, o cientista Alexander Mikhailov e outros publicam *Informatika* ou, na tradução para o inglês, *Informatics – new name for the theory of scientific information* (Informática – novo nome para a teoria da informação científica), texto seminal para o campo e para o mundo soviético de Ciência da Informação.
- 1968** O conhecido *Maio de 1968*, movimento estudantil/civil, ganha as ruas de Paris. O *pensamento sistêmico* ronda o imaginário social e científico. Nos Estados Unidos, o cientista americano Harold Borko publica *Information Science: what is it?* (Ciência da Informação: o que é isto?), texto seminal que, segundo alguns, traz à luz a “definição clássica” de Ciência da Informação.
- 1970** A Ciência da Informação dos anos 1970 se inclina, em termos amplos, à(s) teoria(s) do cognitivismo e aos estudos de usuários e sistemas de recuperação da informação.
- 1980** A Ciência da Informação dos anos 1980 se inclina, em termos amplos, à(s) teoria(s) da Administração e aos estudos de organização e gestão dos “recursos” informacionais.
- 1989** Queda do Muro de Berlim. Alemanha e Mundo divididos agora são um só. Era da *globalização*.
- 1990** A Ciência da Informação dos anos 1990 se inclina, em termos amplos, à(s) influência(s) da globalização e do progresso tecnológico (popularização do computador e da Internet), que redimensionam os estudos do campo.
- 1997** Nasce o Google, maior buscador de dados e de informações da Internet, com mais de 694 mil buscas, por minuto, em todo o mundo.
- 2001** A Ciência da Informação do século XXI se inclina, em termos amplos, às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) e ao acesso remoto dos repertórios informacionais, seus efeitos e desafios.
Novo milênio, novas interações/redes sociais: Facebook (2004), Twitter (2006), WhatsApp (2009), Instagram (2010), entre outras no horizonte.
Mundo e(m) crise: crises sanitárias, emergências climáticas, crises econômicas, guerras híbridas, crises humanitárias, entre outras no horizonte.
Ciência e(m) crise: de um lado, obscurantismo, revisionismo, negacionismo e ciência desacreditada; por outro, “marcha da ciência”, “ciência combate pandemia(s)”, “ciência reacreditada” e mais.
Informação e(m) crise: fake news, desinformação, infodemia, pós-verdade e mais.

A Ciência da Informação do século XXI se inclina, gradualmente, ainda que indiretamente, à tradição da Teoria Crítica (teoria e teóricos), abrindo caminho para uma agenda de pesquisa e inscrevendo no horizonte a possibilidade de nascimento de uma *Teoria Crítica da Informação*.

1 Teoria Crítica em Tempos Críticos: ponto de partida

*É preciso formar mentes
críticas em tempos críticos*

Marlova Noletto
Diretora da Unesco

Em tempos críticos, de um lado, tempos em que grassam “obscurantismos”, “revisionismos”, “negacionismos”, “individualismos”, “nacionalismos” e “ismos” de toda ordem, em que “crises sanitárias”, “emergências climáticas”, “crises econômicas”, “guerras híbridas” e “crises humanitárias” assolam povos e nações. De outro, tempos em que “fatos alternativos” desafiam fatos científicos, em que “pós-verdades” põem em causa verdades científicas, em que “fake news” põem à prova informações factuais. Mas também, por sua vez, tempos em que “vozes” se levantam em favor do bem-estar social, dos direitos humanos e em defesa da vida. Tempos, ainda, em que nações “estendem as mãos” em sinal de solidariedade e sensibilidade à dignidade humana, em que a ciência “marcha” e “avança” por sua sobrevivência e credibilidade. Em tempos assim, é preciso (in)formar mentes críticas para *ler, ver e entender* estes tempos críticos, é preciso retomar as tarefas da Teoria Crítica, também conhecida como Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. Ou seja, é preciso assumir a *tarefa* dialética e dialógica de traçar um *diagnóstico* crítico, analítico e vigilante do tempo presente, em busca de possíveis saídas, vias de superação, horizontes de emancipação, de algum *prognóstico* de futuro.

Revela-se oportuno e atual refletir, via Teoria Crítica, tais manifestações no centro de articulações que tanto podem situar-se a serviço de interesses associados à *esfera privada* quanto à *esfera pública*, que tanto podem amparar-se em *ações pré-determinadas* por fins quanto em *ações autônomas*, que tanto podem servir às demandas da *ordem sistêmica* e do *capital* quanto às *urgências sociais*, aos *ideários humanístico e social*, que se projetam tanto a serviço da *colonização* do sujeito nas maneiras de ver, agir e entender a si, o outro e o mundo a sua volta, quanto se projetam em favor da *emancipação*, das maneiras autônomas do sujeito ver, agir e entender a si, o outro e o mundo a sua volta, que tanto se projetam em prol de interesses não-coletivos, do

capital e do poder e da *consolidação do status quo*, quanto se projetam em prol do bem comum, do bem estar em coletividade e da *transformação do status quo*.

Os constructos de uma Teoria Crítica atualizada nos ajudam sobremaneira nesta tarefa, neste exercício de pensar, refletir e problematizar o sujeito humano nas diferentes esferas sociais da vida contemporânea. A Teoria Crítica nos ajuda, em termos amplos, a nos debruçar sobre as razões/ações que movem e coordenam os sujeitos em seus contextos cotidianos. Razões/ações que se manifestam de diferentes maneiras e de inúmeras formas, seja no plano coletivo ou individual, na esfera pública ou privada, nos contextos corporativo ou acadêmico/científico. Razões/ações que, nos contextos acadêmico e/ou científico, ganham vida e voz por meio de concepções e/ou projeções da *Teoria Tradicional* e da *Teoria Crítica*, das Ciências Sociais à Ciência da Informação.

Posicionando-se a serviço da tradição/projeto da *Teoria Tradicional*, a ciência se projeta como vetor expressivo e propulsor de uma tradição tecnicista, finalista, útil. Como célula de um *mundo de administração das consciências e das coisas*, contexto estruturado e teleguiado, sem o saber, pelo império do poder, da técnica e do capital. Cujas estruturas favorecem a concepção e a validação de uma visão de mundo e de ciência técnica, objetiva, neutra, *empiricamente funcional*. Cujos resultados (in)diretamente favorecem mais a consolidação do *status quo*/do estado de coisas. Cujas estruturas, no contexto da Ciência da Informação, favorecem muito mais projeções inclinadas à *Teoria Matemática da Informação*.

Posicionando-se a serviço da tradição/projeto da *Teoria Crítica*, a ciência se projeta como vetor expressivo e propulsor de uma tradição dialética, dialógica e emancipatória. Como célula de um *mundo de emancipação possível das consciências e das coisas*, contexto estruturado *pela e para* evolução social e/ou emancipação social. Cujas estruturas favorecem a concepção e a validação de uma visão de mundo e de ciência que integra dimensão técnica e emancipatória, consciente de sua tarefa social e das condições que determinam sua atividade, ciência *crítico-reflexiva*. Cujos resultados (in)diretamente favorecem mais a transformação do *status quo*/do estado de coisas. Cujas estruturas, no contexto da Ciência da Informação, favorecem muito mais projeções voltadas à *Teoria Crítica da Informação*.

Ante essas tradições/projetos teóricos ambivalentes/duais, sentimo-nos motivados a pensar, problematizar e reflexionar sobre tudo isso nos horizontes da Ciência da Informação. Sentimo-nos encorajados a discutir essas perspectivas duais no âmbito do campo da informação ante um contexto contemporâneo altamente capitalizado e tecnologizado, de um lado, e cada vez mais sedento de consciência crítica, coletiva, solidariedade, cooperação social, de outro.

O estudo em tela nasce amparando-se sobremaneira em três razões fundamentais. Primeiro, respaldamo-nos no fato de a temática “epistemologia” ocupar lugar de relevo na agenda dos estudos e pesquisas da Ciência da Informação, cujos ecos ressoam e dão título ao próprio “GT-1, do ENANCIB¹” (Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação). Segundo, apoiamo-nos na constatação de que há “urgência de trabalhos de cunho epistemológico e filosófico em Ciência da Informação” (SALDANHA, 2008, p. 8). E, terceiro, amparamo-nos na compreensão de que os constructos da Teoria Crítica se projetam como via promissora para se pensar e repensar o papel e o significado do fenômeno/objeto *informação* e do próprio campo da *Ciência da Informação* na atual conjuntura, reassentando-os em novas bases.

Com base em tudo isso, na direção do perguntar, sentimo-nos motivados a delinear a seguinte questão norteadora: *Como entender uma Teoria Crítica da Informação à luz da Teoria Crítica de Frankfurt, no contexto da Ciência da Informação?* Na tentativa de responder à questão delineada, enquanto horizonte possível, *partimos da hipótese de que os encaminhamentos da Teoria Crítica de Frankfurt erguem-se sobremaneira fecundos como via para se perceber e conceber a Ciência da Informação, a informação e as coisas do campo informacional, em termos mais humanos, sociais e crítico-reflexivos, de modo a reafirmar de maneira decisiva e sustentada o seu pertencimento à condição de ciência social, muito além de projeções pragmatistas, tecnicistas e positivistas.*

Valendo-nos dos encaminhamentos da Teoria Crítica, nos lançamos na direção da tarefa de discutir o papel e o significado da Ciência da Informação ante os domínios da Teoria Tradicional, via Teoria Matemática da Informação (de caráter matematizável/técnico/tradicional), e ante os domínios da Teoria Crítica, via Teoria Crítica da Informação (de caráter humanístico/crítico/emancipatório). Esforçamo-

¹Leia-se: Grupo de Trabalho 1 (GT1), do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB).

nos, pois, na tarefa de colaborar com os estudos epistemológicos da Ciência da Informação, de discutir, via reflexão crítica, os horizontes do campo ante as projeções técnico-instrumentais (típicos da Teoria Tradicional/Teoria Matemática) e ante projeções crítico/emancipatórias (válidas junto à Teoria Crítica/Teoria Crítica da Informação).

Isso posto, enquanto farol a iluminar este estudo, definimos o seguinte objetivo geral: *entender a Teoria Crítica de Frankfurt como fundamento filosófico-sociológico para a construção de uma Teoria Crítica da Informação junto ao campo da Ciência da Informação.*

Tal objetivo, por sua vez, ancora-se e desdobra-se nos seguintes objetivos específicos:

- *identificar as principais categorias conceituais discutidas por Max Horkheimer em sua Teoria Crítica (ou Teoria Crítica da Escola de Frankfurt), são elas, Teoria Tradicional e Teoria Crítica;*
- *relacionar as categorias conceituais da Teoria Tradicional e da Teoria Crítica às categorias conceituais da Teoria Matemática da Informação e da Teoria Crítica da Informação, categorias válidas na Ciência da Informação;*
- *discutir o “lugar” da Teoria Crítica no âmbito das Ciências Sociais Aplicadas, notadamente, no contexto da Ciência da Informação;*
- *reconhecer o papel e significado da Teoria Crítica como fundamento filosófico-sociológico de profunda relevância para o pensamento contemporâneo da Ciência da Informação; e,*
- *desenvolver “uma²” proposição de conceito de Teoria Crítica da Informação para o campo da Ciência da Informação, de inspiração nos delineamentos da Teoria Crítica de Frankfurt.*

Entendemos que o tema se revela válido e atual ao campo informacional, uma vez que a Ciência da Informação tem se notabilizado no campo das ciências sociais por seu elevado interesse em se debruçar sobre sua história, sua gênese e seus fundamentos. Uma vez que tem se sobressaído por sua incansável busca em conhecer-se melhor (epistemologicamente), em posicionar-se de forma mais sustentada

²Frisa-se “uma” Teoria Crítica da Informação porque se quer deixar claro que este estudo se distancia de toda e qualquer pretensão universalizante e/ou totalizante. Se quer deixar claro que a proposta em tela se ergue como *um* dos possíveis caminhos para a reflexão crítica, dentre outros tantos possíveis, junto aos horizontes da Ciência da Informação.

(cientificamente), em precisar-se melhor (conceitualmente). Uma vez que tem se destacado por motivar e conduzir estudos e estudiosos a se inquietar e mergulhar sobre “o que é” (BORKO, 1968; CAPURRO, 1992; ARAÚJO, 2014) e o que “pode ser” a Ciência da Informação (BUCKLAND, 2012).

Nessa direção, com base na tradição da Teoria Crítica, da Escola de Frankfurt, buscamos discutir os horizontes da Ciência da Informação. Discute-se a ideia de uma Ciência da Informação *direcionada a fins*, uma *Ciência da Informação Tradicional*, inscrita na Teoria Matemática da Informação (voltada a projeções da Teoria Tradicional). E discute-se a ideia de uma Ciência da Informação *orientada à emancipação*, uma *Ciência da Informação Crítica*, inscrita na Teoria Crítica da Informação (voltada a projeções da Teoria Crítica).

Em termos históricos, em sua trajetória de campo científico, diz-se que a Ciência da Informação tem se constituído mais na direção de projeções matematizáveis/instrumentais (ARAÚJO, 2003). Em sendo assim, tem se constituído mais na direção de uma *Ciência da Informação Tradicional*, de valorização do caráter objetivo, técnico, estratégico, funcional e empírico do fenômeno/objeto informação, de consolidação de uma visão positivista, funcionalista, pragmatista e tecnicista de Ciência da Informação (BORKO, 1968; BROOKES, 1980; BUCKLAND, 1991; BUSH, 1945; SHANNON; WEAVER, 1949; WIENER, 1948). Nesta direção, apesar de avanços, tem se constituído menos na direção de projeções crítico/emancipatórias, em sendo assim, tem se constituído menos na direção de uma *Ciência da Informação Crítica*, de valorização do caráter subjetivo, humano, social e dialógico do fenômeno/objeto informação, de fortalecimento de uma visão humanística, hermenêutica e dialética de Ciência da Informação (CAPURRO, 2003, 2014; HJØRLAND, 2014; SHERA, 1971).

Ante tudo isso, partimos do entendimento de que a Ciência da Informação precisa encontrar *caminhos* para se reposicionar de forma mais decisiva e sustentada. Compreendemos que o campo precisa encontrar *vias* promissoras para se posicionar de forma mais decisiva e sustentada à humanística/emancipação e não matematização/tecnificação junto às suas discussões, estudos e investigações.

Em termos amplos, se um dia vimos surgir o alvorecer de uma Filosofia Crítica, com Kant³, de uma Sociologia Crítica, com Marx⁴, e, mais tarde, o alvorecer de uma Pedagogia Crítica, com Paulo Freire⁵, e de uma Geografia Crítica, com Milton Santos⁶, dentre outras perspectivas críticas, se revela legítimo ensejar caminho semelhante junto à Ciência da Informação. Se revela legítimo ensejar ver surgir o alvorecer de uma *Ciência da Informação Crítica*, de uma *Teoria Crítica da Informação* entre nós – guardados os limites e as devidas proporções de tal caminho junto ao campo.

Por tudo isso, fundamentamo-nos nos constructos teóricos do pensamento vivo e atual da Teoria Crítica, cuja força e potencial das ideias e dos teóricos já fora percebido, direta e/ou indiretamente, por estudiosos e estudos do campo da Ciência da Informação no mundo e no Brasil.

Exercem influência direta e/ou indireta sobre grandes nomes e pesquisadores(as) do campo⁷ deste lado do Atlântico. Exercem influência direta e/ou indireta sobre grandes eventos do campo junto à costa brasileira e além-mar, dentre os quais, o *Colóquio de Filosofia da Informação*, o *Colóquio Habermas*, ambos de organização, apoio e realização do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)/ Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB)/ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)/ Universidade Federal Fluminense (UFF)/ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), assim como o *Seminário Internacional de Estudos Críticos em Informação, Tecnologia e Organização Social*, de organização, apoio e realização do IBICT/ Conselho Nacional de

³Immanuel Kant (1724-1804). Filósofo e pensador alemão. Obra(s) sugerida(s): *Crítica da razão pura* (1781), *Resposta à pergunta: "Que é Esclarecimento"* (1783), *Fundamentação da metafísica dos costumes* (1785), *Crítica da razão prática* (1788), dentre outras.

⁴Karl Marx (1818-1883). Filósofo e pensador alemão. Obra(s) sugerida(s): *A ideologia alemã* (1932) (obra em coautoria com Engels), *Manifesto comunista* (1848) (obra em coautoria com Engels), *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* (1852), *O capital* (1867), dentre outras.

⁵Paulo Freire (1921-1997). Educador e filósofo brasileiro. Obra(s) sugeridas: *Education for critical consciousness* (1965), *Educação como prática da liberdade* (1967), *Pedagogia do oprimido* (1968), *Pedagogia da esperança* (1992), *Pedagogia libertadora* (1995), *Pedagogia da autonomia* (1996), dentre outras.

⁶Milton Santos (1926-2001). Geógrafo e pensador brasileiro. Prêmio Vautrin Lud em Geografia (1994), "Nobel da Geografia". Obra(s) sugerida(s): *Por uma geografia nova* (1978), *Por uma outra globalização* (2000), *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI* (2001), dentre outras.

⁷No Brasil, destacadamente, nomes como Maria Nélida González de Gómez e Clóvis Ricardo Montenegro de Lima, dentre outros grandes nomes oriundos do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), da Universidade Federal Fluminense (UFF), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), dentre outros egrégios institutos de Norte a Sul do Brasil.

Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)/International Center for Information Ethics (ICIE), dentre outros. Exercem ainda influência direta e/ou indireta sobre cursos livres/cursos de verão do campo no Brasil, a exemplo da *Escola de Verão*, de organização, apoio e realização do IBICT/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/CNPq, dentre outras iniciativas nacionais e mundo afora.

No contexto da Ciência da Informação, a Teoria Crítica, ergue-se, por exemplo, como via promissora para entendermos e discernirmos que projeções *direcionadas a fins* “tem sido decisivos no âmbito tecnológico e científico” (FIDELIS, 2014, p. 104), “mas que não contribuem da mesma forma para a promoção de formas de vida emancipadas”, projeções *direcionados a emancipação* (FIDELIS, 2014, p. 104). Valendo-nos da Teoria Crítica, por exemplo, acreditamos ser possível colaborar com os estudos epistemológicos do campo seja para reassentar as discussões sobre os horizontes teóricos/metodológicos do campo em novas bases, seja para iluminar os desafios e os antagonismos do tempo presente, seja para chamar a atenção do campo quanto à sua responsabilidade social e emancipatória.

Neste sentido, através deste estudo, esforçamo-nos a situar os desafios e os caminhos de uma Ciência da Informação para o avanço do pensamento crítico em diálogo com a Teoria Crítica de Frankfurt.

Ante tudo isso, em diálogo com o pensamento e os pensadores críticos de Frankfurt, este estudo se estrutura em oito seções, das quais estas *reflexões iniciais* erguem-se como a seção primeira, o ponto de partida.

Já a segunda seção, *Veredas Metodológicas*, traz à superfície a metodologia traçada e desenvolvida junto à pesquisa. Apresenta a classificação da pesquisa (classificada como *teórica*), seu caráter decisivo (caráter *epistemológico*, na perspectiva bachelardiana), e os caminhos de que se vale, caminhos da *hermenêutica* (na perspectiva habermasiana).

Quanto à terceira seção, *Da Teoria Tradicional à Teoria Crítica: uma breve história intelectual do pensamento ocidental*, apresenta a saga da tradição da Teoria Tradicional e da tradição da Teoria Crítica na história intelectual do pensamento ocidental, dos idos da Modernidade aos atuais dias da Escola de Frankfurt.

Intitulada *Teoria Crítica da Escola de Frankfurt: teóricos, teorias e ecos*, a quarta seção traz à luz os atores, os textos e os contextos que dão vazão à Teoria Crítica, teoria de

inspiração e que dá sustentação a este estudo. Destaca episódios, teorias e teóricos envoltos à Teoria Crítica, cuja força das ideias atravessa o curso dos tempos e dos campos científicos, das Ciências Sociais à Ciência da Informação.

Quanto à quinta seção, *Da Teoria Matemática à Teoria Crítica da Informação: um olhar sobre a história intelectual do pensamento informacional*, traz à tona reflexões sobre a Ciência da Informação enquanto *locus* de tradições e travessias teóricas, de tradições teóricas clássicas/dominantes, a exemplo da Teoria Matemática da Informação, e de travessias teóricas emergentes/promissoras, a exemplo da Teoria Crítica da Informação.

Já a sexta seção, intitulada *Teoria Crítica da Informação: temáticas, tendências e estudos em Ciência da Informação*, traz à superfície uma leitura de síntese sobre o atual “lugar” da Teoria Crítica na Ciência da Informação, seus reflexos e reflexões junto ao campo, via temáticas e estudos.

Quanto à sétima seção, *Teoria Crítica da Informação: construção de um conceito*, traz à lume uma propositura de conceito de *Teoria Crítica da Informação* para o campo da Ciência da Informação, com base nos delineamentos da tradição da Teoria Crítica de Frankfurt.

Por fim, a oitava e última seção, *Teoria Crítica da Informação hoje e amanhã: ponto de chegada, novos pontos de partida*, aborda a atualidade da Teoria Crítica para pensar e/ou repensar nossos tempos críticos, de “ismos” de toda sorte, obscurantismos, revisionismos, negacionismos, entre outros. Discute, valendo-se da Teoria Crítica, nossos tempos de crises, de tensões e de guerras. Analisa, via teoria Crítica, nossos tempos de dor e delícia da “era digital” (CAPURRO, 2014). Em particular, debate, valendo-se da Teoria Crítica, o atual estado de coisas de nosso tempo, e, sobretudo, de nosso campo informacional, de *fake news*, de pós-verdade e de desinformação. Enfatiza, ante tudo isso, a validade de conceitos como *técnica, ciência, ética, ideologia, dialética, bem-estar social e emancipação social*, entre outros caros à Teoria Crítica, para trazer luz e/ou iluminar os desafios de nosso tempo, de nosso campo, em síntese, de nossos tempos críticos.

2 Veredas Metodológicas

A seção em tela revela as “veredas” e/ou os caminhos trilhados pelo percurso investigativo. De partida, traz à lume a classificação do estudo em termos metodológicos, pesquisa *teórica*. Em seguida, desvela metodologicamente o traço marcante do estudo, seu caráter *epistemológico*, de inspiração bachelardiana. E, por fim, evidencia outras influências metodológicas de que se vale o estudo, tais como as possibilidades *hermenêuticas*, de inspiração habermasiana.

2.1 Caminhos da pesquisa teórica

Em pesquisa se projetam um conjunto de ideias e de ações que, somadas, buscam investigar e sondar a realidade sensível e cognoscível. Dessas ideias e ações, nasce a *atitude científica* (DEMO, 1985, 2004; MINAYO, 2006, 2007). Dessa atitude, nasce(m) objetivos claros e critérios sustentados (DEMO, 2004; MINAYO, 2006, 2007). Disso tudo, resulta um vigoroso e rigoroso *desenho lógico e racional*, em torno do qual se projetam as *linhas teóricas*, as *escolhas procedimentais* e os *sopros criativos* inscritos nas investigações e estudos científicos (DEMO, 2013; MINAYO, 2004).

Definimos o presente estudo como sendo uma pesquisa classificada como *teórica*, de caráter *epistemológico*, na perspectiva bachelardiana, que se vale das possibilidades da *hermenêutica*, na perspectiva habermasiana.

Pesquisas classificadas como *teóricas* são pesquisas que não implicam intervenção direta na realidade, mas que exercem papel decisivo na criação de condições para a intervenção (DEMO, 2000). São pesquisas que buscam repensar fundamentos, conceitos e teorias, mirando, a rigor, “penetrações inéditas” (DEMO, 2000). Estudos de natureza teórica buscam apontar “novas dimensões”, apresentar outras concepções, de preferência autorais e até então inexploradas nos horizontes das ideias e dos fundamentos de um campo científico (DEMO, 2000).

Dentre outros aspectos, pesquisas teóricas requerem e oportunizam: a) um mergulho teórico profundo nas ideias que circundam o fenômeno de estudo; b) uma vigilância e rigor conceitual apurados sobre os conceitos envolvidos ao fenômeno de estudo; c) uma habilidade de argumentação diversificada, de modo a construir uma posição coerente e sustentada sobre o fenômeno de estudo; d) uma disposição (auto)crítica para reassentar as bases do fenômeno em investigação em “novas bases”; e, por fim, e) um ímpeto incansável e desejoso de agregar ao fenômeno de estudo “ares de ineditismo” sempre que possível (DEMO, 1994, 2000). Sobre este tipo de pesquisa, Demo (2000, p. 20) esclarece:

[...] Trata-se da pesquisa que é dedicada a reconstruir teoria, conceitos, idéias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos. [Trata-se de] um tipo de pesquisa orientada no sentido de reconstruir horizontes teóricos, quadros de referência, condições explicativas da realidade, discussões pertinentes.

Nessa direção, a escolha pelas possibilidades da pesquisa teórica parece-nos oportuna, porque equilibra *mergulho* teórico-conceitual de fôlego e *disposição* para reassentá-lo em novas bases. Guiados pelo olhar teórico, somos encorajados a nos deixar invadir pela verve crítica, espírito reflexivo e fôlego autoral junto às ideias, teorias e fundamentos de um dado campo. Todos eles, requisitos indispensáveis para se pensar, por exemplo, a Ciência da Informação no caminho de uma *Teoria Crítica da Informação*.

Com base nisso, junto às possibilidades dos trajetos teóricos somamos as possibilidades dos trajetos epistemológicos (e/ou olhar epistemológico). Juntos, em nosso sentir, ambos se revelam promissores às pretensões e aos objetivos do estudo.

2.2 Sendas epistemológicas em e com Bachelard⁸

Estudos de caráter *epistemológico* se notabilizam, em termos amplos, por seu caráter de reflexão incansável e vigilância permanente sobre condições, conjunturas e estado de coisas. Na perspectiva bachelardiana, a epistemologia caminha “entre”, entre pólos, isto é, entre compreensão e experiência, entre subjetividade e objetividade da atividade científica (BACHELARD, 1983, 1974, 1968). Nestes termos, a epistemologia nunca se vê puramente como *uma* nem completamente como *outra*, por exemplo, “nunca diretamente vinculada à metafísica, nem [unicamente voltada] à aplicabilidade” (SALDANHA, 2008, p. 60). Se vê, pois, como vida pensada e vida vivida indissociadas, isto porque, segundo Bachelard (1974), retomando o exemplo, “o empirismo precisa de ser compreendido; [e] o racionalismo precisa de ser aplicado” (BACHELARD, 1974, p. 162).

Daí decorre a necessidade de formação de um “novo espírito científico”, tese e defesa de toda uma vida de Bachelard (1983, 1974, 1968). Visto que nele, assegura o filósofo francês, se opera e reside a capacidade de “dialetrizar”, de dialetizar, por exemplo, “as filosofias empírica e racionalista”, e assim de dialetizar teoria e prática, objetivo e subjetivo, texto e contexto (SOUZA, 2011, p. 58). Sobre isso, Bachelard (1974, p. 162-163, grifo nosso) versa:

⁸Gaston Bachelard (1884-1962). Filósofo, químico e poeta francês. Obra(s) sugerida(s): *A formação do Espírito Científico* (2007).

Pensar cientificamente é colocar-se no campo *epistemológico* intermediário entre teoria e prática, entre matemática e experiência. Conhecer cientificamente uma lei natural é conhecê-la simultaneamente como fenômeno e como número. [...] [E torna a dizer:] O empirismo precisa de ser compreendido; o racionalismo precisa de ser aplicado [...].

É nesse caminho, nesse rumar em direção ao “espírito dialético” que, em nosso sentir, em alguma medida, Bachelard encontra Habermas, e nele, a tradição de Frankfurt. O espírito dialético se move em todos eles, em termos metodológicos, guardados os cuidados e as devidas proporções. Em Bachelard, está contido em sua *epistemologia*⁹, por aspectos já conhecidos e discutidos. Em Habermas, está contido em sua *hermenêutica habermasiana*, método forjado em diálogo com o espírito dialético do marxismo e de Frankfurt – tópico explorado adiante. Na tradição de Frankfurt, está contido em seu *materialismo interdisciplinar*, método forjado em diálogo com o espírito dialético do *materialismo dialético* do marxismo – tópico explorado em seção adiante.

Nesse sentido, a escolha pelas sendas epistemológicas bachelardianas parece-nos oportuna, porque harmoniza *reflexão* incansável e *vigilância*¹⁰ permanente sobre fundamentos, ideias e teorias. Guiados pelo olhar epistemológico, somos encorajados a nos deixar invadir pelo espírito vigilante, a sermos afeitos a questionar, a nos inclinar a (re)pensar teorias, ideias e fundamentos sem indissociá-los de forças sociais, conjunturas e estado de coisas. Todos eles, aspectos indispensáveis para se pensar a Ciência da Informação rumo à travessia para a uma *Teoria Crítica da Informação*.

Com base nisso, junto às possibilidades epistemológicas somamos os trajetos do olhar hermenêutico, notadamente da hermenêutica habermasiana. Juntos, em nosso sentir, ambos se revelam alvissareiros às pretensões e aos objetivos do estudo.

2.3 Trilhas hermenêuticas em e com Habermas¹¹

Estudos fundados na *hermenêutica habermasiana* se notabilizam por articular pensamento crítico, reflexão e interpretação no exercício da compreensão das coisas

⁹Em termos amplos, a epistemológica de Bachelard é conhecida como “Epistemologia histórica” ou, para alguns, “Epistemologia histórico-crítica”.

¹⁰A rigor, vigilância epistemológica, enquanto categoria epistemológica, é uma categoria muito cara à epistemologia bachelardiana.

¹¹Jürgen Habermas (1929-). Filósofo e sociólogo alemão. Obra(s) sugerida(s): *Conhecimento e Interesse* (1987a), *Dialética e Hermenêutica* (1987b) e *Teoria da Ação Comunicativa* (2012).

no mundo. Na perspectiva habermasiana, a hermenêutica se caracteriza como método situado muito além da condição de mero instrumento voltado à interpretação “pura” e “simples” de textos. Ao contrário. Projeta-se muito mais como método de compreensão e de ponderação crítica sobre coisas, fatos e fenômenos. Aqui, pois, se concebe a interpretação de textos vinculando-os, inevitavelmente, a seus contextos; ou seja, aqui, pois, os *fios do texto* atravessam os *fios da vida* (HABERMAS, 1987a, 1987b). Sobre a hermenêutica, Habermas (1987b, p. 66-67, grifo nosso) argumenta:

A compreensão *hermenêutica* é a interpretação de textos a partir do conhecimento de textos já compreendidos; ela conduz a novos processos de formação a partir do horizonte de processos de formação já realizados; trata-se de um novo processo de socialização, que se articula com uma socialização já percorrida, na medida em que ela se apropria da tradição, ela dá prosseguimento à tradição.

Diferentemente de outros pensadores, Habermas (1987a; 1987b) concebe a hermenêutica como método que articula espírito crítico e realidade concreta (contexto). De acordo com ele, na hermenêutica se opera uma inter-relação entre vivência, expressão e compreensão, em que “[...] a compreensão do que se expressa e a experiência que se vive possuem relações de reciprocidade [...]” (HABERMAS, 1987a, p. 160).

Dentre seus aspectos marcantes, a grande característica da hermenêutica habermasiana é exatamente seu caráter *dialógico*, o que revela certa relação entre a tradição habermasiana e a tradição crítica frankfurtiana (FREITAG, 1986). Para Habermas, quem faz uso das possibilidades da hermenêutica *dialoga* ao mesmo tempo consigo mesmo, com o mundo, e com o outro (que pode ser uma pessoa, um livro, ou um artigo científico) (MEDEIROS, 2008).

Nessa direção, a escolha pelos horizontes da hermenêutica habermasiana parece-nos promissora, porque equilibra a contento (*re*)*interpretação* crítico-reflexiva das ideias, dos fundamentos e das teorias em investigação e *consideração* contextual das condições que lhes sustentam. Guiados pelo olhar hermenêutico, somos encorajados a nos deixar invadir pelo exercício crítico-reflexivo de textos vinculando-os inevitavelmente a seus contextos. Requisito e/ou tarefa indispensável para pensar uma Ciência da Informação no caminho de uma *Teoria Crítica da Informação*.

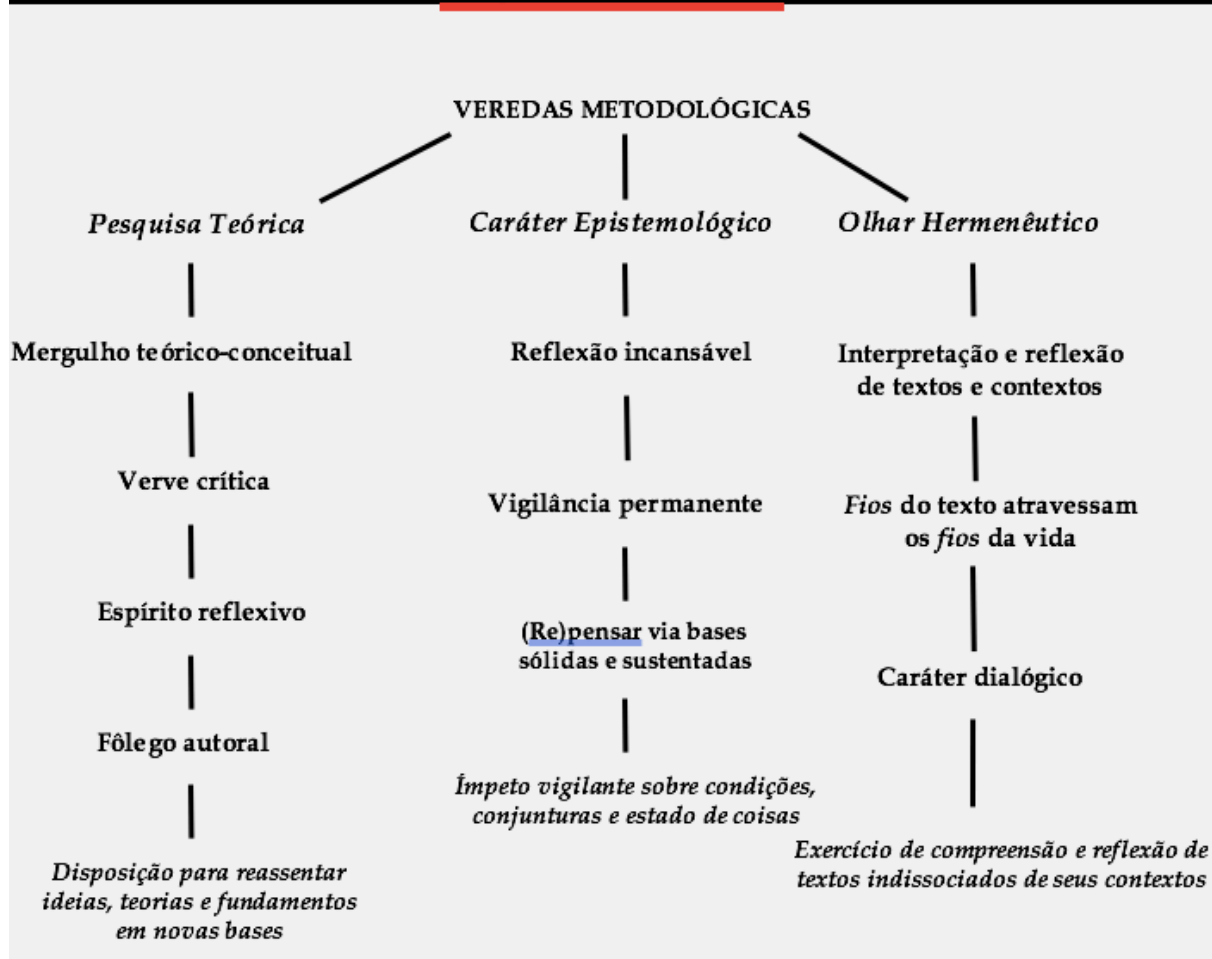
Em termos amplos, guiados por esse “olhar” hermenêutico, somos motivados a erguer teses e não dogmas sobre os alinhamentos da Teoria Tradicional e da Teoria

Crítica junto às coisas da Ciência da Informação. Somos convidados a erguer sínteses interpretativas e não conclusões definitivas desses alinhamentos junto às tendências e aos tópicos teóricos, metodológicos e temáticos nos horizontes do campo. Somos encorajados a criar “verdades” e não certezas sobre as tradições e as travessias teórico-epistemológicas da Ciência da Informação, dentre as quais, uma possível travessia rumo a uma *Teoria Crítica da Informação*.

Convém ressaltar, no entanto, que recorrendo a tais vias metodológicas não temos o intuito de esgotar nem mesmo resolver possíveis “dilemas” teórico-epistemológicos da Ciência da Informação. Nosso intuito é, antes de tudo, contribuir com a Ciência da Informação no sentido de apresentar *um outro olhar* teórico-epistemológico ao campo: um *olhar crítico-emancipatório*, próprio de uma *Teoria Crítica da Informação*, muito além de projeções pragmatistas, tecnicistas e positivistas.

Como esforço de síntese, sugerimos adiante um “mapa conceitual” das tessituras constitutivas desta seção (Seção 2) (Figura 1).

Figura 1 – Mapa Seção 2



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

3 Da Teoria Tradicional à Teoria Crítica: uma breve história intelectual do pensamento ocidental

A seção em relevo constitui o ponto de partida do estudo. Viaja no tempo, notadamente à “Era das Luzes”, para, em sua interpretação, de um lado, iluminar as “raízes” do que se passou chamar de Teoria Tradicional e, de outro, trazer a lume o “florescer” do que se convencionou chamar de Teoria Crítica. De partida, a seção se volta aos indícios da chamada Teoria Tradicional, destacando seu projeto, seus pensadores e seus “limites”. Em seguida, avança no tempo, e apresenta a passagem da tradição da Teoria Tradicional para a tradição da Teoria Crítica, destacando, quanto a esta última, seu projeto, seus pensadores e seus horizontes possíveis.

3.1 A Modernidade e a Teoria Tradicional

Penso, logo existo

René Descartes

Horkheimer (1975) desenvolve sua Teoria Crítica estabelecendo uma clara oposição entre ela e a Teoria Tradicional. Ou seja, ao longo de toda Teoria Crítica, teoria e obra de Horkheimer (1975), se vê, a todo instante, claras distinções, sucedidas umas às outras, do *que é* Teoria Tradicional e do *que é* Teoria Crítica (seus *fundamentos*, seus *conceitos* e suas *tarefas*).

Segundo Horkheimer (1975), as origens da *Teoria Tradicional* remontam às origens da filosofia moderna, e nela, fundamentalmente a Descartes¹² (1973c; 1973b; 1973a), sua teoria, sua ciência e seu mundo.

Remontam, assim, aos tempos da *modernidade*¹³. Era de culto ao *conhecimento*¹⁴ – do saber como fonte e explicação para tudo –, de culto ao *método* científico – do método

¹²René Descartes (1596-1650). Filósofo, físico e matemático francês. Obra(s) sugerida(s): *Discurso sobre o método* (1637), *Meditações* (1641), *As paixões da alma* (1649), dentre outras.

¹³Na *modernidade*, o conhecimento, via razão e método científico, ergue-se em definitivo como resposta para tudo, enquanto manancial do saber (BURKE, 2012; CHALMERS, 1993; GHIRALDELLI, 2008). Em *Princípios de filosofia do direito*, Hegel, chega a afirmar: “[...] o que é racional é real, e o que é real é racional [...]” (HEGEL, 1997, p. 36). Trata-se de uma das eras de ouro do pensamento racional e científico. Era em que a ideia de indivíduo, de sociedade, de ciência, de economia e de arte, assume configurações próprias, genuínas e distintas. Assume manifestações inscritas nas ideias do iluminismo, capitalismo, racionalismo, empirismo, experimentalismo, funcionalismo, através de mentes de pensadores como Locke, Montesquieu, Voltaire, Rousseau, Kant e outros (BURKE, 2012; CHALMERS, 1993; GHIRALDELLI, 2008; IANNI, 1989, 2004). Com a entrada na modernidade, os ventos sopravam a favor do espírito científico e racional, o clima intelectual era amplamente favorável. Da filosofia à economia se buscava integrar raciocínio filosófico ao científico, elevando-os a condição de exercícios inerentes ao indivíduo. Tudo isso, no esforço, sobretudo, de se comprovar teses negadas pelo poder de outrora, período conhecido como idade e/ou era das “trevas intelectuais”, período em que a Igreja exercia seu poder implacável sobre o mundo e os homens.

¹⁴O *conhecimento científico* moderno e ocidental não surge soberano ao acaso. Surge em meio a uma sucessão de fases, gerações e acontecimentos da história da humanidade (CHALMERS, 1993; IANNI, 1989, 2004; BURKE, 2012). O culto do conhecimento se inscreve em diversos momentos da história da civilização ocidental. Desde a *antiguidade*, com a cultura oral da *ágora* grega, o conhecimento é considerado entre nós em elevada conta (VERNANT, 2000; GHIRALDELLI, 2008). Dos *renascentistas/humanistas* – os primeiros filósofos, cientistas e artistas a dar um caráter quase que inteiramente secular à filosofia, às artes e à ciência, nos séculos XIV a XVII – vem a vitória decisiva da razão, de sua visão de mundo e do conhecimento científico, sobre a Igreja, sua visão de mundo e de *conhecimento teocientífico* – tipo de conhecimento situado na intrincada relação entre pensamento, ciência e religião, muito em voga na Idade Média (KUHN, 1998; GHIRALDELLI, 2008). Deles, o conhecimento científico lega e/ou ganha identidade própria, amplia seus domínios e inicia sua era de poder e influência entre nós, algo sem precedentes na história da humanidade; era de ideias fundadoras como *heliocentrismo*, *racionalismo* e *empirismo*; era de pensadores fundamentais como Galileu Galilei, Kepler, Baruch, Spinoza, Hobbes, Bacon, Newton, entre outros (CHALMERS, 1993; GHIRALDELLI, 2008;

como meio para fonte do saber –, de ode ao *iluminismo* – do movimento em defesa do método, da razão e do saber acima de tudo. Tempos do *empirismo*¹⁵ – corrente de culto à experiência como fonte do saber e de culto ao *método indutivo*¹⁶. Tempos do *mecanicismo*¹⁷ – versão do empirismo, corrente de culto à experiência como fonte do saber e de culto ao método indutivo (BURKE, 2012; CHALMERS, 1993; GHIRALDELLI, 2008). Era, acima de tudo, de culto ao *racionalismo* – corrente cartesiana de culto à razão como fonte do saber e de culto à *ciência dedutiva*¹⁸ –, ou seja, de culto ao cartesianismo (DESCARTES, 1973c; 1973b; 1973a), e neles, de culto à Teoria Tradicional, segundo a gramática horkheimiana.

Descartes, talvez, está para o pensamento moderno assim como Platão¹⁹ está para o pensamento antigo, tamanho seu êxito e feitos atemporais. Por uns, Descartes fora censurado e banido a força e sabre. Censurado por Luís XIV, que banuiu o ensino de sua filosofia em França, em XVII. Abolido pela Igreja, que banuiu sua filosofia e seus livros ao *Index*²⁰, em XVII. Banido até mesmo por universidades e academias de ciências, que censuraram sua filosofia, por desafiar o pensamento vigente, até o século XVIII. Por outros, Descartes fora celebrado e exaltado em verso e prosa. Celebrado como o “primeiro filósofo moderno” e/ou “pai da filosofia moderna” por seus contemporâneos e além deles. Exaltado com verdadeiro “herói”, pelos iluministas, em

BURKE, 2012). Em definitivo, coube aos *iluministas* destronar a Igreja do poder soberano sobre o pensamento, a política e a cultura ocidental. Coube a eles trazer luz aos indivíduos, dar-lhes autonomia de pensar e agir, restituir-lhes o conhecimento, o fogo de Prometeu (ÉSQUILO, 2004).

¹⁵Ideia(s) alusiva(s) ou de inspiração em Francis Bacon (1561-1626). Filósofo e pensador inglês. Obra(s) sugerida(s): *Novum Organum* (1620), dentre outras. Para Bacon e seu *método indutivo*, é a experiência, e não a razão, a fonte do saber, assim, a compreensão do que é real e do que não é, se dá por meio dos cinco sentidos e não da razão.

¹⁶*Ciência, raciocínio e/ou método indutivo*, na perspectiva baconiana, constitui a ciência/o raciocínio/o método em que *da premissa particular chega-se à conclusão universal*.

¹⁷Ideia(s) alusiva(s) ou de inspiração em Thomas Hobbes (1588-1679). Filósofo e pensador inglês. Obra(s) sugerida(s): *Os elementos da lei natural e política* (1642), *Leviatã* (1651), dentre outras. Para Hobbes e seu *método indutivo*, em linha com o empirismo baconiano, é a experiência, e não a razão, a fonte do conhecimento, assim, se entende o que é real e o que não é, por meio dos cinco sentidos e não da razão.

¹⁸*Ciência, raciocínio e/ou método dedutivo*, na perspectiva cartesiana, constitui a ciência/o raciocínio/o método em que *da premissa universal (ponto de partida) chega-se à conclusão particular (ponto de chegada)*.

¹⁹Platão (428/427 a.C-348/347 a.C). Filósofo e pensador grego. Obra(s) sugerida(s): *Teeteto (ou Do conhecimento)* (aproximadamente 369 a.C), *A República* (aproximadamente 380 a.C), *O Banquete* (aproximadamente 380 a.C), *Fédon* (aproximadamente 385 a.C), dentre outras.

²⁰*Index*, a rigor, significa o equivalente em latim de *índice* e/ou lista de livros proibidos pela Igreja Católica de Roma, em vigência a partir do século XVI (BRAUDEL, 1995; CHARTIER, 1988).

XVII. Considerado grande “revolucionário”, pelos enciclopedistas²¹, em XVIII. De tempos em tempos, Descartes é resgatado seja para ser discutido e/ou revisitado junto aos mais diversos ângulos, temas e campos. É certo que, desde a modernidade, todos ou talvez todos os caminhos do conhecimento levam a Descartes, seja para dele discordar e/ou seja para com ele concordar em termos acadêmicos/científicos (BURKE, 2012; CHALMERS, 1993; GAUKROGER, 1999).

Em termos biográficos, Descartes é descrito fundamentalmente como “pensador ousado”, “homem de ação” e “polímata²²” como poucos. Em termos de influências intelectuais, diz-se, distanciou-se do pensamento aristotélico²³, inclinou-se, em momentos distintos, ao ceticismo, ao mecanicismo e às tendências naturalistas de seu tempo. Em termos de legado, versado em vários campos, deu sua contribuição à geometria, à física, à filosofia, à metafísica e além. Em vida, tomou contato e/ou fora contemporâneo de grandes ideias e de grandes pensadores da história do mundo Ocidental. No campo das ideias, tomou contato e/ou fora contemporâneo do iluminismo, capitalismo, liberalismo, utilitarismo, empirismo, experimentalismo, mecanicismo, entre outras mais. No rol dos pensadores, tomou contato e/ou fora contemporâneo de grandes nomes das humanidades, como Espinosa²⁴, Locke²⁵,

²¹Dentre os quais, destacadamente Jean D’Alembert (1717-1783), filósofo, matemático e enciclopedista francês (GAUKROGER, 1999).

²²*Polímata* constitui uma expressão cunhada em meados do século XVII para se referir a um indivíduo versado em vários campos, que domina e/ou se interessa pelos mais diversos assuntos e áreas (BURKE, 2020).

²³Ideia(s) alusiva(s) ou de inspiração em Aristóteles (384 a.C.-322 a.C). Filósofo e pensador grego. Obra(s) sugerida(s): *Metafísica* (aproximadamente séc. IV a.C), *Poética* (aproximadamente entre 335 a.C./323 a.C), *Política* (aproximadamente entre 350 a.C.), dentre outras. Grosso modo, para Aristóteles e sua *lógica aristotélica*, é o mundo sensível/mundo real, e não o mundo cognoscível/mundo das ideias platônicos, a fonte primeira de todo saber e de todas as coisas, assim, a compreensão do que é real e do que não é, se dá por meio das coisas/dos cinco sentidos e não das ideias.

²⁴Baruch Espinosa ou Benedictus Espinoza (1632-1677). Filósofo e pensador holandês. Obra(s) sugerida(s): *Ética* (1677), *Tratado da reforma do entendimento* (1677), *Tratado político* (1677), dentre outras.

²⁵John Locke (1632-1704). Filósofo e pensador britânico. Obra(s) sugerida(s): *Ensaio acerca do entendimento humano* (1689), dentre outras. Em termos amplos, é dito que a tríade de pensadores britânicos composta por e John Locke, Francis Bacon e Thomas Hobbes, cada um ao seu modo e ao seu tempo, manteve uma relação de aproximação e de distanciamento com a filosofia de René Descartes. Distanciavam-se de Descartes em termos de caminho filosófico, pois defendiam o empirismo, ao passo que o filósofo francês defendia o racionalismo como fonte de todo saber. Aproximavam-se de Descartes quanto ao horizonte comum que os unia, quanto à ideia presente em todos eles de que o homem é um ser dotado de razão, capaz de sondar e de experimentar o mundo (BURKE, 2012; CHALMERS, 1993; CHAUÍ, 2000; GAUKROGER, 1999).

Bacon²⁶ e Hobbes²⁷, de grandes nomes da astronomia e da matemática, como Kepler²⁸, Galileu²⁹, Newton³⁰ e Pascal³¹, e de grandes nomes das artes e literatura, como Cervantes³², Shakespeare³³, Racine³⁴ e Molière³⁵, entre tantos mais. Todos, assim como próprio Descartes, nomes que o pensamento humanístico, filosófico, político e literário consagrou (BLOOM, 1995, 2003; BURKE, 2012, 2020; CHALMERS, 1993; GAUKROGER, 1999).

Decerto, Descartes é um dos maiores de seu tempo. Descartes dá título à forma de pensar de um tempo: pensar modernamente se torna quase que inescapavelmente aprender a pensar cartesianamente, entre aproximações e distanciamentos. Descartes dá título à filosofia de um tempo: os rótulos “pensamento cartesiano”, “pensamento racionalista” e/ou “racionalismo” convertem-se em sinônimos, um só corpo, um só espírito, uma só coisa (BURKE, 2012, 2020; CHALMERS, 1993; GAUKROGER, 1999).

O complexo cartesiano, em termos amplos, exprime uma visão de teoria, de ciência e de mundo racionalista, dedutiva, objetivista, mecanicista e neutra

²⁶Francis Bacon (1561-1626). Filósofo e pensador britânico. Obra(s) sugerida(s): *Novum Organum* (1620), dentre outras. Conforme mencionado anteriormente, é dito que a tríade de pensadores britânicos composta por Francis Bacon, John Locke e Thomas Hobbes, cada um ao seu modo e ao seu tempo, manteve uma relação de aproximação e de distanciamento com a filosofia de René Descartes (BURKE, 2012; CHALMERS, 1993; CHAU, 2000; GAUKROGER, 1999).

²⁷Thomas Hobbes (1588-1679). Filósofo e pensador britânico. Obra(s) sugerida(s): *Leviatã* (1651), dentre outras. Conforme dito acima, é dito que a tríade de pensadores britânicos composta por Thomas Hobbes, Francis Bacon e John Locke, cada um ao seu modo e ao seu tempo, manteve uma relação de aproximação e de distanciamento com a filosofia de René Descartes (BURKE, 2012; CHALMERS, 1993; CHAU, 2000; GAUKROGER, 1999). Conta-se que Descartes e Hobbes chegaram a se conhecer pessoalmente, em viagem rumo à França, na primavera de 1647 (GAUKROGER, 1999).

²⁸Johannes Kepler (1571-1630). Astrônomo e matemático alemão. Obra(s) sugerida(s): *Astronomia nova* (1609), dentre outras.

²⁹Galileu Galilei (1564-1642). Cientista, físico, astrônomo e pensador italiano. Obra(s) sugerida(s): *O mensageiro das estrelas* (1610), dentre outras. Diz-se que Descartes retardou tornar públicas algumas de suas ideias ao tomar conhecimento da condenação de Galileu pela Santa Inquisição da Igreja Católica, em 1633 (GAUKROGER, 1999).

³⁰Isaac Newton (1643-1727). Matemático, físico, astrônomo e pensador britânico. Obra(s) sugerida(s): *Princípios matemáticos da filosofia natural* (1687), Um tratado sobre o sistema do mundo (1687), Óptica (1704), O método de fluxões e séries infinitas (1736), dentre outras.

³¹Conta-se que Descartes e Pascal chegaram a se conhecer pessoalmente, em mesma ocasião em que o filósofo francês conhecera Hobbes, em viagem rumo à França, na primavera de 1647 (GAUKROGER, 1999).

³²Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616). Romancista, dramaturgo e poeta espanhol. Obra(s) sugerida(s): *O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha* (1605), dentre outras.

³³William Shakespeare (1564-1616). Dramaturgo e poeta britânico. Obra(s) sugerida(s): *Romeu e Julieta* (1597), *Hamlet* (1599-1601), *Rei Lear* (1606), dentre outras.

³⁴Jean Baptiste Racine (1639-1699). Dramaturgo e poeta francês. Obra(s) sugerida(s): *Alexandre, o Grande* (1665), *Andrômaca* (1667), *Fedra* (1677), dentre outras.

³⁵Jean Baptiste Poquelin ou Molière (1622-1673). Dramaturgo francês. Obra(s) sugerida(s): *Tartufo* (1664), *O misantropo* (1666), dentre outras.

(DESCARTES, 1973c; 1973b; 1973a). Percebe o mundo e a ciência pelas lentes *exatas* e das *ciências da natureza*. Entende *teoria* como hipótese a ser testada. Percebe o *cientista* como técnico, objetivo e neutro. Entende a *ciência* como ciência especializada e dedutiva, cujo fim primeiro e último é prover princípios os mais gerais possíveis, criar leis hipotéticas as mais variadas e ofertar explicação causal das coisas e dos fenômenos à nossa volta. Percebe o *método* como método observacional, sempre técnico, objetivo e neutro (capaz de realizar a tarefa de separação sujeito e objeto, entre objetivo e subjetivo, entre fatos e natureza, entre o *que é* (fatos/fenômenos) e o *que deve ser* (valores/interesses)) (DESCARTES, 1973c; 1973b; 1973a; HORKHEIMER, 1975; BURKE, 2012; CHALMERS, 1993; GAUKROGER, 1999).

Com os idos dos tempos, a teoria cartesiana passa a ser mais que *outra* maneira de se conhecer e perceber a ciência e o mundo à nossa volta. Passa a ser, na verdade, *a* maneira mais válida de se conhecer e perceber a ciência e o mundo à nossa volta. Por essa razão, por sua força, alcance e influência, cruza e vai além das fronteiras das ciências naturais e passa a invadir e influenciar o(s) território(s) das humanidades (HORKHEIMER, 1975).

É sobre essa influência que repousa a crítica de Horkheimer (1975). Descartes e seu célebre *Discurso do método* (1973a) são os alvos centrais da crítica horkheimiana em *Teoria Tradicional e Teoria Crítica* (1975). Para Horkheimer (1975), dele(s) – Descartes e seu *Discurso do método* (1973a) – advém as origens da “Teoria Tradicional”, alvo central da crítica de Horkheimer (1975) (ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; NOBRE, 2004; WIGGERSHAUS, 2002; REPA, 2008).

As origens da tradição da *Teoria Tradicional*, pois, remontam às origens da filosofia moderna, e nelas, a Descartes, assegura a crítica horkheimiana (HORKHEIMER, 1975). E, mais tarde, também às forças do positivismo, neste caso, dentre outros, a Karl Popper³⁶ (1962), sustenta a crítica adorniana (ADORNO, 1962, 1969).

Nesses termos, a Teoria Tradicional se caracteriza como debitária fundamentalmente, em termos originários, à teoria cartesiana, e, mais tarde, também

³⁶Karl Popper (1902-1994). Filósofo austro-britânico. Obra(s) sugerida(s): *A lógica da pesquisa científica* (1934), *A miséria do historicismo* (1956), *Zur logik der sozialwissenschaften* (1962), dentre outras.

debitária à teoria positivista, no contexto das humanidades (ADORNO, 1962, 1969; HORKHEIMER, 1975).

Em termos conceituais, Teoria Tradicional significa, em linhas gerais, uma teoria do campo das humanidades, de cunho dedutivo, empirista, experimental, objetivista, positivista, tecnicista e neutro. Refere-se, fundamentalmente, a uma visão de mundo, uma ideia de *ciência*, uma ideia de *teoria*, uma ideia de *cientista* e uma ideia e/ou tradição *metodológica* marcadamente cartesiana e positivista no âmbito das ciências humanas (ADORNO, 1962, 1969; HORKEIMER, 1975; ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; NOBRE, 2004; WIGGERSHAUS, 2002; JAY, 2008; REPA, 2008).

Epistemologicamente, grosso modo, Teoria Tradicional constitui uma tradição teórica/ideia de ciência/tradição metodológica de caráter filosófico, na perspectiva metafísica, cientificista, empirista, de inspiração fundamentalmente cartesiana, e, mais tarde, também positivista (ADORNO, 1962, 1969; HORKEIMER, 1975; ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; NOBRE, 2004; WIGGERSHAUS, 2002; JAY, 2008; REPA, 2008).

Em termos amplos, ao se pensar em Teoria Tradicional deve se ter em mente de que se está diante, dentre outras coisas, de uma *teoria que se reduz à aplicação técnica/objetiva/neutra do saber*. Sobre Teoria Tradicional, Horkheimer (1975, p. 131) versa em uma de suas passagens esclarecedoras:

A representação tradicional de teoria é abstraída do funcionamento da ciência, tal como este ocorre a um nível dado da divisão do trabalho. Ela corresponde à atividade científica tal como é executada ao lado de todas as demais atividades sociais, sem que a conexão entre as atividades individuais se torne imediatamente transparente. Nesta representação surge, portanto, não a função real da ciência nem o que a teoria significa para a existência humana, mas apenas o que significa na esfera isolada em que é feita sob as condições históricas. Na verdade, a vida da sociedade é um resultado da totalidade do trabalho nos diferentes ramos de profissão, e mesmo que a divisão do trabalho funcione mal sob o modo de produção capitalista, os seus ramos, e dentre eles a ciência, não podem ser vistos como autônomos e independentes (HORKHEIMER, 1975, p. 131, grifo nosso).

Em termos de fundamentos, ao se pensar em Teoria Tradicional deve se ter em mente de que se está diante de um quadro teórico objetivamente técnico, neutro e útil. Complexo teórico fundado em *releituras* de teorias fundamentais, dentre as quais, o *cientificismo*, o *racionalismo*, a *ciência dedutiva* e o *positivismo*. Cujas linhas teóricas foram tecidas por pensadores fundamentais, dentre os quais, Descartes, Popper e outros mais (ADORNO, 1962, 1969; HORKEIMER, 1975; ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; NOBRE, 2004; WIGGERSHAUS, 2002; JAY, 2008; REPA, 2008).

Dentre os conceitos caros à Teoria Tradicional, destacam-se os conceitos de teoria, de ciência, de cientista, de método, dentre outros. Com base no plano cartesiano e do positivismo, a Teoria Tradicional percebe o mundo e a ciência pelas lentes *exatas* e das *ciências da natureza*. A *noção tradicional de teoria* entende teoria como hipótese que se reduz à aplicação técnica/objetiva/neutra do saber. O *cientista tradicional* é um cientista técnico, objetivo e neutro. A *noção tradicional de ciência* percebe a ciência como especializada e sobretudo autônoma, apartada da sociedade – escapa à Teoria Tradicional a função social real da ciência. A *noção tradicional de método* entende o método sempre técnico, objetivo e neutro (capaz de realizar a tarefa de separação entre objetivo e subjetivo, fatos e natureza, o *que é* (fatos/fenômenos) e o *que deve ser* (valores/interesses)). A *noção tradicional de realidade/fato social* percebe a realidade/fato social como objeto, como coisa, como objeto/coisa reificado. A *noção tradicional de emancipação* entende o interesse emancipatório como interesse extrínseco, ou seja, que está no exterior da Teoria Tradicional (ADORNO, 1962, 1969; HORKEIMER, 1975; ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; NOBRE, 2004; WIGGERSHAUS, 2002; JAY, 2008; REPA, 2008).

Em síntese, sugere-se pensar as tessituras da Teoria Tradicional constituídas da seguinte maneira: Pensamento cartesiano + Lógica das ciências naturais + Ciência especializada + Positivismo + Colonização da lógica das ciências naturais sobre as ciências humanas e sociais + Ciência autônoma + Fenômeno social-como-coisa + Cientista social neutro/objetivo + Separação entre *ser* e *dever ser* + Separação entre objetivo e subjetivo + Separação entre dimensão técnica e dimensão emancipatória = Teoria Tradicional. Esta equação ergue-se como possibilidade e/ou caminho possível para entender o *x* da questão que fundamenta o interesse, a atuação e a concepção da Teoria Tradicional.

Crítico da Teoria Tradicional, Horkheimer (1975) a opõe à Teoria Crítica. Para ele, Teoria Tradicional e Teoria Crítica são simetricamente distintas (HORKHEIMER, 1975). Para ele, a Teoria Crítica ergue-se como *projeto alternativo* à Teoria Tradicional (HORKHEIMER, 1975). Teoria Crítica cuja gênese e desenvolvimento, pelas mãos dele e de outros, remontam às origens da filosofia contemporânea, notadamente, à Escola de Frankfurt.

3.2 Da Teoria Tradicional à Teoria Crítica

As origens do que se convencionou chamar de tradição da *Teoria Crítica*, remontam, grosso modo, às origens daquela que entrou para a eternidade como uma das escolas de pensamento mais influentes do século XX: a Escola de Frankfurt.

De inspiração marxista e/ou “neomarxista” (GIDDENS, 2012), a Teoria Crítica ou a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, como preferem alguns, se caracteriza como debitária de Hegel e Marx, mas, sobretudo, de Marx (HORKHEIMER, 1975; ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; MATOS, 1993, 1995; WIGGERSHAUS, 2002; JAY, 2008).

Em termos de autoria, atribui-se a Horkheimer o feito de tecer as grandes linhas do conceito de Teoria Crítica, em célebre artigo de 1937, intitulado *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*³⁷ (HORKHEIMER, 1975) (ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; MATOS, 1993, 1995; WIGGERSHAUS, 2002; JAY, 2008).

Horkheimer, por sua vez, recusa tal feito. Atribui todo o mérito a Marx, em seu célebre *O Capital*³⁸. Para ele, obra em que constam as linhas inaugurais da Teoria Crítica, ou seja, suas primeiras linhas, traços e esboços, não seu conceito. Horkheimer próprio confessa que extrai de Marx, em *O Capital*, a inspiração, as bases e os princípios fundamentais para elaborar o conceito de Teoria Crítica em si. Teoria por ele conceituada e por meio dele difundida, sempre associada à Escola de Frankfurt. Assim nasce a Teoria Crítica: de base em Marx e de autoria em Horkheimer. Erguida, desde o princípio, como *uma* teoria social crítica, não a *única* teoria social crítica da história do pensamento ocidental (HORKHEIMER, 1975; WIGGERSHAUS, 2002).

Isso porque passou a se somar a outras teorias críticas válidas, que, apesar das similaridades do nome, guardam em si configurações distintas umas das outras. Na história do pensamento ocidental, se observam diversas teorias críticas, de várias bases, correntes e tendências. Se observam, por exemplo, teorias críticas, ao seu modo e ao seu tempo, atravessadas, de um lado, por princípios *conservadores*, e, de outro, por

³⁷HORKHEIMER, M. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W.; HABERMAS, J. (Orgs.). *Textos escolhidos* (Coleção Os pensadores, volume XLVIII). Rio de Janeiro: Abril cultural, 1975.

³⁸Karl Marx (1818-1883). Filósofo e pensador alemão. Obra(s) sugerida(s): *O capital* (1867) (livros 1, 2 e 3), dentre outras.

princípios *progressistas* (WIGGERSHAUS, 2002; REPA, 2008). Se observam ainda, por exemplo, dentro de um mesmo campo, o campo progressista, de um lado, teorias críticas calcadas em *meras utopias* em termos amplos, e, de outro, teorias críticas de Horkheimer e Frankfurt, com sua *complexidade, historicidade e tensionalidade* marcantes (REPA, 2008; BEZERRA, 2019). Se observam também, por exemplo, teorias críticas baseadas em fundamentos distintos, umas afinadas ao *materialismo histórico* (Hegel, Marx, Gramsci), outras alinhadas às *sociologias da cultura e do conhecimento* (Bourdieu, Certeau), algumas inclinadas à *Teoria Crítica de Frankfurt* (Horkheimer, Habermas, Honneth), e assim por diante (REPA, 2008; MARTELETO, 2019). Tudo isso evidencia, em linhas gerais, o amplo arco e/ou mosaico – em tons, cores e colorações – de teorias críticas que atravessam a história do pensamento social ocidental.

Teoria Crítica em maiúsculo, como substantivo, como conceito próprio, claro e sistematicamente definido emana fundamentalmente de Horkheimer e da Escola de Frankfurt. Assim nasceu, cresceu e se desenvolveu esse conceito e essa teoria chamada Teoria Crítica. Assim entrou para o cânone do pensamento social ocidental a Teoria Crítica. Tendo inspiração em Marx, tecida pelas mãos de Horkheimer e tendo por berço e levada adiante pela Escola de Frankfurt. Teoria Crítica que por seu alcance e influência, se sobressai dentre as demais, em todos os quesitos acadêmicos e científicos válidos à disposição (métricas, índices e indicadores científicos). De tal sorte que ao se pensar e pesquisar “Teoria Crítica”, assim descrita/definida, logo vem à mente e à mão a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, via bases de dados nacionais e internacionais (Web of Science, Scopus, Google Acadêmico e além).

A grande marca da Teoria Crítica é, dentre outros aspectos, se situar “dentro da tradição marxista aberta a numerosos contatos” (WIGGERSHAUS, 2002, p. 689). É se situar como teoria antidominação (projeto marxista), teoria interdisciplinar da sociedade (do projeto horkheimiano), teoria antisistêmica (projeto adorniano), teoria crítica atualizada da sociedade (projeto habermasiano). É se destacar por tecer teorias críticas para pensar e discutir a vida em coletividade ante os avanços do capitalismo avançado, dos blocos econômicos às estruturas infocomunicacionais das sociedades, dos antagonismos produzidos às vias de emancipação social possíveis, dentre outros aspectos (HORKHEIMER, 1975; WIGGERSHAUS, 2002).

Em termos conceituais, Teoria Crítica, em linhas gerais, significa um “grupo de

intelectuais”, um “movimento intelectual” (JAY, 2008) e uma “teoria crítica social” (WIGGERSHAUS, 2002). Em tudo inclinada a pensar a vida em coletividade ante os avanços do capitalismo (HORKEIMER, 1975; ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; WIGGERSHAUS, 2002). Refere-se, fundamentalmente, a uma visão de mundo e de *ciência*, uma ideia de *teoria*, uma ideia de *cientista*, uma ideia e/ou tradição *metodológica*, marcadamente (neo)marxista (HORKEIMER, 1975; ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; NOBRE, 2004; WIGGERSHAUS, 2002; REPA, 2008; GIDDENS, 2012).

Epistemologicamente, em termos amplos, Teoria Crítica se constitui como círculo/movimento/teoria de caráter filosófico e social, dialético e dialógico, de inspiração profundamente (neo)marxista. Erguida nestes termos, se notabiliza, pois, por tecer *teorias críticas* para se pensar, reflexionar e problematizar o sujeito humano e a sociedade ante os avanços do poder do capital (ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; WIGGERSHAUS, 2002).

Nesses termos, ao se pensar em Teoria Crítica deve se ter em mente de que se está diante, a um só tempo, de um *projeto teórico*, um *movimento intelectual* e um *círculo de críticos* de primeira hora do império do poder do capitalismo avançado.

Em termos de fundamentos, ao se pensar em Teoria Crítica deve se pensar que se está diante de um quadro teórico histórico-crítico fundado sob *releituras* de teorias e pensadores fundamentais, dentre os quais, de Marx fundamentalmente, assim como, dentre outros, de Kant³⁹, Hegel⁴⁰, Freud⁴¹ e Schopenhauer⁴² complementarmente (ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; NOBRE, 2004; WIGGERSHAUS, 2002; REPA, 2008).

Dentre os conceitos caros à Teoria Crítica, destacam-se os de teoria, de ciência, de método e outros mais. A *noção crítica de teoria* entende que a teoria integra dimensão técnica e dimensão emancipatória do saber. O *cientista crítico* é um cientista consciente de sua tarefa social e das condições que determinam sua atividade. A *noção crítica de*

³⁹Immanuel Kant (1724-1804). Filósofo e pensador alemão. Obra(s) sugerida(s): *Crítica da razão pura* (1781), *Resposta à pergunta: “Que é Esclarecimento?”* (1783), *Fundamentação da metafísica dos costumes* (1785), *Crítica da razão prática* (1788), dentre outras.

⁴⁰Georg Hegel (1770-1831). Filósofo e pensador alemão. Obra(s) sugerida(s): *Fenomenologia do espírito* (1807), *Princípios da filosofia do direito* (1820), *Filosofia da história* (1837), dentre outras.

⁴¹Sigmund Freud (1856-1939). Médico e psicanalista austríaco. Obra(s) sugerida(s): *A interpretação dos sonhos* (1900), *Cinco lições de psicanálise* (1910), *O mal-estar na civilização* (1930) e *Por que a guerra?* (1933) (obra em coautoria com Albert Einstein), dentre outras.

⁴²Arthur Schopenhauer (1788-1860). Filósofo e pensador alemão. Obra(s) sugerida(s): *O mundo como vontade e representação* (1819), *Dialética erística* (1831), *A arte de escrever* (1851), dentre outras.

ciência percebe a ciência como interdisciplinar e como parte da sociedade – a Teoria Crítica abraça a função social real da ciência. A *noção crítica de método* integra caráter objetivo e subjetivo, sujeito e objeto, fatos e natureza, o *que é* (fatos/fenômenos) e o *que deve ser* (valores/interesses). A *noção crítica de realidade/fato social* percebe a realidade/fato social como produtos sociais históricos, situados no espaço e no tempo. A *noção crítica de emancipação* entende o interesse emancipatório como interesse intrínseco, ou seja, que está no interior da Teoria Crítica (HORKEIMER, 1975; ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; NOBRE, 2004; WIGGERSHAUS, 2002; REPA, 2008).

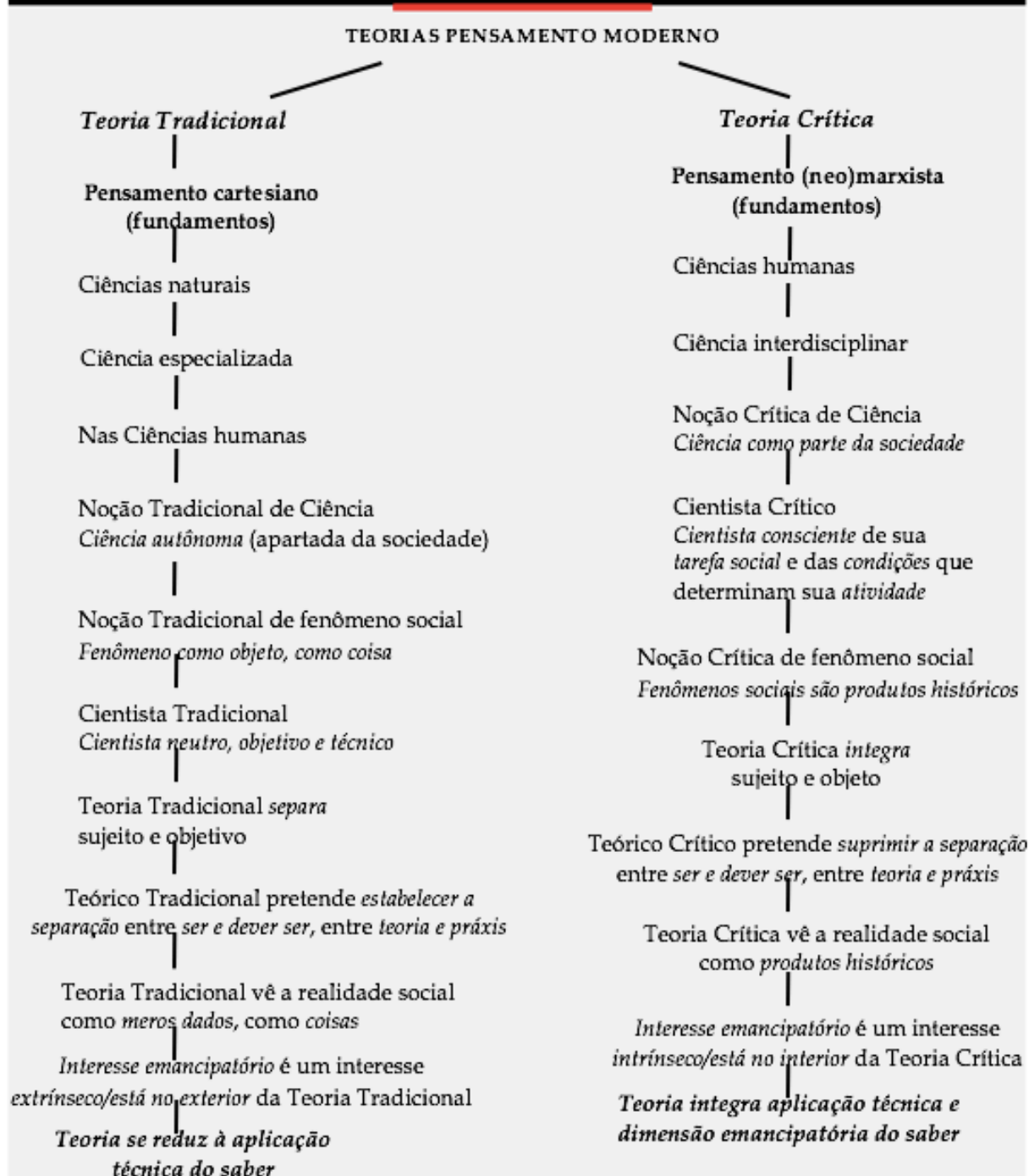
Em síntese, sugere-se pensar as tessituras da Teoria Crítica constituídas da seguinte maneira: Pensamento marxista + Ciência interdisciplinar + Ciência como parte da sociedade + Fenômeno social como produto histórico + Cientista consciente + Integração entre *ser* e *dever ser* + Integração entre objetivo e subjetivo + Integração entre dimensão técnica e dimensão emancipatória = Teoria Crítica. Esta equação ergue-se como possibilidade e/ou caminho possível para entender o *x* que fundamenta o interesse e atuação da Teoria Crítica.

De parte a parte, em termos de síntese, Teoria Tradicional e Teoria Crítica possuem visões profundamente distintas de teoria, de ciência e de mundo, entre outras coisas. Sobre *ciência*, enquanto a Teoria Tradicional percebe o mundo e a ciência pelas lentes *exatas* e das *ciências da natureza*, a Teoria Crítica percebe o mundo e a ciência pelos horizontes das *ciências humanas e sociais*. Sobre *teoria*, enquanto a Teoria Tradicional entende teoria como hipótese que se reduz a aplicação técnica/objetiva/neutra do saber, a Teoria Crítica entende teoria como *locus* que integra dimensão técnica e dimensão emancipatória do saber. Sobre *cientista*, enquanto a Teoria Tradicional percebe o cientista como um técnico, objetivo e neutro, a Teoria Crítica percebe o cientista como indivíduo consciente de sua tarefa social e das condições que determinam sua atividade. Sobre *ciência*, enquanto a Teoria Tradicional entende a ciência como especializada e sobretudo autônoma, apartada da sociedade – escapa à Teoria Tradicional a função social real da ciência –, a Teoria Crítica entende a ciência como interdisciplinar e como parte da sociedade – a Teoria Crítica abraça a função social real da ciência. Sobre *método*, enquanto a Teoria Tradicional percebe o método como *locus* de caráter unicamente técnico, objetivo e neutro – capaz de realizar a tarefa de separação entre objetivo e subjetivo, fatos e natureza, o *que é*

(fatos/fenômenos) e *o que deve ser* (valores/interesses) –, a Teoria Crítica percebe o método como *locus* que integra caráter objetivo e subjetivo, sujeito e objeto, fatos e natureza, *o que é* (fatos/fenômenos) e *o que deve ser* (valores/interesses). Sobre *realidade/fato social*, enquanto a Teoria Tradicional entende a realidade/fato social como objeto, como coisa, como objeto/coisa reificado, a Teoria Crítica entende a realidade/fato social como produtos sociais históricos, situados no espaço e no tempo. Sobre *emancipação*, enquanto a Teoria Tradicional percebe o interesse emancipatório como interesse extrínseco, ou seja, que está no exterior da Teoria Tradicional, a Teoria Crítica percebe o interesse emancipatório como interesse intrínseco, ou seja, que está no interior da Teoria Crítica (ADORNO, 1962, 1969; HORKEIMER, 1975; ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; NOBRE, 2004; WIGGERSHAUS, 2002; REPA, 2008).

Como esforço de síntese, sugerimos adiante um “mapa conceitual” das tessituras constitutivas desta seção (Seção 3) (Figura 2).

Figura 2 – Mapa Seção 3



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

4 Teoria Crítica da Escola de Frankfurt: teóricos, teorias e ecos

A seção em tela traz considerações que cruzam, atravessam e perpassam a pesquisa como um todo. Pedra angular do estudo, traz à lume a história, o contexto e as tessituras do que se convencionou chamar de Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. De partida, traz o contexto de construção da chamada Escola de Frankfurt/Teoria Crítica, destacando episódios, atores e acontecimentos nela envolvidos. Na sequência, destaca as linhas teóricas, metodológicas e conceituais que lhes são características. E, ao fim, aponta as influências intelectuais desta escola e desta tradição crítica nos horizontes das Ciências Sociais Aplicadas.

4.1 A Escola de Frankfurt: “o berço de ouro da Teoria Crítica”

[...] *Escola de Frankfurt, o berço de ouro da Teoria Crítica* [...]

Pedro Demo

Complexa, diversa e fascinante tanto no jeito de pensar como no de filosofar a sociedade contemporânea, a “Escola de Frankfurt” é aclamada mundo afora como a escola de pensamento social mais influente do século XX. E as razões para tanto são plurais e distintas. Para muitos, advém do fascínio despertado por seus teóricos e pensadores. Para alguns, deriva da originalidade, da profundidade e da diversidade de seus temas. Para outros, provém da dialogicidade e complexidade de suas análises e abordagens. Seja por uma razão ou outra, o fato é que sua audiência, alcance e atualidade atravessam curso dos tempos e dos campos. O que, segundo uns e outros, confere à escola a aura de “berço de ouro da teoria crítica” (DEMO, 2007, p. 127), e lhe eleva ao panteão do pensamento ocidental (FREITAG, 1986; BRONNER, 1997; DEMO 2007; WIGGERSHAUS, 2002; GHIRALDELLI JR, 2010).

O ano era 1923. O verão surgia no horizonte na Alemanha. Era manhã em Frankfurt am Main. A cidade, conhecida como coração financeiro da Alemanha, e mais tarde da Europa, fora o palco e lugar escolhido, dentre tantos. Sua escolha fora traçada por três homens e um destino. Entre eles, Felix Weil⁴³, herdeiro-milionário marxista, Carl Grünberg⁴⁴, professor marxista, e Max Horkheimer⁴⁵, filósofo marxista, homens de razão sensível. Quanto ao destino, eis a que os movia: erguer um instituto de pesquisa local de reflexão e de crítica ao estado de coisas ante os avanços do capitalismo. Acabaram por fazer história, terminaram por entrar para a história, quis o destino. Criaram uma das escolas de pensamento mais influentes de todos os tempos: o Instituto de Pesquisa Social (*Institut für Sozialforschung*), ou, para o mundo,

⁴³Felix Weil (1898-1975). Cientista político germano-argentino. Herdeiro milionário da indústria de grãos. Fundador do Instituto de Pesquisa Social/Escola de Frankfurt. Responsável por financiar o Instituto de Pesquisa Social/Escola de Frankfurt, sobretudo em seus anos iniciais – protagonizando e/ou abrindo caminho assim para o (a)típico caso em que se vê o *capitalismo a financiar a crítica ao próprio capitalismo* (FREITAG, 1986; WIGGERSHAUS, 2002; NOBRE, 2004).

⁴⁴Carl Grünberg (1861-1940). Historiador romeno-austriaco. Cofundador e primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social/Escola de Frankfurt (FREITAG, 1986; WIGGERSHAUS, 2002; NOBRE, 2004)

⁴⁵Max Horkheimer (1895-1973). Filósofo e pensador alemão. Cofundador e segundo diretor do Instituto de Pesquisa Social/Escola de Frankfurt (FREITAG, 1986; WIGGERSHAUS, 2002; NOBRE, 2004).

simplesmente Escola de Frankfurt⁴⁶⁴⁷. Escola de pensamento marxista⁴⁸ que cravaria seu nome não apenas no mapa do pensamento europeu, como entraria para a eternidade na história do pensamento ocidental (ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; WIGGERSHAUS, 2002; NOBRE, 2004; JAY, 2008).

Institucionalmente, sob a direção de Max Horkheimer, em 1931, a Escola de Frankfurt vive seus “anos dourados”, seus tempos áureos, sua “era de ouro”. Os feitos de Horkheimer junto à escola foram tantos e tão vitais como o próprio ar que se respira. É Horkheimer que lança a Revista de Pesquisa Social (*Zeitschrift für Sozialforschung*⁴⁹), revista que passa a publicar os escritos dos membros da escola alemã, entre os anos de 1930 e 1940⁵⁰. É também sob sua gestão que a escola se associa oficial e definitivamente à Universidade de Frankfurt⁵¹. É dele ou a ele atribuído o feito de ter elaborado o programa de pesquisa/método da escola, o “materialismo interdisciplinar”, mais claramente em célebre texto de 1931, intitulado *A situação contemporânea da filosofia social e as tarefas de um Instituto de Pesquisa Social*⁵², documento seminal da Teoria Crítica/Escola de Frankfurt. É dele ou a ele atribuído feito de especial grandeza: o de invenção do conceito de “Teoria Crítica”, em célebre artigo de 1937, intitulado *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*⁵³, pedra angular, documento inaugural, texto fundador da Teoria Crítica/Escola de Frankfurt (HORKHEIMER, 1975, 1999; ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; MATOS, 1993, 1995; WIGGERSHAUS, 2002; JAY, 2008;

⁴⁶A denominação “Escola de Frankfurt” se popularizou no imaginário coletivo somente nos idos dos anos 1950, já com o regresso da escola à Frankfurt, Alemanha. Antes disso, ou seja, desde sua fundação nos anos 1920, a escola era conhecida simplesmente como Instituto de Pesquisa Social (NOBRE, 2004; JAY, 2008).

⁴⁷Pelo humor culto de então, a Escola de Frankfurt era chamada de “Café Marx” ou mesmo de “Grande Hotel Abismo” (designação cunhada por Lukács) (MÜLLER-DOOHM, 2016).

⁴⁸De inspiração em Karl Marx (1818-1883). Filósofo e pensador alemão. Obra(s) sugerida(s): *A ideologia alemã* (1932) (obra em coautoria com Engels), *Manifesto comunista* (1848) (obra em coautoria com Engels), *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* (1852), *O capital* (1867), dentre outras.

⁴⁹Nascida em 1932, em solo alemão, sob o título de Revista de Pesquisa Social (*Zeitschrift für Sozialforschung*), em 1942, no exílio americano, a revista é rebatizada de Revista de Estudos de Filosofia e Ciência Social (*Studies in Philosophy and Social Science*) (NOBRE, 2004).

⁵⁰O período de publicação contínua/ininterrupta da Revista de Pesquisa Social (*Zeitschrift für Sozialforschung*) gira em torno de 1932 e 1942 (FREITAG, 1986; WIGGERSHAUS, 2002; NOBRE, 2004).

⁵¹Universidade fundada oficialmente em 1914, pelo Ministério da Educação da Alemanha (FREITAG, 1986; WIGGERSHAUS, 2002; NOBRE, 2004).

⁵²HORKHEIMER, M. A presente situação da filosofia social e as tarefas de um Instituto de Pesquisa Social. *Praga: estudos marxistas*, São Paulo, n. 7, p. 121-132, 1999.

⁵³HORKHEIMER, M. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W.; HABERMAS, J. (Orgs.). *Textos escolhidos* (Coleção Os pensadores, volume XLVIII). Rio de Janeiro: Abril cultural, 1975.

GHIRALDELLI, 2010).

Em termos de projeto/objetivo(s), desde cedo a Escola de Frankfurt se projeta como o “*locus* teórico” que reclama para si a tarefa de elaborar uma teoria crítica e analítica da sociedade capitalista – em tudo, o “edifício teórico” de uma crítica social viva e ativa, lugar em que *vida pensada* e *vida vivida* não só se entreolham como se entrecruzam; em nada, uma “torre de marfim” para intelectuais. Em espírito, a escola se projeta como o reduto gerado e gerador de ideias inspiradoras, que busca tocar a realidade, a vida cotidiana, e, assim, iluminar indivíduos, coletividades e nações a pensar, discutir e transformar seu estado de coisas. Em verdade, de forma direta e/ou indireta, a escola se revela o *locus* teórico a inspirar corações e mentes a ganhar as ruas, com apoio declarado de alguns – como Marcuse – e a revelia e cautela de outros – como Adorno, Horkheimer e Habermas. Ao fim e ao cabo, a escola se revela o *locus* a inspirar indivíduos e coletividades a ganhar as ruas e a mudar o estado de coisas, como nos Movimentos Estudantis dos anos 1960 em Alemanha, como nos Movimentos Contra a Guerra do Vietnã (Estados Unidos/Alemanha), como nos Movimentos dos Direitos Civis (Estados Unidos), e como nos Movimentos do “Maio de 1968” (França), dentre outros tantos mais (WIGGERSHAUS, 2002; REPA, 2008).

Conceitualmente, ainda que o termo Escola de Frankfurt remonte à cidade de Frankfurt, Alemanha, seu significado guarda em si um sentido além-fronteiras. Refere-se, fundamentalmente, a um “grupo de intelectuais”, a um “movimento intelectual” (JAY, 2008) ou mesmo a uma “teoria crítica social” (WIGGERSHAUS, 2002) inclinada a pensar a vida em coletividade ante os avanços do capitalismo.

Distanciamo-nos aqui do debate quanto à ambiguidade do termo “Escola de Frankfurt” – segundo alguns, ainda válido em França e Estados Unidos, e, conforme outros, já superado em Alemanha e grande parte do mundo por “Teoria Crítica” (WIGGERSHAUS, 2002; NOBRE, 2004). Nas linhas deste estudo, a rigor, nos somamos a aqueles que leem “Escola de Frankfurt”, “Teoria Crítica” e suas variantes eminentemente como sinônimos. Em sendo assim, aqui, tais expressões se reconhecem, se assumem e devem ser lidas fundamentalmente em sentido/termos semelhantes, equivalentes.

Epistemologicamente, em termos amplos, a Escola de Frankfurt se constitui como círculo/movimento/teoria de caráter filosófico e social, de inspiração

profundamente marxista/marxiana. Erguida nestes termos, se notabiliza, pois, por tecer *teorias críticas* para se pensar, reflexionar e problematizar o sujeito humano e a sociedade ante os avanços do capitalismo avançado (ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; WIGGERSHAUS, 2002). Sobre isso, Freitag (1986, p. 34, grifo nosso) esclarece:

O termo *Escola de Frankfurt* ou uma concepção de uma “*Teoria crítica*” sugerem uma unidade temática e um consenso epistemológico teórico e político que raras vezes existiu entre os representantes da Escola. O que caracteriza a sua atuação conjunta é sua *capacidade intelectual e crítica*, sua *reflexão dialética*, sua *competência dialógica* ou aquilo que Habermas viria a chamar de “discurso”, ou seja, o questionamento radical dos pressupostos de cada posição e teorização adotada (grifo nosso).

Nesses termos, ao se pensar em Escola de Frankfurt – assim como ao se pensar na sua correspondente equivalente Teoria Crítica –, deve se ter em mente de que se está diante, a um só tempo, de um *projeto teórico*, um *movimento intelectual* e um *círculo* de críticos de primeira hora do império do poder do capitalismo avançado.

Em termos de fundamentos, ao se pensar em Escola de Frankfurt deve se pensar que se está diante de um palco da crítica social, dialética e dialógica, cujos atores se valem das “armas da crítica”, a partir de *releituras* de teorias e métodos consagrados, dentre os quais, de Marx fundamentalmente, de Kant⁵⁴ e de Hegel⁵⁵ complementarmente, e de Freud⁵⁶ e de Schopenhauer⁵⁷ adicionalmente, dentre outros (ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; NOBRE, 2004; WIGGERSHAUS, 2002; REPA, 2008).

Os estudos e as pesquisas da Escola de Frankfurt/Teoria Crítica atravessam os mais diversos campos, dentre os quais, Filosofia, Psicologia, Psicanálise, Economia, Crítica de Arte, Crítica Literária, Sociologia, Direito, Ciência Política, dentre outros. Confirmando, assim, sua vocação interdisciplinar, vocação que ganha vida e voz via sua teoria, seus teóricos e sua metodologia/seu programa de pesquisa (ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; NOBRE, 2004; WIGGERSHAUS, 2002; REPA, 2008).

⁵⁴Immanuel Kant (1724-1804). Filósofo e pensador alemão. Obra(s) sugerida(s): *Crítica da razão pura* (1781), *Resposta à pergunta: “Que é Esclarecimento”* (1783), *Fundamentação da metafísica dos costumes* (1785), *Crítica da razão prática* (1788), dentre outras.

⁵⁵Georg Hegel (1770-1831). Filósofo e pensador alemão. Obra(s) sugerida(s): *Fenomenologia do espírito* (1807), *Princípios da filosofia do direito* (1820), *Filosofia da história* (1837), dentre outras.

⁵⁶Sigmund Freud (1856-1939). Médico e psicanalista austríaco. Obra(s) sugerida(s): *A interpretação dos sonhos* (1900), *Cinco lições de psicanálise* (1910), *O mal-estar na civilização* (1930) e *Por que a guerra?* (1933) (obra em coautoria com Albert Einstein), dentre outras.

⁵⁷Arthur Schopenhauer (1788-1860). Filósofo e pensador alemão. Obra(s) sugerida(s): *O mundo como vontade e representação* (1819), *Dialética erística* (1831), *A arte de escrever* (1851), dentre outras.

Dentre os conceitos caros à Escola de Frankfurt, conceitos histórico-filosóficos fundamentais, destacam-se *esclarecimento* (*aufklärung*) (complexo kantiano), *dialética* (*dialektik*) (complexo hegeliano/marxismo), *crítica/teoria crítica* (*kritische/kritische theorie*) (complexo marxista), dentre outros (HORKEIMER, 1977, 1999; ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; NOBRE, 2004; WIGGERSHAUS, 2002; REPA, 2008).

Em seus verdes anos, *primeira fase*, a Escola de Frankfurt se notabiliza pelo interesse em discutir de forma *crítica* e *analítica* os ardis do imperialismo e do capitalismo monopolista (WIGGERSHAUS, 2002; REPA, 2008; GHIRALDELLI, 2010). Dentre os representantes desta fase, geralmente situam-se Max Horkheimer, Theodor Adorno, Erich Fromm, Walter Benjamin e Herbert Marcuse (FREITAG, 1986; MATOS, 1993, 1995; WIGGERSHAUS, 2002; JAY, 2008). Em sentido amplo, esta fase se caracteriza como aquela que lança as bases da “Teoria crítica”, teoria que se vale das “armas da crítica” para pensar e entender as patologias e os antagonismos produzidos pelo império do capital, tais como sociedade de consumo e alienação/dominação de massas, entre outros temas (WIGGERSHAUS, 2002; JAY, 2008; REPA, 2008). É, por uns, vista como a fase da escola que reclama para si a tarefa de traçar um *diagnóstico* crítico e analítico ao seu modo e ao seu tempo, marcado pela forte industrialização (NOBRE, 2004; REPA, 2008). Por outros, é vista como a fase fortemente *pessimista* e *vigilante* da escola, da qual pertence a célebre frase: “escrever um poema após Auschwitz⁵⁸ tornou-se um ato bárbaro” (ADORNO, 1998, p. 26). E, por outros muitos, é vista como a fase da escola que dá mais ênfase às *iniquidades* do capitalismo do que propriamente às suas possibilidades de superação, de emancipação (NOBRE, 2004; REPA, 2008). Todas, em linhas gerais, perspectivas complementares, afluentes de um mesmo lugar.

Com os idos dos tempos, a história da escola alemã passa a se confundir com a própria história da humanidade. Uma série de acontecimentos decisivos e marcantes alteram profundamente os rumos da escola e do mundo no século XX. Dentre os quais, destacam-se a queda da República de Weimar⁵⁹ (1919-1933), a ascensão do nazismo

⁵⁸Auschwitz é um dos mais conhecidos campos de concentração criados pelo nazismo alemão. Localizado ao sul da Polônia, tornou-se símbolo e expressão do *holocausto* (extermínio em massa de seres humanos) durante a II Guerra Mundial (HOBSBAWM, 1995; LEVI, 2013).

⁵⁹República de Weimar (1919-1933) é historicamente conhecida como a experiência republicana e democrática de Estado desenvolvida na Alemanha, no pós-I Guerra Mundial (HOBSBAWM, 1995).

(1933-1945), o triunfo do fascismo (1922-1939), o poder do stalinismo (1924-1954), a eclosão da Crise de 1929 e a deflagração da II Guerra Mundial (1939-1945) (HOBSBAWN, 1995). Todos, sem exceção, episódios decisivos e marcantes, que definem e redefinem para sempre os destinos de Frankfurt, da Europa e do mundo (ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; WIGGERSHAUS, 2002; JAY, 2008;).

Em meio a essa tempestade de acontecimentos, difíceis episódios se abatem sobre a escola alemã e seus teóricos. Berço de intelectuais marxistas e de origem judaica – alvo do nazismo –, sem demora, a escola e os seus entram em contato com seus dias mais sombrios. Neste período, seus muros e seus membros passam a sentir os horrores, ardis e dissabores dos tempos totalitários, de crises e de guerras. Tudo isso *se vê* expresso nos “marcos” e nas “marcas” da vida e da obra desta escola crítica e destes homens de razão sensível. Tudo isso *se lê* impresso tanto nos fios do texto como nos fios da vida e da obra da escola alemã e destes teóricos críticos (ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; JAY, 2008; WIGGERSHAUS, 2002; NOBRE, 2004).

Do ponto de vista institucional, a Escola de Frankfurt é impelida a deixar a Alemanha para trás – interdita pela *Gestapo*⁶⁰, polícia alemã nazista. É levada a deixar a Alemanha para longe, e, por extensão, a romper seus vínculos junto à Universidade de Frankfurt. Passa, assim, a ficar sem chão e sem sede, entregue à própria sorte (FREITAG, 1896; JAY, 2008; WIGGERSHAUS, 2002; REPA, 2008).

No horizonte, a alternativa à vista é rumar ao exílio. Emigra então para Suíça, Inglaterra, França e Estados Unidos, com escritórios em Genebra, Londres, Paris e Nova York, graças à solidariedade de nações e de intelectuais (FREITAG, 1896; NOBRE, 2004; JAY, 2008). Sediada nestes países, passa a manter seus vínculos e elos ligados às universidades e aos institutos locais (FREITAG, 1896; WIGGERSHAUS, 2002; JAY, 2008). A esta altura, já não é a escola que dá vida às sedes, mas sim as sedes é que dão vida à escola.

Com o correr dos dias sombrios do nazismo e entreguerras, em solo alemão, incontáveis pensadores, cientistas e intelectuais sofrem os mais duros e implacáveis golpes operados de então. Trata-se de nomes que o século XX consagrou, das ciências às artes, todos duramente perseguidos(as) e/ou exilados(as) no período, entregues à

⁶⁰*Gestapo*, abreviação de *Geheime Staatspolizei* (Polícia Secreta de Estado), é conhecida como “polícia nazista” e/ou a força policial secreta da Alemanha nazista (HOBSBAWM, 1995).

própria sorte.

Nomes da literatura, como Thomas Mann⁶¹ (Nobel de Literatura de 1929) (KOOPMANN, 1982; PRATER, 2000), nomes das humanidades, como Hannah Arendt⁶² (ADLER, 2019), personalidades das artes, como Bertolt Brecht⁶³ (EWEN, 1991) e Billy Wilder⁶⁴ (Oscar de 1946 e 1961) (PHILLIPS, 2010), nomes das ciências médicas e naturais, como Sigmund Freud (GAY, 2012) e Albert Einstein⁶⁵ (Nobel de Física de 1921) (BODANIS, 2017), dentre outros(as) mais, todos(as) forçados(as) a deixar para trás a pátria que seus corações elegeram para si.

Somados a eles(as), também os membros da Escola de Frankfurt são impelidos a deixar a Alemanha para trás, em busca de um recomeço, de um segundo sol.

Max Horkheimer rumo à Suíça (Genebra), França (Paris) e Estados Unidos (Nova York)⁶⁶, regressando à pátria somente no pós-guerra (pós-1945) (ABROMEIT, 2011; JAY, 2008). Theodor Adorno emigra para França (Paris), Inglaterra (Oxford)⁶⁷ e Estados Unidos (Nova York, Califórnia, Nova Jérsei)⁶⁸, regressando ao solo alemão também no pós-1945 (MÜLLER-DOOHM, 2005; JAY, 2008). Herbert Marcuse rumo à Suíça (Genebra) e Estados Unidos (Nova York, Massachusetts, Califórnia)⁶⁹, onde permanece até o fim de seus dias, sem nunca mais regressar à costa alemã (JAY, 2008; NOBRE, 2004). Erich Fromm parte para Suíça (Genebra), México (Cidade do México)⁷⁰

⁶¹Paul Thomas Mann (1875-1955). Escritor alemão. Obra(s) sugerida(s): *Os Buddenbrook* (1901), *A montanha mágica* (1924), *Doutor Fausto* (1947), dentre outras.

⁶²Hannah ou Johanna Arendt (nome de batismo) (1906-1975). Filósofa alemã. Obra(s) sugerida(s): *Origens do totalitarismo* (1951), *A condição humana* (1958), *Eichmann em Jerusalém* (1963), dentre outras.

⁶³Eugen Bertholt F. Brecht (1898-1956). Poeta e dramaturgo alemão. Obra(s) sugerida(s): *Ópera dos três vinténs* (1928), *Galileu Galilei* (1938), *Histórias do Sr. Keuner* (1958), dentre outras.

⁶⁴Billy Wilder (1906-2002) Cineasta alemão radicado nos EUA. Obra(s) sugerida(s): *Farrapo humano* (1945), *Crepúsculo dos deuses* (1950), *Se meu apartamento falasse* (1960), dentre outras.

⁶⁵Albert Einstein (1879-1955). Físico e pensador alemão. Obra(s) sugerida(s): *Fundamento geral da teoria da relatividade* (1916), *Sobre a teoria da relatividade especial e geral* (1921), *Por que a guerra?* (1933) (obra em coautoria com Sigmund Freud), *Como vejo o mundo* (1934), *"Manifesto Russell-Einstein"* (1955) (obra em coautoria com Bertrand Russell, na qual exorta nações a renunciar às armas nucleares), dentre outras.

⁶⁶Nos Estados Unidos, Max Horkheimer passa a manter seus vínculos junto à Universidade de Colúmbia (Nova York).

⁶⁷Na Inglaterra, Theodor Adorno passa a manter fortes vínculos junto à Universidade de Oxford (Oxford).

⁶⁸Nos Estados Unidos, Theodor Adorno passa a manter seus vínculos junto à Universidade de Colúmbia (Nova York), Universidade de Berkeley (Califórnia) e Universidade de Princeton (Nova Jérsei).

⁶⁹Nos Estados Unidos, Herbert Marcuse passa a trabalhar para o governo americano. Passa também a manter fortes vínculos junto à Universidade de Colúmbia (Nova York), Universidade de Harvard (Cambridge, Massachusetts), Universidade de Brandeis (Boston, Massachusetts) e Universidade da Califórnia (Los Angeles, Califórnia).

⁷⁰No México, Erich Fromm passa a manter seus vínculos junto à Universidad Nacional Autónoma do México (Cidade do México).

e Estados Unidos (Nova York)⁷¹, sem nunca mais à escola nem à sua terra regressar (JAY, 2008; NOBRE, 2004). Walter Benjamin emigra para França (Paris), sem nunca mais voltar, ao ter, quis o trágico destino, sua vida abreviada na fronteira franco-espanhola, no outono de 1940, enquanto rumava à Madri (Espanha) (MATOS, 1993, 1995; WITTE; FREITAS, 2017).

Ainda assim, mesmo ante essas histórias e partidas, a Escola de Frankfurt se mantém viva e ativa mundo afora. Consolidando sua aura de edifício muito além de “pedra e cal”. Ratificando sua condição de *locus* vivo e ativo, gerado e gerador de ideias inspiradoras, reduto de uma fortuna crítica sem par por onde quer que passe. Comprovando a tese de Thomas Mann (1938)⁷², durante o exílio americano: “onde estou, está a Alemanha”. Sobre a escola alemã, converte-se à tese de Mann: “onde estão os frankfurtianos, está a Escola de Frankfurt”, dado o longo período em que a escola se viu distante das costas do Norte⁷³ e do Báltico⁷⁴.

Em fase já avançada, *segunda* e “*terceira fase*” (*fase contemporânea*), a Escola de Frankfurt se caracteriza por *atualizar* ao seu modo e ao seu tempo a discussão sobre os dissabores do capitalismo contemporâneo (WIGGERSHAUS, 2002; REPA; 2008; GHIRALDELLI, 2010). Só que o faz nesta fase de forma distinta de outrora (geração anterior) (REPA; 2008). Nesta fase, se discute o estado de coisas produzido pelo capitalismo não somente de forma crítica e analítica, mas sobretudo de forma *propositiva* (REPA; 2008; GHIRALDELLI, 2010). Dentre os representantes desta fase, geralmente, situam-se Jürgen Habermas e Axel Honneth (FREITAG, 1986; MATOS, 1993, 1995; WIGGERSHAUS, 2002; JAY, 2008). Em sentido amplo, esta fase se caracteriza como aquela que “atualiza a Teoria Crítica”, suas teses, missões e aspirações para a contemporaneidade (WIGGERSHAUS, 2002; REPA; 2008; GHIRALDELLI, 2010). É, por uns, vista como a fase da escola que assume para si a tarefa de traçar um *diagnóstico* crítico e analítico do tempo presente com alguns “acenos” em busca de algum *prognóstico* de futuro (NOBRE, 2004; REPA; 2008). Por

⁷¹Nos Estados Unidos, Erich Fromm passa a manter fortes vínculos junto à Universidade de Colúmbia (Nova York).

⁷²Paul Thomas Mann (1875-1955). Escritor alemão. Obra(s) sugerida(s): *Entrevista de Thomas Mann concedida à imprensa americana* (1938) (apud KOOPMANN, 1982, p. 15).

⁷³Alusão ao Mar do Norte. Localizado no Atlântico Norte, é um dos mares que banham a Alemanha (ATLAS, 2022).

⁷⁴Alusão ao Mar Báltico. Localizado ao Norte da Europa, é outro dos mares que banham a Alemanha (ATLAS, 2022).

outros, é vista como a fase mais *vigilante* do que pessimista da escola alemã (GHIRALDELLI, 2010). E, por outros tantos, é vista como a fase da escola que alia análises das patologias do capitalismo e suas possíveis saídas, vias de superação, possibilidades de emancipação (NOBRE, 2004; REPA, 2008). Todas, em linhas gerais, perspectivas complementares, afluentes de um mesmo lugar.

Em termos amplos, a Escola de Frankfurt se notabiliza sobremaneira por revisitar fundamentos sócio-econômico-filosóficos consagrados, fazer releituras de teorias e/ou quadros teóricos de fôlego, e por revisitar métodos e/ou programas de pesquisa consagrados, em busca de reassentá-los em novas bases. Neste particular, ao que tudo indica, seu objetivo se revela visivelmente claro: encontrar, via *fundamentos* consagrados, sua própria *voz teórica* e sua própria *voz metodológica*.

4.1.1 Os fundamentos da Teoria Crítica de Frankfurt

Dos fundamentos teóricos que o século XX consagrou, a história e o desenvolvimento de alguns se confundem profundamente com a história e o desenvolvimento de determinadas escolas de pensamento. Diz-se, por exemplo, que a Escola/Círculo de Viena em Filosofia forjou-se, em termos amplos, sob as bases do pensamento wittgensteiniano⁷⁵, da lógica russelliana⁷⁶ e do neopositivismo⁷⁷ (OUELBANI, 2009; SCHMITZ, 2019). É dito também que a Escola de Sociologia e Economia de Chicago forjou-se, em termos amplos, sob as bases do evolucionismo

⁷⁵Ideia(s) afinada(s) ou de inspiração em Ludwig Wittgenstein (1889-1951). Filósofo austríaco. Obra(s) sugerida(s): *Tratado lógico-filosófico* (1921), *As investigações filosóficas* (1953) (obra póstuma), dentre outras.

⁷⁶Ideia(s) afinada(s) ou de inspiração em Bertrand Russell (1872-1970). Filósofo, matemático, escritor e pensador britânico. Nobel de Literatura em 1950. Obra(s) sugerida(s): *Os problemas da filosofia* (1912), *Introdução à filosofia matemática* (1919), *História da filosofia ocidental* (1945), *"Manifesto Russell-Einstein"* (1955) (obra em coautoria com Albert Einstein, na qual exorta nações a renunciar às armas nucleares), dentre outras.

⁷⁷Ideia(s) alusiva(s) ou de inspiração em Ernest Mach (1838-1916). Físico e filósofo austríaco. Obra(s) sugerida(s): *The analysis of sensations* (1886), *The analysis of sensations, and the relation of the physical to the psychological* (1900), dentre outras.

social⁷⁸⁷⁹, do liberalismo⁸⁰ e do funcionalismo⁸¹ (COULON, 1995; BECKER, 1996). Diz-se ainda que a Escola dos Annales em História forjou-se, em termos amplos, sob as bases do pensamento durkheimiano, do estruturalismo⁸², com “acenos” ao marxismo (BURKE, 1991, 2012; REIS, 2006). Por sua vez, é dito que a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt forjou-se, em termos amplos, sob as bases do pensamento marxista e/ou “neomarxista” (HORKHEIMER, 1975; ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; MATOS, 1993, 1995; WIGGERSHAUS, 2002; NOBRE, 2004; REPA, 2008; GIDDENS, 2012).

Desde a fundação, a Escola de Frankfurt se inclina à tradição marxista/marxiana, em termos de fundamentos teóricos. Desde cedo, a escola alemã se rende às suas possibilidades, sendo a ela fortemente associada (ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; WIGGERSHAUS, 2002). Com o tempo, a Escola de Frankfurt se inclina às “armas da crítica” em outros fundamentos teóricos, como em Kant e Hegel, Freud e Schopenhauer, dentre outros (FREITAG, 1986; NOBRE, 2004; WIGGERSHAUS, 2002; REPA, 2008). Contudo, é em Kant, Hegel e, sobretudo, em Marx que se revelam as influências mais claras e fortes (HORKHEIMER, 1975; ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; MATOS, 1993, 1995; WIGGERSHAUS, 2002; NOBRE, 2004; REPA, 2008; GIDDENS, 2012).

Em Kant e Hegel, se busca, em termos amplos, as orientações fundamentais junto a conceitos caros à Escola de Frankfurt/Teoria Crítica. Em Kant, se busca, em linhas gerais, extrair orientações em filosofia crítica, por exemplo, quanto ao conceito de *esclarecimento* (*aufklärung*), em alguns de seus trabalhos, entre os quais,

⁷⁸Ideia(s) afinada(s) ou de inspiração em Charles Darwin (1809-1882). Naturalista e cientista inglês. Viaja à América do Sul, e, ao aportar no Brasil, chega à Bahia, em fevereiro de 1832, e ao Rio de Janeiro, em abril 1832, a bordo do *HMS Beagle* (DARWIN, 1839; 2009). Obra(s) sugerida(s): *Origens das Espécies* (1859), *A viagem do Beagle: viagem de um naturalista à volta do mundo* (1839), *A descendência do homem e seleção em relação do sexo* (1871), dentre outras.

⁷⁹Ideia(s) afinada(s) ou de inspiração em Herbert Spencer (1820-1903). Filósofo inglês. Obra(s) sugerida(s): *Estática social* (1851), *Primeiros princípios* (1862), *O indivíduo contra o Estado* (1884), dentre outras.

⁸⁰Ideia(s) afinada(s) ou de inspiração em Adam Smith (1723-1790). Filósofo e economista escocês. Obra(s) sugerida(s): *Teoria dos sentimentos morais* (1759), *A riqueza das nações* (1776), dentre outras.

⁸¹Ideia(s) afinada(s) ou de inspiração em Émile Durkheim (1858-1917). Filósofo e sociólogo francês. Obra(s) sugerida(s): *Da divisão do trabalho social* (1893), *As regras do método sociológico* (1895), dentre outras.

⁸²Ideia(s) afinada(s) ou de inspiração em Claude Lévi-Strauss (1908-2009). Filósofo e antropólogo francês/belga. Professor da USP entre 1935 e 1939 (LOYER, 2018). Obra(s) sugerida(s): *Tristes trópicos* (1955), *O pensamento selvagem* (1962), *O cru e o cozido* (1964), *O caminho das máscaras* (1975), dentre outras.

destacadamente *Resposta à pergunta: “Que é Esclarecimento”*⁸³. Em Hegel, se busca, em linhas gerais, extrair orientações em filosofia crítica, por exemplo, quanto ao conceito de *dialética* (*dialektik*), em alguns de seus trabalhos, entre os quais, destacadamente *Ciência da lógica*⁸⁴ (FREITAG, 1986; WIGGERSHAUS, 2002; REPA, 2008).

Já em Marx, símbolo e expressão maior de Frankfurt, se busca, em termos amplos, as orientações fundamentais junto ao amplo arco de conceitos e método(s) caros à Escola de Frankfurt/Teoria Crítica (HORKHEIMER, 1975; FREITAG, 1986; NOBRE, 2004; WIGGERSHAUS, 2002; REPA, 2008).

Em contexto, no entanto, tal inclinação se dá em tempos de forte maré adversa ao marxismo. Na primeira metade do século XX, momento em que a Escola de Frankfurt/Teoria Crítica se rende ao marxismo, o clima é de contracorrente ao marxismo. É “[...] preciso lembrar que o marxismo, à exceção da União Soviética, era então marginalizado na universidade em todo o mundo, contando apenas com alguns poucos professores” (NOBRE, 2004, p. 14). Ainda assim, a Escola de Frankfurt/Teoria Crítica, avança, e como barcos contra a corrente, parafraseando Fitzgerald (2011)⁸⁵, se rende ao marxismo, desafiando maré adversa.

Em Marx, se busca, em linhas gerais, extrair orientações em crítica de economia política, por exemplo, quanto aos conceitos de *crítica/teoria crítica* (*kritische/kritische theorie*) e de *dialética* (*dialektik*), em alguns de seus trabalhos, entre os quais, destacadamente *O capital*⁸⁶ e *Contribuições para a crítica de economia política*⁸⁷ (HORKHEIMER, 1975; FREITAG, 1986; NOBRE, 2004; WIGGERSHAUS, 2002; REPA, 2008). É da obra de Marx, destacadamente de “O capital”, que Horkheimer busca extrair os princípios fundamentais da *Teoria Crítica*, teoria por ele formulada e através dele associada à Escola de Frankfurt, por meio do célebre artigo *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*. É também da obra de Marx, destacadamente de “O capital” e de “Contribuições para a crítica de economia política”, que Horkheimer busca extrair os

⁸³Immanuel Kant (1724-1804). Filósofo e pensador alemão. Obra(s) sugerida(s): *Resposta à pergunta: “Que é Esclarecimento”* (1783), dentre outras.

⁸⁴Georg Hegel (1770-1831). Filósofo e pensador alemão. Obra(s) sugerida(s): *Ciência da lógica* (1812), dentre outras.

⁸⁵Francis S. K. Fitzgerald (1896-1949). Escritor americano. Obra(s) sugerida(s): *O Grande Gatsby* (2011), dentre outras.

⁸⁶Karl Marx (1818-1883). Filósofo e pensador alemão. Obra(s) sugerida(s): *O capital* (1867) (livros 1, 2 e 3), dentre outras.

⁸⁷Karl Marx (1818-1883). Filósofo e pensador alemão. Obra(s) sugerida(s): *Contribuições para a crítica da economia política* (1859), dentre outras.

princípios do *materialismo interdisciplinar*, método e/ou programa de pesquisa por ele formulado e através dele associado à Escola de Frankfurt, por meio, mais claramente, do célebre artigo *A presente situação da filosofia social e as tarefas de um Instituto de Pesquisa Social*. Sobre tudo isso, se diz:

[O] objetivo principal do Instituto [Escola de Frankfurt] era o de promover, em âmbito universitário, investigações científicas a partir da obra de Karl Marx (1818-1883). Vê-se já que a Teoria Crítica, desde o início, tem por referência o marxismo e seu método – o modelo da “crítica da economia política” (é justamente esse o subtítulo da obra máxima de Marx, *O capital*). [...] Esse foi, portanto, o primeiro sentido da Teoria Crítica tal como teorizada por Horkheimer nesse período: pesquisadores de diferentes especialidades trabalhando em regime interdisciplinar e tendo como referência comum a tradição marxista (NOBRE, 2004, pp. 13-15, grifo nosso).

Contudo, inspirando-se no próprio Marx – que toma a história como solo da experiência intelectual –, a Escola de Frankfurt/Teoria Crítica não se mantém inteiramente fiel às suas análises e diagnósticos – voltados à realidade social do século XIX. Para ela, “ter a obra de Marx como referência, como horizonte comum, não significa partilhar dos mesmos diagnósticos e das mesmas opiniões” (NOBRE, 2004, p. 15). Indo além, toma por base as orientações da teoria crítica de Marx, mas adequando-as à realidade de seu tempo, ao século XX, marcado pelo fascismo, stalinismo, nazismo, entreguerras, imperialismo e pelas transformações do capitalismo monopolista/avançado, dentre outros. Assim o faz “[...] não só porque a própria obra de Marx se presta a interpretações divergentes, mas também pelo fato de que as maneiras de se utilizar de Marx para compreender o tempo presente são diversas” (NOBRE, 2004, p. 15).

Ante isso é que se diz que a Escola de Frankfurt/Teoria crítica faz releituras de fundamentos sócio-econômico-filosóficos consagrados, reassentando-os em novas bases. Em virtude disso é que se diz que a Escola de Frankfurt/Teoria crítica revisita teorias e/ou quadros teóricos fundamentais, reassentando-os em novas bases. Em razão disso é que se diz que a Escola de Frankfurt/Teoria Crítica busca, ante tudo isso, um objetivo claro: encontrar, via fundamentos, sua própria *voz teórica*.

4.1.2 A “invenção” frankfurtiana

Das “invenções” teórico-metodológicas que o século XX consagrou, diz-se que as mais inovadoras tiveram por berço as escolas de pensamento. É dito que a Escola

de Chicago, por exemplo, “inventou” o método qualitativo de pesquisa (COULON, 1995; BECKER, 1996). Diz-se ainda que a Escola dos Annales “inovou” ao dar ao mundo as fontes pictóricas/filmográficas/orais⁸⁸ sob um *status* científico nunca antes visto (BURKE, 1991, 2012; REIS, 2006). Por sua vez, é dito que a Escola de Frankfurt “inovou” ou “inventou” além de um método, uma teoria, a Teoria Crítica (FREITAG, 1986; MATOS, 1993, 1995; WIGGERSHAUS, 2002; NOBRE, 2004; REPA, 2008).

Tendo definido os fundamentos de seu pensamento e atuação, o marxismo, ou seja, tendo situado *do que é feita* e/ou *em que bases* teóricas se apoia, a Escola de Frankfurt parte e avança em direção a se definir melhor. Parte em direção a situar-se quem é, *o que é*, ou seja, a precisar-se melhor sobretudo quanto ao seu significado, papel e tarefas.

Em termos de “invenção” e/ou “inovação teórica”, a *Teoria Crítica*, forjada sob as bases do pensamento marxista, é historicamente associada à Escola de Frankfurt. Através dela, a escola alemã se notabiliza por criar e difundir um projeto teórico/teoria “capaz de pensar criticamente a vida social marcada pelos antagonismos produzidos pelos avanços do capitalismo” (MIRANDA, 2008, p. 03).

Em termos de fundamentos, a Teoria Crítica se forja sob as bases do pensamento marxista e/ou “neomarxista” (GIDDENS, 2012). Em Marx, se busca, em linhas gerais, extrair orientações em crítica de economia política quanto ao conceito de *crítica/teoria crítica* (*kritische/kritische theorie*), em alguns de seus trabalhos, entre os quais, destacadamente “O capital”. É desta obra de Marx que Horkheimer busca extrair os princípios fundamentais da Teoria Crítica, teoria por ele formulada e por meio dele difundida associada à Escola de Frankfurt, através do célebre artigo *Teoria Tradicional e Teoria Crítica* (HORKHEIMER, 1975; FREITAG, 1986; NOBRE, 2004; WIGGERSHAUS, 2002; REPA, 2008).

Conceitualmente, Teoria Crítica, conforme Horkheimer (1975), significa uma “teoria crítica social”. Em termos amplos, significa uma teoria crítica inclinada a pensar, entender e problematizar a sociedade marcada pelos avanços da ideologia do capitalismo avançado (FREITAG, 1986; REPA, 2008). Indo além, significa também uma

⁸⁸No campo historiográfico, diz-se que a Escola dos Annales fora a primeira a dar às pinturas, aos filmes, às músicas e a outros objetos/artefatos o *status* de fontes históricas cientificamente válidas. *Status* até então reservado unicamente aos “documentos escritos” e/ou “oficiais” (BURKE, 1991).

teoria voltada a traçar diagnósticos das patologias do capitalismo e buscar suas vias de superação/emancipação.

Em termos de característica, diferentemente do que se possa pensar à primeira vista, a “Teoria crítica” significa, em sentido amplo, mais/incessantemente uma *teoria da pluralidade/pluridimensional*, eixo/vetor propulsor da diversidade temática e da complexidade teórico-epistemológica, e, menos/raramente uma *teoria da unidade/unidimensional*, enquanto eixo/vetor propulsor da unidade temática e unicidade teórico-epistemológico (ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; WIGGERSHAUS, 2002).

Desmonta assim o “mito” que frequentemente ronda as teorias e/ou escolas de pensamento: o *mito da unidade temática* e/ou da *unicidade epistemológica*. Ideia segundo a qual as escolas de pensamento e/ou suas teorias constituem um corpo só, *uno e unísono*. Como se todos a elas alinhados “falassem em conjunto”, “agissem em conjunto”, “adotassem as mesmas metodologias”, “se valessem das mesmas epistemologias” e etc. Fato que a história intelectual do pensamento ocidental nos ensina que poucas vezes ocorreu ou raramente existiu (BURKE, 2012). E que se aplica à perfeição ao caso da Teoria Crítica/Escola de Frankfurt (FREITAG, 1986).

Teoria crítica é, antes de tudo, sinônimo de “mosaico teórico” e/ou “caleidoscópio teórico” de múltiplas vozes, sons e tons que, em algum ponto, se tocam, concorrem em uma mesma direção, cooperam em direção a um horizonte comum, não único nem unitário. No caso da Teoria Crítica/Escola de Frankfurt, tal horizonte comum e conjunto se manifesta de inúmeras maneiras e múltiplas formas. Por vezes se manifesta quando seus teóricos e teorias concorrem em direção ao marxismo e em seu tom crítico-reflexivo, dialético e dialógico. Por vezes se revela quando seus teóricos e teorias concorrem em direção ao pluralismo/diversidade, ao adotar uma voz plural, complexa e diversa quanto às suas temáticas, aos perfis de seus integrantes e sobretudo às suas abordagens epistemológicas. Teoria Crítica significa, pois, pluralidade temática, diversidade de abordagem e busca de ares de originalidade/ineditismo. Diferente disso, é distinto da Teoria Crítica, do que lhe é ou passou a ser próprio e característico (ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; WIGGERSHAUS, 2002). Sobre isto, Freitag (1986, p. 34, grifo nosso) esclarece:

O termo Escola de Frankfurt ou uma concepção de uma “teoria crítica” sugerem uma unidade temática e um consenso epistemológico teórico e político que raras vezes

existiu entre os representantes da Escola. O que caracteriza a sua atuação conjunta é sua capacidade intelectual e crítica, sua reflexão dialética, sua competência dialógica ou aquilo que Habermas viria a chamar de “discurso”, ou seja, o questionamento radical dos pressupostos de cada posição e teorização adotada (grifo nosso).

Nesses termos, ao se pensar em Escola de Frankfurt/ Teoria Crítica, deve se ter em mente de que se está diante de um palco da crítica social, dialética e dialógica, cujos atores se valem de *releituras* de pensadores como Marx, Hegel, Kant, Freud, Schopenhauer, entre outros (ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; NOBRE, 2004; WIGGERSHAUS, 2002; REPA, 2008).

Seus idealizadores/atualizadores, os “frankfurtianos” e/ou os “teóricos críticos”, são, em termos amplos, em sua primeira fase e/ou geração, Max Horkheimer e Theodor Adorno, em sua segunda fase e/ou geração, Jürgen Habermas e outros, e, em sua “terceira” fase e/ou geração, Axel Honneth e outros, nomes que o pensamento social e filosófico contemporâneo consagrou (ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; REPA, 2008).

Em linhas gerais, valendo-se dessa tradição teórica, em suas análises e seus constructos, esses teóricos e pensadores revelam-se, por exemplo, porta-vozes da percepção, do raciocínio e da sensação de que existem fortes laços e elos entre conhecimento e interesse, entre técnica e ideologia, entre razão e dominação, ideias que atravessam a contemporaneidade (NOBRE, 2004; JAY, 2008; GHIRALDELLI JR, 2010).

Ante isso é que se diz que a Escola de Frankfurt/Teoria Crítica faz releituras de fundamentos sócio-econômico-filosóficos consagrados, reassentando-os em novas bases, em busca de sua própria voz teórica. Em razão disso é que se diz que a Escola de Frankfurt/Teoria Crítica busca, ante tudo isso, outro objetivo claro: encontrar, via fundamentos e Teoria Crítica, sua própria *voz metodológica*.

4.1.3 O “método frankfurtiano”

Na história dos métodos e/ou programas de pesquisa do século XX, é dito que história de alguns se confunde com a própria história de determinadas escolas de pensamento. O método qualitativo e/ou empirismo, por exemplo, passou a ser

fortemente associado à Escola de Chicago⁸⁹ (COULON, 1995; BECKER, 1996). Já o método dedutivo e/ou empirismo lógico passou a ser constantemente associado à Escola/Círculo de Viena⁹⁰ (OUELBANI, 2009; SCHMITZ, 2019). Por sua vez, o método comparativo e/ou estruturalismo passou a ser frequentemente associado à Escola dos Annales⁹¹ (BURKE, 1991, 2012; REIS, 2006). Já o materialismo interdisciplinar passou a ser fortemente associado à Escola de Frankfurt (HORKHEIMER, 1975, 1999; FREITAG, 1986; MATOS, 1993, 1995; WIGGERSHAUS, 2002; NOBRE, 2004; REPA, 2008).

Tendo definido a Teoria Crítica como sua “invenção teórica”, ou seja, tendo definido *o que é*, a Escola de Frankfurt parte e avança em direção a situar seu *como fazer* metodológico. Tendo situado *do que é feita* e/ou *em que bases* teóricas se apoia – o marxismo –, a Escola de Frankfurt ruma e avança em direção a definir seu *caminho* metodológico. Ou seja, a Escola de Frankfurt/Teoria Crítica parte e avança em direção a iluminar e difundir seu programa de pesquisa.

Desde a fundação, a Escola de Frankfurt se inclina e se rende à *dialética*⁹² em termos metodológicos. Desde cedo, a escola alemã se “derrama” às suas possibilidades, sendo a ela fortemente associada (WIGGERSHAUS, 2002; DEMO,

⁸⁹Escola econômica e sociológica norte-americana. Dentre seus expoentes, destacam-se Robert Park (sociólogo), Erving Goffman (sociólogo/antropólogo), Everett Hughes (sociólogo), dentre outros. Em termos metodológicos, associa-se à escola a *abordagem qualitativa*, *pesquisa de campo*, *empirismo* e *observação participante* e *entrevistas*. Fundada em 1910, seus anos de funcionamento situam-se, em linhas gerais, entre os anos de 1910 a 1980 (COULON, 1995; BECKER, 1996).

⁹⁰Escola/Círculo de Viena em Filosofia. Dentre seus representantes, destacam-se Moritz Schlick (físico) (brutalmente assassinado pelo fanatismo nazista, em 1936 (OUELBANI, 2009)), Hans Hahn (matemático), Rudolf Carnap (matemático), Otto Neurath (sociólogo e economista), Ludwig Von Bertalanffy (biólogo) (considerado pai da “Teoria dos Sistemas”, “Teoria Sistêmica” e/ou “Teoria Geral dos Sistemas”), dentre outros. Dentre os que estabelecem relações de diálogo e de crítica junto à escola, sem a ela pertencer, situam-se nomes como Karl Popper (filósofo) e Ludwig Wittgenstein (filósofo). Em termos metodológicos, associa-se à escola a *lógica* de Bertrand Russell (filósofo e matemático), assim como releituras do *método indutivo* e do princípio da *verificabilidade*. Fundada em 1923, seus anos de funcionamento situam-se, em linhas gerais, entre os anos de 1920 e 1930 (OUELBANI, 2009; SCHMITZ, 2019).

⁹¹Escola/Movimento historiográfico francês. Dentre seus líderes, destacam-se Lucien Febvre (historiador), Marc Bloch (historiador), Jacques Le Goff (historiador), Pierre Nora (historiador) Fernand Braudel (historiador) (professor da USP entre 1935 e 1937 (MARTINEZ, 2002)), dentre outros. Em termos metodológicos, associa-se à escola a *abordagem interdisciplinar* (sobretudo com a Sociologia, a Antropologia e a Psicologia) e releituras da *abordagem quantitativa*. Fundada em 1929, seus anos de funcionamento situam-se, em linhas gerais, entre os anos de 1920 e 1980 (BURKE, 2011, 2012; REIS, 2006).

⁹²A *dialética* e/ou *método dialético*, enquanto programa de pesquisa definido, remonta a Hegel (MARX, 1868). O próprio Marx assim o confessa em carta de 1868 a Joseph Diezgen: “[...] as leis exatas da dialética já se encontram em Hegel [...]” (MARX apud WIGGERSHAUS, 2002, p. 207). Nestes termos, para Marx, é Hegel a mente por trás desse método chamado dialética, por assim dizer.

1995). Contudo, na Escola de Frankfurt, a dialética, de inspiração em Hegel e Marx – em suas *dialéticas idealista e materialista* –, assume muito mais as feições de sua versão em Marx. Mais precisamente, de sua versão no jovem Marx⁹³, isto é, no materialismo dialético do jovem Marx (DEMO, 1995). Diz-se que “o próprio Horkheimer dava a todos os seus trabalhos dos anos 1930 o título geral de ‘lógica dialética’” (WIGGERSHAUS, 2002, p. 206), tal o laço e elo estabelecidos entre ambos.

Em termos de fundamentos, o *materialismo interdisciplinar*, método associado à Escola de Frankfurt/Teoria Crítica, nasce sob as bases do pensamento marxista e/ou “neomarxista” (GIDDENS, 2012). “Braço” do materialismo dialético, os laços e elos entre seu programa de pesquisa e a obra de Marx são inevitáveis. É da obra de Marx, de “O capital” e de “Contribuições para a crítica de economia política”, que Horkheimer busca extrair os princípios do *materialismo interdisciplinar*. Programa de pesquisa por ele formulado e por meio dele difundido associado à Escola de Frankfurt/Teoria Crítica. Método presente mais claramente nas linhas de seu célebre artigo *A presente situação da filosofia social e as tarefas de um Instituto de Pesquisa Social* (HORKHEIMER, 1999; FREITAG, 1986; NOBRE, 2004; WIGGERSHAUS, 2002; REPA, 2008).

Ante isso, em termos de “autoria”, é atribuído a Horkheimer o feito de ter elaborado o programa do materialismo interdisciplinar, tão logo formulado, sem demora abraçado pelos membros de Frankfurt/Teoria Crítica. Com o materialismo interdisciplinar, Horkheimer e os seus partem e avançam além do materialismo dialético de Marx. Se inspiram nele, mas o materialismo interdisciplinar que constroem não se confunde com ele. Tal qual a maçã, que é feita de água, terra, adubo, macieira e de um pouco de sol, e, mesmo feita delas, não se confunde com elas – diria o grande Amós Oz (OZ, 2019)⁹⁴, assim é o materialismo interdisciplinar. É feito de um pouco de materialismo dialético, de um pouco de espírito interdisciplinar (direito,

⁹³Incontáveis estudiosos classificam as ideias de Karl Marx situando-as em duas fases: a) *Primeira fase*: ideias do “jovem Marx”; e b) *Segunda fase*: ideias do “velho Marx” (DEMO, 1995). Na primeira, situam-se as ideias iniciais de Marx, dos ditos verdes anos de sua força intelectual, traduzidas muitas vezes como as suas ideias mais “revolucionárias”, por isso intituladas de ideias do “jovem Marx”. Na segunda, situam-se as ideias de uma fase já avançada da vida e obra de Marx, dos ditos anos de sua maturidade e força intelectual, traduzidas muitas vezes como as suas ideias mais “ortodoxas”, por isso intituladas de ideias do “velho Marx” (DEMO, 1995).

⁹⁴Amós Oz ou Amos Klausner (1939-2018). Escritor israelense. Obra(s) sugerida(s): *Do que é feita a maçã* (2019), dentre outras.

economia, filosofia, ciência política, sociologia, história, psicologia, psicanálise e mais) e de um pouco de dignóstico do tempo (século XX), e mesmo feito deles, é distinto deles. É disso que é feito o materialismo interdisciplinar forjado por Horkheimer e pela Escola Frankfurt (HORKHEIMER, 1999; FREITAG, 1986; NOBRE, 2004; WIGGERSHAUS, 2002; REPA, 2008).

Conceitualmente, em termos amplos, materialismo interdisciplinar conforme formulada por Horkheimer (1999), significa um “programa de pesquisa interdisciplinar”. Um método dialético, dialógico e interdisciplinar, que se vale de distintos contributos teórico-analítico-empíricos, dos mais variados campos e teóricos, para investigar estado de coisas e sociedades, ante o avanço do capitalismo no curso dos tempos. Sobre a ideia do programa do materialismo interdisciplinar, Repa (2008) e Wiggershaus (2002) esclarecem:

[...] Tratava-se para Horkheimer e seus colegas de organizar investigações que unificassem filósofos, sociólogos, economistas, historiadores e psicólogos em uma comunidade de trabalho permanente, para investigar questões filosóficas substantivas sobre a totalidade social com auxílio de métodos científicos. *Nesse programa, cabia à filosofia o papel de detectar os problemas e integrar as diversas ciências particulares [...]*. (REPA, 2008, p. 14, grifo nosso).

[...] Em seu discurso inaugural, Horkheimer havia apresentado como uma necessidade geral e como o programa do Instituto o fato de que filósofos, sociólogos, especialistas em economia política, historiadores e psicólogos se reunissem numa comunidade duradoura de trabalho e visassem incitar a interpenetração dialética da teoria filosófica e da prática da pesquisa especializada no domínio da teoria da sociedade, o que não era mais possível para um homem só. Ele pedia, assim, não a colaboração de puros filósofos com puros cientistas, mas de teóricos em que cada um dominasse mais particularmente uma ou outra área científica, que tivessem igualmente a filosofia como disciplina universitária, cuja tradição — e a convicção atual — filosófica e epistemológica os fizesse particularmente capazes de esclarecer o caráter específico de sua própria orientação de pesquisa. Uma tal união pessoal da teoria e da ciência especializada, presente em todos aqueles que estavam implicados no cerne do projeto, dispensava provisoriamente definir com mais cuidado o que queria dizer exatamente o incitar à interpretação dialética da teoria filosófica e da prática da pesquisa especializada (WIGGERSHAUS, 2002, p. 207-208, grifo nosso).

Em termos próprios/característicos, o materialismo interdisciplinar se constitui mais/fortemente como um *método plural/pluridimensional*, *lócus* da complexidade teórica/analítica/epistemológica/empírica, e, menos/raramente um *método uno/unidimensional*, *lócus* da unicidade teórica/analítica/epistemológica/empírica (FREITAG, 1986; WIGGERSHAUS, 2002).

Nesses termos, ao se pensar em materialismo interdisciplinar, deve se ter em mente de que se está diante de um método dialético, dialógico e interdisciplinar, que se vale de *releituras* teóricas/analíticas/empíricas de pensadores versados em vários

campos: Filosofia, Economia, História (Kant, Hegel, Marx), Linguística (Apel e outros), Sociologia (Weber, Durkheim, Parsons), Arte (Lukács e outros), Psicologia e Psicanálise (Freud, Piaget, Mead), dentre outros, numa relação de diálogo e de debate livre e aberto (ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; NOBRE, 2004; WIGGERSHAUS, 2002; REPA, 2008).

Em estudos e pesquisas, o materialismo interdisciplinar é o que se ajusta à perfeição às investigações da Escola de Frankfurt. Vista como escola crítica plural, complexa e diversa quanto às suas temáticas, às suas abordagens e aos seus integrantes, tal método se ajusta com exatidão às investigações e reflexões da teoria/escola alemã. Escola/teoria de *horizonte comum* claro (dentro do espírito marxista, *locus* intelectual crítico, da competência dialógica, da reflexão dialética). Escola/teoria *diversa* por natureza (na forma, isto é, sempre autoral/distinta no estilo, caminho, abordagem). E que, por tudo isto, encontra no materialismo dialético o caminho metodológico que melhor se ajusta às suas missões e ambições, ao que se convencionou chamar de Teoria Crítica/Escola de Frankfurt.

Ante tudo isso, tendo situado *o que é*, ou seja, Teoria Crítica, tendo situado seu caminho e/ou *fazer metodológico*, ou seja, seu materialismo interdisciplinar, se diz que os teóricos críticos e/ou os frankfurtianos não só fizeram a mudança, eles foram a mudança.

4.1.4 Os “frankfurtianos”

Na história dos pensadores que o século XX consagrou, é dito que a vida e obra de alguns se confunde profundamente com a história de determinadas escolas de pensamento, são parte de uma mesma história. Ao se pensar na Escola dos Annales, por exemplo, logo vem à mente nomes como Lucien Febvre, Marc Bloch, Jacques Le Goff, Pierre Nora, Fernand Braudel, dentre outros (BURKE, 1991, REIS, 2006). De igual modo, ao se pensar na Escola de Chicago, logo vem à tona nomes como George Stigler, Milton Friedman, Robert Park, William Thomas, dentre outros (COULON, 1995; BECKER, 1996). Por sua vez, ao se pensar na Escola de Frankfurt, logo vem à mente nomes como Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin, Jürgen Habermas, dentre outros (FREITAG, 1986; MATOS, 1993, 1995;

WIGGERSHAUS, 2002; NOBRE, 2004; REPA, 2008).

Distanciamo-nos aqui do debate quanto à ambiguidade do termo “frankfurtianos” – segundo alguns, válido em alguns lugares, e, conforme outros, rótulo já superado em grande parte do mundo (WIGGERSHAUS, 2002; NOBRE, 2004). Nas linhas deste estudo, a rigor, nos somamos a aqueles que leem “frankfurtianos”, “teóricos críticos” e suas variantes eminentemente como sinônimos. Em sendo assim, aqui, tais expressões se reconhecem, se assumem e devem ser lidas fundamentalmente em sentido/termos semelhantes, equivalentes.

Valemo-nos aqui dos fortes laços e elos que os unem – escola e teóricos –, ou seja, dos fortes laços e elos que tais teóricos e a escola alemã mantém entre si. Seja direta ou indiretamente, é inegável que tais nomes figuram entre os fundadores, herdeiros, críticos e/ou mesmo atualizadores do que se convencionou chamar de Teoria Crítica/Escola de Frankfurt (FREITAG, 1986; WIGGERSHAUS, 2002; NOBRE, 2004; JAY, 2008).

Distanciamo-nos aqui ainda do debate quanto à ambiguidade em relação às “gerações da Escola de Frankfurt”. Se tem ciência do dissenso quanto à formação “original” e/ou “clássica” da Segunda Geração da escola, em relação aos seus “verdadeiros” integrantes ou não, aos seus “legítimos” expoentes ou não. Se tem ciência também do debate quanto à própria existência ou não de uma Terceira geração e/ou suposta “Terceira Geração” da escola, seus integrantes e seus teóricos expoentes. Contudo, nas linhas deste estudo, a rigor, nos somamos a aqueles que fogem desta discussão e rumam em direção aos nomes e gerações geralmente citados pela literatura e estudos de referência consagrados junto à temática.

Como toda classificação, como toda lista, esta compilação é ambiciosa e breve, finita e aberta. Trata-se, em termos amplos, de *uma* leitura hermenêutica, dentre outras possíveis, dos teóricos críticos e de suas gerações junto à Teoria Crítica/Escola de Frankfurt. Refere-se, em particular, a uma leitura hermenêutica finita e aberta dos teóricos expoentes das várias gerações da escola. Em tempo algum a lista/leitura se arroga definitiva ou mesmo absoluta, totalizante ou inclinada a esgotar o tema. Em tudo a lista/leitura se reconhece como provisória e aproximada, finita e aberta, crítica e autocrítica, ciente de seu próprio lugar no momento, espaço e tempo, social, histórico e epistemológico.

4.1.4.1 “Os 11 de Frankfurt”⁹⁵

A alcunha “Os 11 de Frankfurt” alude à constelação de 11 nomes, 11 pensadores e 11 teóricos, cuja vida e obra se confunde com a própria história da Teoria Crítica/Escola de Frankfurt, são parte de uma mesma história (ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; MATOS, 1993, 1995; WIGGERSHAUS, 2002; NOBRE, 2004; JAY, 2008; REPA, 2008, 2009).

Trata-se, em termos amplos, de uma “visão de síntese”. Cujo fim primeiro e último é oferecer ao leitor iniciante e/ou iniciado no tema uma viagem fluída e sustentada rumo à estação da Escola de Frankfurt. E, através dela, a tomar contato com alguns de seus teóricos expoentes e com uma das teorias mais influentes da história do pensamento social ocidental.

Apresenta-se, em linhas gerais, 11 nomes, 11 teóricos e 11 pensadores, cujas vidas e obras atravessam os mais distintos, tensos e complexos momentos, gerações e movimentos da Teoria crítica/Escola de Frankfurt (ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; MATOS, 1993, 1995; WIGGERSHAUS, 2002; NOBRE, 2004; JAY, 2008; REPA, 2008, 2009). Seus nomes e suas obras, ou sua ordem de disposição a seguir, se refugiam, fundamentalmente, no amplo arco de serviços prestados e de escritos dedicados à Teoria Crítica/Escola de Frankfurt.

4.1.4.1.1 Primeira geração: a “geração de ouro”

Max Horkheimer

Filósofo alemão, Max Horkheimer (1895-1973) é aclamado como um dos “pais fundadores” da Escola de Frankfurt/Teoria Crítica (FREITAG, 1986; JAY, 2008). Cofundador do instituto, em 1923, é, talvez, “a voz sociológico-filosófica mais célebre da geração de ouro da escola”, “a mente por trás do Materialismo interdisciplinar”, ou

⁹⁵Alcunha livremente inspirada nos estudos de referência consagrados junto à temática (ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; MATOS, 1993, 1995; WIGGERSHAUS, 2002; NOBRE, 2004; JAY, 2008; REPA, 2008, 2009).

mesmo “o genuíno inventor da Teoria Crítica” (FREITAG, 1986; WIGGERSHAUS, 2002; NOBRE, 2004; JAY, 2008). Nascido em Stuttgart, Horkheimer tem decisiva e notável atuação junto à Escola de Frankfurt/Instituto de Pesquisas Sociais.

Dentre os feitos de Horkheimer junto à Escola de Frankfurt, destaca-se sua atuação junto à Revista de Pesquisa Social (*Zeitschrift für Sozialforschung*), título que passa a publicar ensaios e estudos da escola, entre 1932 e 1942, com reedições em 1960. Destaca-se ainda sua atuação junto à vinculação oficial da escola à Universidade de Frankfurt. Destaca-se também feito de especial grandeza: o de ter elaborado o programa de pesquisa da escola, o “materialismo interdisciplinar”. Destaca-se sobremaneira feito ainda maior: o de invenção da “Teoria Crítica”, em célebre artigo de 1937, *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*, texto fundador da Escola de Frankfurt/Teoria Crítica (ROUANET, 1983; FREITAG, 1986; MATOS, 1993, 1995; WIGGERSHAUS, 2002; JAY, 2008).

Em sua carreira acadêmica, Max Horkheimer acumula passagens junto ao cargo de Diretor da Escola de Frankfurt/Instituto de Pesquisa Social por dois mandatos, inicialmente, de 1930 a 1933, e, novamente, de 1949 a 1958 (WIGGERSHAUS, 2002; JAY, 2008). Soma-se a isso sua passagem como Reitor da Universidade de Frankfurt, entre os anos de 1951 e 1953 (WIGGERSHAUS, 2002; JAY, 2008). Quanto à sua gestão à frente da Escola de Frankfurt/Instituto de Pesquisa Social, é dito que a escola/o instituto se estabelece e vive seus “anos dourados”, sua “era de ouro”, seus “tempos áureos” (WIGGERSHAUS, 2002; GHIRALDELLI JR, 2010).

Em seus constructos teóricos, Max Horkheimer se lança a fazer releituras de diversos filósofos, dentre eles, Marx, Hegel, Schopenhauer, dentre outros. Os interesses dos estudos de Horkheimer centram-se em diversos temas, dentre os quais, destacam-se Racionalidade, Epistemologia, Teoria Crítica e Dialética.

As repercussões dos estudos horkheimeanos exercem influência direta e/ou indireta sobre teóricos *da e além-fronteiras* da escola alemã. Em Frankfurt, exercem influência direta e/ou indireta sobre grandes nomes, dentre os quais, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas, Walter Benjamin, Erich Fromm, dentre outros. No mundo, exercem influência direta e/ou indireta sobre outros grandes

nomes, dentre eles, destacadamente Christopher Lasch⁹⁶, Karl-Otto Apel⁹⁷ e Joe Kincheloe⁹⁸.

Dentre suas obras mais relevantes, destacam-se *Teoria tradicional e Teoria crítica*, *Teoria crítica: uma documentação*, *Eclipse da Razão*, *Dialética do Esclarecimento* (obra escrita em coautoria com Theodor Adorno).

Theodor Adorno

Nascido em Frankfurt, Alemanha, o filósofo Theodor Adorno (1903-1969) é reverenciado como um dos expoentes da “geração de ouro” da Escola de Frankfurt (FREITAG, 1986; JAY, 2008). Geração decantada exatamente por, na condição de geração primeira e pioneira, exercer papel decisivo e crucial tanto na formulação como na disseminação da chamada Teoria Crítica (ROUANET, 1983; FREITAG, 1986). Adorno tem reconhecida atuação e destacada produção junto à Escola de Frankfurt (FREITAG, 1986; REPA, 2008).

Em sua carreira acadêmica, Theodor Adorno acumula passagens junto ao cargo de Diretor-adjunto e de Diretor da Escola de Frankfurt/Instituto de Pesquisa Social, entre os anos 1950 e 1960 (WIGGERSHAUS, 2002; JAY, 2008). Sob sua gestão à frente da Escola de Frankfurt/Instituto de Pesquisa Social, é dito que a escola/instituto continua a viver seus “tempos áureos” (GHIRALDELLI JR, 2010).

Em seus constructos teóricos, Theodor Adorno se lança a fazer releituras de diversos filósofos, como Marx, Kant, Hegel, Freud, Schopenhauer, dentre outros. Os interesses dos estudos de Adorno centram-se em diversos temas, dentre os quais, Indústria Cultural, Cultura de Massa e Dialética.

As repercussões dos estudos adornianos exercem influência direta e/ou indireta sobre teóricos *da e além-muros* escola alemã. Em Frankfurt, exercem influência direta e/ou indireta sobre nomes notáveis, dentre eles, Max Horkheimer, Walter

⁹⁶Christopher Lasch (1932-1994). Historiador americano. Obra(s) sugeridas(s): *A cultura do narcisismo* (1979), *O mínimo eu* (1983), *Refúgio num mundo sem coração* (1991), dentre outras.

⁹⁷Karl-Otto Apel (1922-2017). Filósofo alemão. Obra(s) sugeridas(s): *Transformações da Filosofia* (1973), *Teoria da verdade e ética do discurso* (1973), *O desafio da crítica total da razão* (1987), dentre outras.

⁹⁸Joe Kincheloe (1950-2008). Educador e pesquisador americano. Obra(s) sugeridas(s): *Teachers as researches* (1991), *Toward a critical politics of teacher thinking* (1993), *Critical Pedagogy primer* (2008), dentre outras.

Benjamin, Herbert Marcuse, Axel Honneth e Jürgen Habermas – seu assistente e um de seus discípulos mais “estimados” (WIGGERSHAUS, 2002). No mundo, exercem influência direta e/ou indireta sobre grandes nomes, dentre os quais, destacadamente Christopher Lasch, Joe Kincheloe e Umberto Eco⁹⁹.

Dentre suas obras mais célebres, sobressaem-se *Indústria Cultural e Sociedade*, *Lições de Sociologia*, *Dialética do Esclarecimento* (obra escrita em coautoria com Max Horkheimer).

De *filósofo de renome* à *nome de prêmio*. Desde 1977, em homenagem a Adorno, em Frankfurt¹⁰⁰ (Alemanha), se concede o Prêmio Theodor Adorno (WIGGERSHAUS, 2002). Prêmio concedido a cada 3 anos, em cada 11 de setembro, data de nascimento de Adorno. Prêmio destinado a personalidades que se destacam no campo das humanidades, da Filosofia às Artes. Dentre os laureados, grandes nomes das artes e do pensamento contemporâneo. Nomes da sociologia, como Norbert Elias (vencedor em 1977), Leo Löwenthal (vencedor em 1989) e Zygmunt Bauman (vencedor em 1998), personalidades das artes, como o cineasta Jean-Luc Godard (vencedor em 1995), e nomes da filosofia, como Jürgen Habermas (vencedor em 1980), Jacques Derrida (vencedor em 2001) e Judith Butler (vencedora em 2012), dentre outros(as).

Erich Fromm

Filósofo, psicanalista e sociólogo alemão, Erich Fromm (1900-1980) é reconhecido como um dos nomes de proa da primeira geração do instituto, a “geração de ouro” da Escola de Frankfurt (ROUANET, 1983; FREITAG, 1986). Nascido em Frankfurt, Fromm tem atuação destacada junto à Escola de Frankfurt (FREITAG, 1986; REPA, 2008).

Em seus trabalhos, Erich Fromm se dedica a fazer releituras de diversos pensadores, destacadamente de Marx e Freud, dentre outros. Os interesses dos estudos de Fromm centram-se em diversos temas, principalmente Psicologia Social e Filosofia Humanista.

⁹⁹Umberto Eco (1932-2016). Filósofo, linguista e escritor italiano. Obra(s) sugeridas(s): *Apocalípticos e integrados* (1964), *Como se faz uma tese* (1977), *O nome da rosa* (1980), *Os limites da interpretação* (1987), dentre outras.

¹⁰⁰Prêmio oficialmente concedido pela Prefeitura de Frankfurt, Alemanha.

As repercussões de suas reflexões exercem influência direta e/ou indireta sobre outros teóricos frankfurtianos, dentre os quais, destacadamente Theodor Adorno. Dentre suas obras mais relevantes, destacam-se *Ter ou Ser, Meu Encontro com Marx e Freud, A Crise da Psicanálise, Psicanálise e Sociedade Contemporânea*.

Friedrich Pollock

Outro expoente da “geração de ouro” da Escola de Frankfurt é Friedrich Pollock (1894-1970) (FREITAG, 1986; JAY, 2008). Economista, filósofo e sociólogo alemão, Pollock é reconhecido como um dos cofundadores do instituto (FREITAG, 1986; JAY, 2008). Nascido em Freiburg, Pollock tem atuação destacada junto ao instituto frankfurtiano (FREITAG, 1986; REPA, 2008).

Em sua produção, Friedrich Pollock se lança a fazer releituras de diversos filósofos, como Marx e Weber, dentre outros. Os interesses dos estudos de Pollock centram-se em diversos temas, com destaque para Capitalismo de Estado, Teoria Crítica e Social-Democracia.

As repercussões de seus constructos exercem influência direta e/ou indireta sobre outros teóricos frankfurtianos, dentre eles, Max Horkheimer, Theodor Adorno, Jürgen Habermas e Franz Neumann. Dentre suas obras mais relevantes, destacam-se *As Consequências Econômicas e Sociais da automação, Escritos Marxistas, Experiência em Grupo e Outros Escritos – A Escola de Frankfurt* (obra escrita em coautoria com Theodor Adorno).

Leo Löwenthal

O sociólogo alemão Leo Löwenthal (1900-1993) é considerado um dos célebres quadros da “geração de ouro” da Escola de Frankfurt (FREITAG, 1986; JAY, 2008). Geração responsável pela formulação e disseminação da chamada Teoria Crítica (ROUANET, 1983; FREITAG, 1986). Oriundo de Frankfurt, Löwenthal tem atuação notável junto à escola alemã (FREITAG, 1986; REPA, 2008).

Em seus constructos teóricos, Löwenthal se dedica a fazer releituras de diversos filósofos, destacadamente de Marx, Kant, Hegel, dentre outros. Seus interesses de

estudos centram-se em diversos temas, dentre os quais, Sociologia da Literatura e Cultura de Massa.

As repercussões de seus estudos exercem influência direta e/ou indireta sobre outros teóricos frankfurtianos, dentre os quais, destacadamente Jürgen Habermas. Dentre suas obras mais relevantes, destacam-se *Literatura e Cultura de Massa*, *Literatura, Cultura Popular e Sociedade*, *A margem – Teoria Crítica e Sociologia da Literatura*.

Herbert Marcuse

Filósofo e sociólogo alemão, Herbert Marcuse (1898-1979), também é aclamado como um dos quadros mais ilustres da “geração de ouro” da Escola de Frankfurt (FREITAG, 1986; JAY, 2008). Geração que entrou para a eternidade pelo seminal e decisivo papel na formulação e disseminação da chamada Teoria Crítica (ROUANET, 1983; FREITAG, 1986).

Em seus constructos teóricos, Herbert Marcuse se lança a fazer releituras de diversos filósofos, principalmente Marx, Freud, Hegel, dentre outros. Os interesses dos estudos de Marcuse são focados em diversos temas, dentre os quais, Técnica e Ideologia, Razão e Emancipação e Razão e Colonização.

As repercussões dos estudos marcuseanos exercem influência direta e/ou indireta sobre teóricos *da e além-fronteiras* da escola alemã. Em Frankfurt, exercem influência direta e/ou indireta sobre grandes nomes, dentre os quais, destacadamente Jürgen Habermas. No mundo, exercem influência direta e/ou indireta sobre nomes de relevo, dentre os quais, destacadamente Raymond Geuss¹⁰¹, Paulo Freire¹⁰² e Angela Davis¹⁰³.

Dentre suas obras mais relevantes, destacam-se *Rumo a uma Teoria Crítica da Sociedade*, *A Ideologia da Sociedade Industrial*, *Marxismo, Revolução e Utopia*, *Eros e a Civilização*, *O homem unidimensional*. Por sua obra *O homem unidimensional*, destacada

¹⁰¹Raymond Geuss (1946-). Filósofo norte-americano. Obra(s) sugerida(s): *The idea of Critical Theory: Habermas & Frankfurt School* (1981), *Changing the subject: Philosophy from Socrates to Adorno* (2017), *Philosophy and real politics* (2008), dentre outras.

¹⁰²Paulo Freire (1921-1997). Educador e filósofo brasileiro. Obra(s) sugeridas: *Education for critical consciousness* (1965), *Educação como prática da liberdade* (1967), *Pedagogia do oprimido* (1968), *Pedagogia da esperança* (1992), *Pedagogia libertadora* (1995), *Pedagogia da autonomia* (1996), dentre outras.

¹⁰³Angela Davis (1944-). Filósofa e pensadora norte-americana. Obra(s) sugeridas(s): *Marxism, revolution and peace* (1977), *Mulheres, raça e classe* (1981), *A liberdade é uma luta constante* (2015), dentre outras.

como sua *magnum opus*, Herbert Marcuse foi saudado efusivamente pelo jornal *New York Times* como “o principal símbolo literário da nova esquerda” (NYT, 1968¹⁰⁴), e foi ovacionado calorosamente pela revista *The Nation* como “um dos pensadores mais radicais e convictos do nosso tempo” (THE NATION, s/d¹⁰⁵).

Walter Benjamin

Filósofo e sociólogo alemão, Walter Benjamin (1892-1940) é saudado como um dos mais brilhantes quadros que a Escola de Frankfurt já produziu (FREITAG, 1986; JAY, 2008). De rija têmpera, personalidade forte, Benjamin é descrito por vezes como “criativo”, “original”, “inquieto”, “inspirador”, “gênio indomável” (FREITAG, 1986; WIGGERSHAUS, 2002; ARENDT, 2008; EILENBERGER, 2019). É associado à “geração de ouro” da escola, responsável por tecer e disseminar a Teoria Crítica (FREITAG, 1986; WIGGERSHAUS, 2002). Demasiado humano, parafraseando Nietzsche (2005)¹⁰⁶, se por um lado, Benjamin tem sua obra atravessada por glórias intelectuais, por outro, tem sua vida marcada por toda sorte de infortúnios pessoais (WIGGERSHAUS, 2002; ARENDT, 2008; EILENBERGER, 2019). Talvez por isso, parafraseando Galeano (2018)¹⁰⁷, seja, de Frankfurt, o mais humano dos imortais.

Devido às vicissitudes de sua vida, de se ver às voltas com os teóricos/teorias da escola – concordâncias e discordâncias – e de se ver às turras com as reviravoltas da vida – fugas e exílios –, Benjamin é visto como “um colaborador distante” da escola (WIGGERSHAUS, 2002). Tudo isso, sem, no entanto, deixar de se sublinhar seu decisivo e marcante legado junto à Teoria Crítica (WIGGERSHAUS, 2002). Tudo isso, sem, contudo, deixar de se reconhecer sua acolhida e repercussão em Frankfurt – Horkheimer e Adorno, por exemplo, tomavam-lhe em elevada conta, cada um ao seu modo (WIGGERSHAUS, 2002). Nascido em Berlim, Benjamin é reconhecido do Meno ao Atlântico, ainda nossos tempos. Suas obras são alvo de grande audiência e interesse,

¹⁰⁴Matéria originalmente publicada pelo New York Times, assinada por Andrew Hacker, em 10 de março de 1968 (HACKER, 1968).

¹⁰⁵THE NATION (*apud* MARCUSE, 2015).

¹⁰⁶Friedrich Nietzsche (1844-1900). Filósofo, pensador e escritor alemão. Obra(s) sugerida(s): *Humano, demasiado humano* (1886), dentre outras.

¹⁰⁷Eduardo Galeano (1940-2015). Escritor e jornalista uruguaio. Obra(s) sugerida(s): *Fechado por motivo de futebol* (2018), dentre outras.

ainda em nossos dias. Suas ideias atravessam o curso dos campos e dos tempos, permanecem vivas entre nós. Talvez por isso – por ser dono de uma obra viva e vívida –, parafraseando Guimarães Rosa (1967)¹⁰⁸, se possa dizer: Benjamin não morreu, ficou encantado.

Em seus constructos teóricos, Walter Benjamin revisita obras de diversos filósofos, destacadamente de Marx, Kant, Weber, e outros mais. Os interesses dos estudos de Benjamin centram-se em diversos temas, principalmente Teoria da Literatura, Teoria da História, Memória e a Filosofia da História.

As repercussões dos estudos benjaminianos exercem influência direta e/ou indireta sobre teóricos *da e além-muros* da escola alemã. Em Frankfurt, exercem influência direta e/ou indireta sobre grandes nomes, dentre os quais, Theodor Adorno, Jürgen Habermas e Herbert Marcuse. No mundo, exercem influência direta e/ou indireta sobre nomes notáveis, dentre eles, Marc Bloch¹⁰⁹, Hannah Arendt, Cesare Cases¹¹⁰, Michel Löwy¹¹¹, Joe Kincheloe e Byung-Chul Han¹¹².

Dentre suas obras mais relevantes, destacam-se *A Obra de Arte na Era da Reprodutibilidade Técnica*, *Passagens*, *Magia e Técnica*, *Arte e Política*.

Franz Neumann

Advogado, cientista político e filósofo, Franz Neumann (1900-1954) é descrito como um dos quadros de destaque da “geração de ouro” da Escola de Frankfurt (FREITAG, 1986; JAY, 2008). Nascido em Katowice, Polônia, Neumann tem atuação destacada junto à escola alemã (FREITAG, 1986; REPA, 2008).

¹⁰⁸João Guimarães Rosa (1908-1967). Escritor, médico e diplomata brasileiro. Obra(s) sugerida(s): *Discurso de posse de João Guimarães Rosa na Academia Brasileira de Letras* (1967), dentre outras.

¹⁰⁹Marc Bloch (1886-1944). Historiador francês. Exponente da chamada Escola dos Annales. Obra(s) sugerida(s): *Os reis taumaturgos* (1924), *A sociedade feudal* (1939), *Apologia da História ou o Ofício do historiador* (1949), dentre outras.

¹¹⁰Cesare Cases (1920-2005). Filósofo e pensador italiano. Obra(s) sugerida(s): *Su Lukács: vicende di un'interpretazione* (1985), *Ade, ihr Zöpfe der Loreley: über Deutschland, die Deutschen und die deutsche Literatur* (1996), dentre outras.

¹¹¹Michel Löwy (1908-1967). Sociólogo e pensador brasileiro, radicado na França. Obra(s) sugerida(s): *Benjamin, Habermas e a Modernidade* (1992), *Walter Benjamin: aviso de incêndio* (2001), *A filosofia da história de Walter Benjamin* (2002), dentre outras.

¹¹²Byung-Chul Han (1959-). Filósofo sul-coreano, radicado em Alemanha. Obra(s) sugerida(s): *Sociedade do cansaço* (2010), *No enxame: perspectivas do digital* (2018), *Agonia do Eros* (2012), *Sociedade da transparência* (2012), dentre outras.

Franz Neumann usou seus estudos para fazer releituras de diversos filósofos, como Marx, Freud, Hegel, dentre outros. Os interesses de Neumann centram-se em diversos temas, dentre os quais, Direitos Sociais, Democracia e Estado Autoritário e Social-Democracia.

As repercussões dos constructos de Neumann exercem influência direta e/ou indireta sobre teóricos *da e além-fronteiras* da escola alemã. Em Frankfurt, exercem influência direta e/ou indireta sobre grandes nomes, dentre os quais, destacadamente Jürgen Habermas. No mundo, exercem influência direta e/ou indireta sobre nomes de destaque, dentre eles, Raul Hilberg¹¹³ e Charles Mills¹¹⁴.

Dentre suas obras mais célebres, destacam-se *Democracia Alemã*, *A Democracia e o Estado Autoritário*.

Otto Kirchheimer

Natural de Heilbronn, Alemanha, o advogado e sociólogo alemão Otto Kirchheimer (1905-1965) é saudado como um dos maiores quadros da “geração de ouro” da Escola de Frankfurt. Dela oriundo, é descrito como um destacado quadro da era de formulação e disseminação da chamada Teoria Crítica/Escola de Frankfurt (FREITAG, 1986; WIGGERSHAUS, 2002).

Em seus constructos teóricos, Otto Kirchheimer faz releituras de diversos filósofos, dentre eles, destacadamente Marx, Freud, Hegel. Os interesses dos estudos de Kirchheimer centram-se em diversos temas, incluindo Direito Constitucional, Democracia e Social-Democracia.

As repercussões dos estudos de Kirchheimer exercem influência direta e/ou indireta sobre teóricos *da e além-muros* da escola alemã. Em Frankfurt, exercem influência direta e/ou indireta sobre grandes nomes, dentre os quais, destacadamente Jürgen Habermas. No mundo, exercem influência direta e/ou indireta sobre nomes

¹¹³Raul Hilberg (1926-2007). Historiador austríaco. Obra(s) sugerida(s): *The destruction of the european jews* (1961), *Perpetrators victims bystanders* (1992), *The anatomy of the Holocaust* (2019), *The politics of memory* (1996), dentre outras.

¹¹⁴Charles W. Mills (1916-1962). Sociólogo e pensador norte-americano. Obra(s) sugerida(s): *The power elite* (1956), *A imaginação sociológica* (1959), *Mass society and liberal education* (1954), *The marxists* (1962), dentre outras.

destaque de destaque, dentre eles, destacadamente William Safran¹¹⁵.

Dentre suas obras mais relevantes, destacam-se *Justiça Política, Política, Lei e Mudança Social*.

4.1.4.1.2 Segunda geração: “herdeiro(s) crítico(s)”

Jürgen Habermas

Filósofo e sociólogo alemão, Jürgen Habermas (1929-dias atuais) é aclamado como o expoente maior da “segunda geração” da Escola de Frankfurt (WIGGERSHAUS, 2002; SOUZA, 2009). Sua geração é vista como a que reclama para si a tarefa de dar continuidade à tradição da Teoria Crítica, contudo repensando-a, aperfeiçoando-a, reassentando-a em novas bases (FREITAG, 1986; REPA, 2008). É visto, segundo alguns, como aquele que estabelece uma espécie de relação de “idas” e “vindas” com Frankfurt (MÜLLER-DOOHM, 2016). Ou, conforme outros, como uma espécie de verdadeiro “herdeiro-crítico” da escola alemã (HADDAD, 1997). De consenso, o que se tem é que Jürgen Habermas, de Düsseldorf, Alemanha, é, sem dúvida, o pensador alemão vivo mais influente de nosso tempo.

Em sua carreira acadêmica, Jürgen Habermas acumula passagens junto ao cargo de Co-Diretor e Diretor do Instituto Max Planck, em Alemanha, entre os anos de 1971 e 1982 (MCCARTHY, 1992; WIGGERSHAUS, 2002; PINZANI, 2009; SPECTER, 2010; MÜLLER-DOOHM, 2016). Diz-se que mesmo à frente do Max Planck, ao seu modo, Habermas não deixou de voltar seu olhar nem se furtou de colaborar com a Escola de Frankfurt/Teoria Crítica.

Em seus constructos teóricos, Jürgen Habermas faz releituras de diversos filósofos, destacadamente de Marx, Kant, Hegel, Weber, Adorno, Marcuse, Karl-Otto Apel, Talcott Parsons¹¹⁶, dentre outros. Os interesses dos estudos de Habermas centram-se em diversos temas, dentre eles, Técnica e Ideologia, Comunicação,

¹¹⁵William Safran (1930-). Cientista político alemão. Obra(s) sugerida(s): *The French polity* (1977), *Nationalism & Ethnic politics* (1996), *Identity and territorial autonomy in plural societies* (2000), *Language, Ethnic identity and the State* (2005), dentre outras.

¹¹⁶Talcott Parsons (1902-1979). Sociólogo e pensador norte-americano. Obra(s) sugerida(s): *The social system* (1951), *Sociological theory and modern societies* (1967), *On building social systems theory* (1974), *Social systems and the evolution of action* (1977), *Action theory and the human condition* (1978), dentre outras.

Epistemologia, Racionalidade, Democracia Deliberativa, Esfera Pública e Sociedade, dentre outros.

As repercussões dos estudos habermasianos exercem influência *na e além-muros* da escola alemã. Em Frankfurt, exercem influência direta e/ou indireta sobre grandes nomes, dentre eles, Claus Offe¹¹⁷, Albrecht Wellmer¹¹⁸, Alfred Schmidt¹¹⁹, Axel Honneth – seu assistente e visto como um de seus discípulos (críticos) –, dentre outros. No mundo, exercem influência direta e/ou indireta sobre nomes de relevo, dentre os quais, Niklas Luhmann¹²⁰, Manuel Castells¹²¹, Michael Friedman¹²², Pedro Demo¹²³, Raymond Geuss, Michel Löwy, dentre outros.

Suas obras, em linhas gerais, atravessam o curso dos tempos e dos campos, alcançando nossos dias. São obras mundialmente lidas e traduzidas. Dentre suas obras mais célebres, destacam-se *Mudança Estrutural da Esfera Pública, Técnica e Ciência como Ideologia, Conhecimento e Interesse, Discurso Filosófico da Modernidade, Teoria da Ação Comunicativa* (sua *magnum opus*), dentre outras.

4.1.4.1.3 Terceira geração: "Teoria Crítica hoje"

Axel Honneth

Filósofo e sociólogo alemão, Axel Honneth (1949-dias atuais) é saudado como o expoente máximo da "terceira geração" da Escola de Frankfurt. Sua geração, assim

¹¹⁷Claus Offe (1940-). Sociólogo e pensador alemão. Obra(s) sugerida(s): *Contradictions of the welfare state* (1984), *Disorganized capitalism* (1985), *Trabalho & Sociedade* (1989), *Europe entrapped* (2015), *Europe in der falle* (2016), dentre outras.

¹¹⁸Albrecht Wellmer (1933-2018). Filósofo e sociólogo alemão. Obra(s) sugerida(s): *Critical theory of society* (1971), *Teoria crítica de la sociedade y positivismo* (1979), *Sobre la dialéctica de modernidade y postmodernidad* (1985), *Ética y diálogo* (1986), dentre outras.

¹¹⁹Alfred Schmidt (1931-2012). Filósofo alemão. Obra(s) sugerida(s): *The concept of nature in Marx* (1971), *Die kritische theorie als geschichtsphilosophie* (1976), *Oltre il materialismo storico* (1981), dentre outras.

¹²⁰Niklas Luhmann (1927-1998). Sociólogo alemão. Obra(s) sugerida(s): *Soziale systeme* (1984), *Theory of society* (1997), *Soziologische aufklärung 4* (1987), *Introduction to systems theory* (1991), *Die wissenschaft der gesellschaft* (1992), *Die kunst der gesellschaft* (1995), dentre outras.

¹²¹Manuel Castells (1942-). Sociólogo espanhol. Obra(s) sugerida(s): *A sociedade em rede* (2000), *A galáxia internet* (2003), dentre outras.

¹²²Michael Friedman (1947-). Filósofo norte-americano. Obra(s) sugerida(s): *The kantian legacy in nineteenth-century Science* (2006), *Rational reconstruction, explication and the rejection of metaphysics* (2012), dentre outras.

¹²³Pedro Demo (1941-). Sociólogo, educador e pensador brasileiro. Obra(s) sugerida(s): *Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no campinho de Habermas* (1994), *Pobreza política* (1994), *Educar pela pesquisa* (2000), dentre outras.

como a de Habermas, é vista como a que reclama para si a tarefa de dar continuidade à tradição da Teoria Crítica, contudo repensando-a, aperfeiçoando-a, reassentando-a em novas bases (REPA, 2008). Nascido em Essen, Honneth tem notável produção e atuação junto à escola alemã (REPA, 2008).

Em sua carreira acadêmica, Axel Honneth acumula passagens junto ao cargo de Diretor da Escola de Frankfurt/Instituto de Pesquisa Social, entre os anos de 2001 e 2018¹²⁴ (REPA, 2008). Sob sua gestão à frente da Escola de Frankfurt/Instituto de Pesquisa, é dito que a escola se torna mais “hegeliana” em seus estudos e reflexões essenciais, diz-se ainda que o instituto avança em seus temas e investigações.

Em seus constructos teóricos, Honneth revisita a obra de diversos filósofos, dentre os quais, Hegel, Adorno e Habermas. Os interesses dos estudos de Honneth atravessam os mais diversos temas, dentre os quais Filosofia Social, Política, Moral, Relações de Poder e Reconhecimento e Sociedade Capitalista – sendo um dos pensadores mais citados no mundo no âmbito destes temas (BOSCO, 2009).

As repercussões dos estudos de Honneth exercem influência *na e além-muros* da escola alemã. Exercem influência direta e/ou indireta sobre diversos campos e teóricos(as) contemporâneos(as). Dentre suas obras mais relevantes, destacam-se *Luta Pelo Reconhecimento, Reificação, Teoria Crítica, Patologias da Razão*.

Como esforço de síntese, sugerimos adiante um quadro-síntese das influências teóricas e interesses de pesquisa dos chamados “frankfurtianos”, “teóricos de Frankfurt” e/ou “teóricos críticos”, em termos amplos (Quadro 1).

¹²⁴Sucedido por Ferdinand Sutterlüty (1962-). Sociólogo alemão. Atual diretor do Instituto de Pesquisa Social/Escola de Frankfurt.

Quadro 1 – Os Frankfurtianos/Teóricos de Frankfurt: gerações, influências teóricas e interesses de estudos/pesquisas

Geração	Pensador	Influenciado por	Interesse de estudo/pesquisa
Primeira geração	Erich Fromm	Karl Marx; Sigmund Freud.	▪ Psicologia social; ▪ Filosofia humanista/Humanismo.
	Franz Neumann	Karl Marx; Sigmund Freud; Georg Hegel.	▪ Direitos sociais; ▪ Democracia e Estado autoritário; ▪ Social-democracia.
	Friedrich Pollock	Karl Marx; Max Weber.	▪ Capitalismo de Estado; ▪ Teoria crítica; ▪ Social-democracia.
	Herbert Marcuse	Karl Marx; Sigmund Freud; Max Weber.	▪ Técnica e ideologia; ▪ Razão e emancipação; ▪ Razão e colonização.
	Leo Löwenthal	Karl Marx; Immanuel Kant; Georg Hegel.	▪ Sociologia da literatura; ▪ Cultura de massa.
	Max Horkheimer	Karl Marx; Georg Hegel; Arthur Schopenhauer.	▪ Racionalidade; ▪ Epistemologia; ▪ Teoria crítica; ▪ Dialética.
	Otto Kirchheimer	Karl Marx; Sigmund Freud; Georg Hegel.	▪ Direito constitucional; ▪ Democracia; ▪ Social-democracia.
	Theodor Adorno	Karl Marx; Immanuel Kant; Georg Hegel; Sigmund Freud; Arthur Schopenhauer.	▪ Indústria cultural; ▪ Cultura de massa; ▪ Dialética.
	Walter Benjamin	Karl Marx; Immanuel Kant; Max Weber.	▪ Teoria da literatura; ▪ Memória; ▪ Filosofia da história.
Segunda geração	Jürgen Habermas	Karl Marx; Immanuel Kant; Georg Hegel; Max Weber; Theodor Adorno.	▪ Técnica e ideologia; ▪ Comunicação; ▪ Epistemologia; ▪ Racionalidade; ▪ Democracia deliberativa; ▪ Esfera pública e sociedade.
Terceira geração	Axel Honneth	Georg Hegel; Theodor Adorno; Jürgen Habermas.	▪ Filosofia social; ▪ Política; ▪ Moral; ▪ Relações de poder; ▪ Reconhecimento e sociedade capitalista.

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

4.2 Ecos da Teoria Crítica nas Ciências Sociais Aplicadas

Das escolas de pensamento que o século XX consagrou, a Escola de Frankfurt (sua teoria e seus teóricos) é, decerto, a que atrai maior interesse e audiência frente às demais¹²⁵, em termos claramente expressos¹²⁶, ontem e hoje.

Em termos amplos, a Escola de Frankfurt (sua teoria e seus teóricos), é a escola de pensamento mais buscada junto às pesquisas virtuais no mundo, segundo dados do Google Trends¹²⁷ (60% da média) – mais que o dobro de suas contemporâneas¹²⁸ (GOOGLE TRENDS, 2022). É também a escola de pensamento com o maior fator de impacto junto à Web of Science¹²⁹ (23.220 mil itens) – mais que o quádruplo de suas contemporâneas¹³⁰ (WOF, 2022). Também é a escola de pensamento com o maior fator de impacto junto à Scopus¹³¹ (1.519 mil itens) – mais que o quádruplo de suas contemporâneas¹³² (SCOPUS, 2022). É ainda a escola de pensamento com o maior fator de impacto junto à BDTD (348 teses/dissertações) – mais que o dobro de uma de suas contemporâneas¹³³ (BDTD, 2022). Também é a “escola-de-pensamento-tema-de-livro” de grande fator de impacto junto ao mercado editorial – única a figurar entre *best-*

¹²⁵Refere-se, especificamente, à Escola de Chicago e à Escola dos Annales, escolas contemporâneas da Escola de Frankfurt.

¹²⁶Em termos claramente expressos através de algum uso dos nomes das escolas pesquisadas (Escola de Frankfurt, Escola de Chicago e Escola dos Annales), em suas versões em inglês e português, junto às plataformas/bases de dados pesquisadas (Google Trends, Web of Science, Scopus e BDTD).

¹²⁷Google Trends é uma ferramenta de busca do Google que filtra os termos mais buscados e/ou mais populares de um dado período (hora(s)/dia(s)/mês(es)/ano(s)) na internet (GOOGLE TRENDS, 2022).

¹²⁸Refere-se, especificamente, à Escola de Chicago (20% da média de buscas) e à Escola dos Annales (20% da média de buscas) (período 2004-2022). Resultados obtidos via pesquisa através das expressões “Chicago School Sociology” (expressão em inglês) e “Annales School” (expressão em inglês) junto à plataforma Google Trends (2022).

¹²⁹Web of Science ou WoS é uma base de dados que dá acesso a outras bases, a dados bibliográficos e a dados de citações de diversos campos científicos. Criada em 1997, abrange mais de 50 mil livros acadêmicos, 12 mil periódicos/revistas e 160 mil anais de conferências das Ciências Médicas às Sociais. Originalmente criada pelo Institute for Scientific Information (ISI), atualmente, é administrada pelo grupo Clarivate Analytics (OXLEY, 1998; WOS, 2022).

¹³⁰Refere-se, especificamente, à Escola de Chicago (616 itens) e à Escola dos Annales (4.248 mil itens) (período 1972-2022). Resultados obtidos via pesquisa através das expressões “Chicago School Sociology” (expressão em inglês) e “Annales School” (expressão em inglês) junto à base de dados Web of Science (2022).

¹³¹Scopus é uma base de dados bibliográficos e de citações de diversos campos científicos. Criada em 2004, abrange mais de 19 mil títulos, 5 mil editoras internacionais e 16 mil periódicos/revistas das Ciências Médicas às Sociais. Atualmente, é administrada pelo grupo Elsevier (SCOPUS, 2022).

¹³²Refere-se, especificamente, à Escola de Chicago (357 itens) e à Escola dos Annales (201 itens) (período 1981-2022). Resultados obtidos via pesquisa através das expressões “Chicago School Sociology” (expressão em inglês) e “Annales School” (expressão em inglês) junto à base de dados Scopus (2022).

¹³³Refere-se, especificamente, à Escola de Chicago (259 teses/dissertações) e à Escola dos Annales (104 teses/dissertações) (período 1985-2022). Resultados obtidos via pesquisa através das expressões “Escola de Chicago” (expressão em português) e “Escola dos Annales” (expressão em português) junto à plataforma BDTD (2022).

*sellers*¹³⁴ de 2021, com mais de 1 milhão de livros vendidos nos Estados Unidos, líder das listas de *best-sellers* do *New York Times* (NYT, 2021), da *Amazon americana* (AMAZON, 2021) e do *Wall Street Journal* (WSJ, 2021). É ainda uma das mais tematizadas, quicá a mais tematizada, dentre as escolas de pensamento junto a conferências, encontros, jornadas, simpósios, palestras, congressos, cursos, workshops, seminários, fóruns e demais eventos, realizados no Brasil e no mundo.

No campo das Ciências Sociais Aplicadas¹³⁵, o panorama de audiência da Escola de Frankfurt (sua teoria e seus teóricos) é a um só tempo desafiador e promissor, ontem e hoje.

Do lado desafiador, os indicadores apontam que é possível *ir além*. Há todo um potencial do legado da Escola de Frankfurt (sua teoria e seus teóricos) a ser acessado e explorado junto às Ciências Sociais Aplicadas. É nele, por exemplo, que a escola de pensamento amarga menor desempenho em termos de fator de impacto junto à Web of Science (2.885 mil itens), se comparado aos seus próprios índices em termos globais junto à plataforma (23.220 mil itens) – decresce 8 vezes de tamanho (WOF, 2022).

Do lado promissor, os índices revelam que há progressos à vista. É no campo das Ciências Sociais Aplicadas que a Escola de Frankfurt, por outro lado, registra seus melhores índices em termos de interesse e audiência frente às demais escolas de pensamento¹³⁶. É a escola que registra maior fator de impacto junto à Web of Science (2.885 mil itens) – 28 vezes maior que suas contemporâneas¹³⁷ (WOF, 2022). Também é a escola que registra maior fator de impacto junto à Scopus (928 itens) – mais que o dobro de suas contemporâneas¹³⁸ (SCOPUS, 2022). É ainda a escola que registra maior

¹³⁴Devido ao livro “American Marxism”, de Mark Levin, de 2021. Alvo de elogios e de duras críticas, o livro faz uma leitura controversa sobre a influência das ideias e dos teóricos da Escola de Frankfurt na América, em termos amplos (LEVIN, 2021).

¹³⁵Classificação inspirada nos campos/áreas listados junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (CNPQ, 2022).

¹³⁶Refere-se, especificamente, à Escola de Chicago e à Escola dos Annales, escolas contemporâneas da Escola de Frankfurt.

¹³⁷Refere-se, especificamente, à Escola de Chicago (94 itens) e à Escola dos Annales (99 itens) (período 1972-2022). Resultados obtidos via pesquisa através das expressões “Chicago School Sociology” (expressão em inglês) e “Annales School” (expressão em inglês) junto à base de dados Web of Science (2022).

¹³⁸Refere-se, especificamente, à Escola de Chicago (311 itens) e à Escola dos Annales (108 itens) (período 1981-2022). Resultados obtidos via pesquisa através das expressões “Chicago School Sociology” (expressão em inglês) e “Annales School” (expressão em inglês) junto à base de dados Scopus (2022).

fator de impacto junto à BDTD (65 teses/dissertações) – mais que o dobro de uma de suas contemporâneas¹³⁹ (BDTD, 2022).

A título de informação, apresentamos quadro ilustrativo das influências da Teoria Crítica/Escola de Frankfurt em termos de produtividade junto aos campos¹⁴⁰ das Ciências Sociais Aplicadas (Quadro 2).

Quadro 2 – Teoria Crítica e Ciências Sociais Aplicadas: campos e produtividade

Teoria/ Escola de pensamento	Campo/área do conhecimento	Quantitativo de produtividade
<i>Teoria Crítica/ Escola de Frankfurt</i>	Administração	402
	Arquitetura e Urbanismo	48
	Comunicação	68
	Ciência da Informação	53
	Demografia	16
	Direito	113
	Economia	1130
	Multidisciplinar	1000
	Planejamento Urbano e Regional	38
	Turismo	17
Total	10	2885

Fonte: WoS (2022)¹⁴¹; CNPq (2022)¹⁴²

¹³⁹Refere-se, especificamente, à Escola de Chicago (32 teses/dissertações) e à Escola dos Annales (23 teses/dissertações) (período 1985-2022). Resultados obtidos via pesquisa através das expressões “Escola de Chicago” (expressão em português) e “Escola dos Annales” (expressão em português) junto à plataforma BDTD (2022).

¹⁴⁰Campos/áreas extraídos da classificação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (CNPQ, 2022).

¹⁴¹Resultados obtidos via pesquisa através da expressão “Frankfurt School” (expressão em inglês) junto à base de dados Web of Science (2022). Período 1972-2022. Levantamento realizado em 02/09/2022.

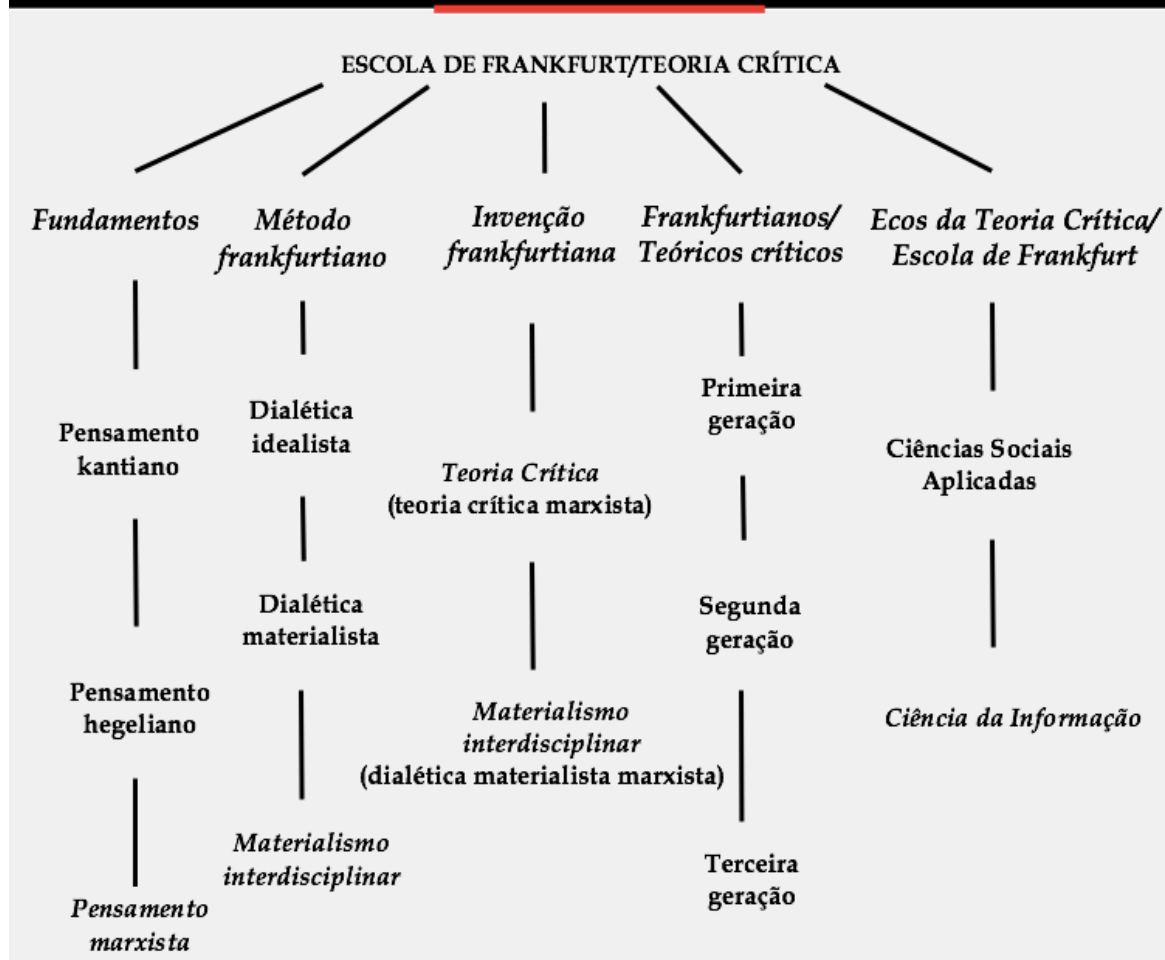
¹⁴²Campos/áreas refinados (considerados os que pontuaram em produtividade (10 campos)), dentre os (13 campos) listados junto à classificação da grande área Ciências Sociais Aplicadas, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (2022).

Em sentido amplo, o cenário em tela evidencia que o binômio Teoria Crítica e Ciências Sociais Aplicadas *pode sem mais*. Seu gradual êxito (2.885 mil itens; 12,42%), se comparado aos seus próprios índices globais (23.220 mil itens; 100%), nos últimos cinquenta anos (1972-2022), junto à Web of Science (WOF, 2022) por exemplo, legitima esta asserção. Tal cenário sugere, pois, que ainda há um potencial do legado da Teoria Crítica (teóricos, teorias, modelos críticos) a ser acessado e explorado junto às áreas e campos que integram as Ciências Sociais Aplicadas.

Reconhecida em todo o mundo, a Escola de Frankfurt ergue-se como sinônimo da “Teoria Crítica”, seu símbolo e expressão maior (FREITAG, 1986; REPA, 2008). Revela-se como projeto teórico promissor para se pensar e problematizar os fenômenos, transformações e estado de coisas de diversos campos e dos tempos contemporâneos. Projeta-se enquanto eixo promissor para reassentar discussões e investigações em novas bases, sobretudo no campo das Ciências Sociais Aplicadas. Revela-se como eixo promissor para reassentar discussões e investigações em novas bases no campo da Ciência da Informação, entre os quais, ruma e avança em direção a uma Teoria Crítica da Informação.

Como esforço de síntese, sugerimos adiante um “mapa conceitual” das tessituras constitutivas desta seção (Seção 4) (Figura 3).

Figura 3 – Mapa Seção 4



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

5 Da Teoria Matemática à Teoria Crítica da Informação: um olhar sobre a história intelectual do pensamento informacional

A seção em tela faz uma excursão histórica e epistemológica da Ciência da Informação. Enfatiza que a Ciência da Informação se configura, em termos amplos, como um campo de tradições e travessias teóricas, de teorias clássicas e emergentes, de teorias dominantes e promissoras. De partida, traz as “teorias clássicas/dominantes” da Ciência da Informação, a exemplo da “Teoria Matemática da Informação”, e seus possíveis diálogos junto à Teoria Tradicional. Na sequência, versa sobre as “teorias emergentes/promissoras” da Ciência da Informação, a exemplo da Teoria Crítica da Informação, e seus possíveis diálogos junto à Teoria Crítica.

5.1 Ciência da Informação: uma ciência entre tradições e travessias teóricas

É plausível sugerir, embora seja difícil precisar, as origens das coisas, ideias e/ou das teorias que atravessam a história do pensamento informacional, seja na literatura nacional e/ou internacional de Ciência da Informação.

É possível entender, entre outras leituras, as coisas, ideias e/ou teorias válidas junto ao campo informacional a partir “delas mesmas e suas circunstâncias”, parafraseando Ortega y Gasset (1966)¹⁴³. Ou seja, é possível entender as coisas, ideias e/ou teorias válidas em Ciência da Informação, por exemplo, a partir de suas origens, de suas influências teóricas e de seus contextos (geopolíticos/sócio-históricos/científico-tecnológicos).

É válido dizer, à luz dessa leitura, que a história da Ciência da Informação, das coisas, ideias e teorias associadas à Ciência da Informação, se confunde com a própria história da humanidade no século XX. De uma maneira ou de outra, são todos(as) parte de uma mesma história, do mesmo espírito de um tempo (teorias, tecnologias, eventos, inventos, cientistas e acontecimentos de um tempo).

É possível ler a história das teorias associadas ao campo, em particular, a partir da própria história e/ou biografia dos *teóricos*, *teorias* e *eventos científicos* do campo informacional ao longo do século XX e além. De uma maneira ou de outra, são todos(as) parte de uma mesma história, do mesmo espírito de um tempo, de uma história marcada por tradições e travessias teóricas.

O período pós-guerra representou um período decisivo para o mundo e considerado “o marco zero da Ciência da Informação” (BARRETO, 2007, p. 3).

No mundo, em termos geopolíticos, representou o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e do mundo dividido entre bloco capitalista e bloco socialista (1945-1991) (HOBSBAWN, 1995). No âmbito das ciências em geral, representou o período em que os ventos sopravam a favor da *Teoria positivista* ou do *positivismo* (GIDDENS, 2012; LÖWY, 2002). No âmbito da ciência/tecnologia em geral, representou, em termos amplos, o período da “corrida científico-tecnológica” e/ou da

¹⁴³José Ortega y Gasset (1883-1955). Filósofo espanhol. Obra(s) sugerida(s): *Meditaciones del Quijote* (1914), dentre outras.

“revolução da eletrônica”, via invenção do *Transistor*¹⁴⁴ (Laboratórios Bell), do *Memex* (Vannevar Bush¹⁴⁵), do *bit* (Claude Shannon¹⁴⁶), entre outros (GLEICK, 2013).

No âmbito da Ciência da Informação, em termos teórico-epistemológicos, representou o período de publicação de textos clássicos do campo. Textos de matriz norte-americana, que, segundo alguns, direta ou indiretamente, contribuíram decisivamente com o desenvolvimento teórico do campo (ARAÚJO, 2014; CRIPPA, MOSTAFA, 2011; PINHEIRO, LOUREIRO, 1995; PINHEIRO, 2005; SARACEVIC, 1996). Em 1945, se publica *As We May Think* (Como Podemos Pensar), de autoria do cientista norte-americano Vannevar Bush, marco dos estudos da problemática da informação científico-tecnológica de então (BARRETO, 2007; GLEICK, 2013). Em 1948, se publica *Cybernetics* (Cibernética), de autoria do cientista norte-americano Norbert Wiener¹⁴⁷, mais um marco dos estudos da problemática da “explosão informacional” de então, com sua teoria e representação matemática da informação (emissor-canal-receptor) (GLEICK, 2013; SARACEVIC, 1996). E, em 1949, se publica o clássico *The Mathematical Theory of Communication* (Teoria Matemática da Comunicação), ou, para alguns, *Teoria Matemática da Informação*, de autoria dos cientistas norte-americanos Claude Shannon e Warren Weaver¹⁴⁸, marco teórico do campo, texto clássico da Ciência da Informação (ARAÚJO, 2011; BARRETO, 2007; SARACEVIC, 1996). Teoria,

¹⁴⁴*Transistor*, em linhas gerais, constitui um dispositivo eletrônico semiconductor encontrado, por exemplo, em satélites, espaçonaves, tecnologia eletrônica, telecomunicações e no prenúncio da era digital (BELL LABS, 2022). Invenção desenvolvida em 1948, financiada pelo *Bell Labs* (Laboratórios Bell) (Estados Unidos). Tal invenção rendeu aos seus inventores John Bardeen, Walter Brattain e William Shockley o Nobel de Física de 1956 (BELL LABS, 2022; NOBEL PRIZE, 2022). O termo “transistor” foi inspirado em termo cunhado por John R. Pierce (GLEICK, 2013).

¹⁴⁵Vannevar Bush (1890-1974). Engenheiro e cientista norte-americano influente em Ciência da Informação. Pesquisador do famoso *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), Estados Unidos. Foi contemporâneo de Norbert Wiener junto ao quadro docente do MIT. Por sua obra e feitos, chegou a ser capa da revista *Time*, de 1944. Obra(s) sugerida(s): *Science, the endless frontier* (1945), *Endless horizons* (1946), *The essential writings of Vannevar Bush* (2022), dentre outras.

¹⁴⁶Claude Shannon (1916-2001). Engenheiro, matemático e cientista da informação norte-americano. Pesquisador do famoso *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), Estados Unidos. Chegou, a certa altura, a ser aluno de Norbert Wiener no MIT. Obra(s) sugerida(s): *Communication Theory of secrecy systems* (1949), dentre outras.

¹⁴⁷Norbert Wiener (1894-1964). Filósofo, matemático e cientista norte-americano influente em Ciência da Informação. Professor e pesquisador do famoso *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), Estados Unidos. Desenvolveu estudos e pesquisas com Bertrand Russel na Universidade de Crambridge, Inglaterra. Foi contemporâneo de Vannevar Bush junto ao quadro docente do MIT. Chegou, a certa altura, a ser professor de Claude Shannon no MIT. Obra(s) sugerida(s): *The human use of human beings* (1950), *Cibernetica y sociedad* (1952), dentre outras.

¹⁴⁸Warren Weaver (1894-1978). Matemático e cientista da informação norte-americano. Obra(s) sugerida(s): *Theory of the vibration of rotating shafts* (1917), *The scientists speak* (1947), dentre outras.

em síntese, voltada à troca de sinais entre emissor-canal-receptor, assentada numa visão “fiscalista”, finita, mensurável e quantificável da transferência de informação. Seu contexto de surgimento carrega marcos e marcas inconfundíveis. Sobre elas, Araújo (2011, p. 527) esclarece:

[...] se insere num contexto teórico e científico marcado pelas demandas do governo e do exército norte-americano por sistemas de comunicação mais eficientes, por máquinas calculadoras e processadoras de informações, por cifragens de códigos secretos, por sistemas de balística, por estratégias de cooptação de públicos, convencimento e planificação social.

A década de 1950 simbolizou um período marcante para o mundo e para a Ciência da Informação. Nela, destacadamente, o campo assentou suas bases em termos de agenda de pesquisa/estudos e se inclinou à inovação.

No mundo, em termos geopolíticos, representou o período da Guerra Fria, da escalada do mundo dividido entre bloco capitalista e bloco socialista (1945-1991) (HOBSBAWN, 1995). No âmbito da ciência/tecnologia em geral, representou em termos amplos, o período de “corrida científico-tecnológica”, via *corrida espacial*, com lançamentos de satélites ao espaço (*Sputnik-1* e 2) (HOBSBAWN, 1995). Representou o período de “corrida à automação”, de “otimismo tecnológico”, de “início da computação”, do desenvolvimento do computador comercial, o *IBM 305 RAMAC*¹⁴⁹, em 1956 (NYT, 1956).

No âmbito da Ciência da Informação, dentre outras coisas, representou o período de realização de conferências científicas internacionais influentes sobre o campo, entre elas, a *International Conference on Scientific Information* (Conferência Internacional de Informação Científica), ocorrida em Washington, nos Estados Unidos, em 1958. Evento que contou com nomes influentes do campo, como Eugene

¹⁴⁹*Random Access Method Accounting and Control (RAMAC)*, da *International Business Machines Corporation (IBM)*, empresa estadunidense do ramo de informática (IBM, 2022).

Garfield¹⁵⁰, Douglas Forkett¹⁵¹, Brian Vickery¹⁵², Alexander Mikhailov¹⁵³, Jason Farradane¹⁵⁴, John Bernal¹⁵⁵, Calvin Mooers¹⁵⁶, Robert Fairthorne¹⁵⁷, entre outros (ARAÚJO, 2014; BARRETO, 2008; NATIONAL RESEARCH COUNCIL, 1959). Em termos de agenda e estudos, representou o período de “corrida à recuperação da informação”, por assim dizer. De avanço dos estudos voltados à problemática da “explosão informacional”, com ênfase para inovações/soluções voltadas à “recuperação da informação”, sobretudo em informação científica e tecnológica, item central da agenda de agências científicas, de conferências científicas e de órgãos de Estado de então (ARAÚJO, 2014; SARACEVIC, 1996; LESK, 1996). Em termos histórico-epistemológicos, é dito que se trata do período em que o campo desenvolve sua noção de “cientista da informação¹⁵⁸”, pelas mãos do pesquisador britânico Jason Farradane e outros, nos idos de 1958 - antes mesmo da consagração da noção de “Ciência da Informação” (ISKO, 2019). Marco dos estudos em recuperação da informação, em 1951, se publica *Zatocoding Applied to Mechanical Organization of Knowledge* (Zatocoding Aplicado à Organização Mecânica do Conhecimento), na então revista *American Documentation*¹⁵⁹, de autoria do cientista da computação norte-

¹⁵⁰Eugene Garfield (1925-2017). Bibliotecário e cientista da informação norte-americano. Obra(s) sugerida(s): *A Unified Index to Science* (1959), dentre outras.

¹⁵¹Douglas Forkett (1918-2004). Bibliotecário e cientista da informação britânico. Obra(s) sugerida(s): *The Construction of a Faceted Classification for a Special Subject* (1959), *Training for Scientific Information Work in Great Britain* (1959) (coautoria com B. I. Palmer), dentre outras.

¹⁵²Brian Vickery (1918-2009). Químico, bibliotecário e cientista da informação australiano-britânico. Obra(s) sugerida(s): *Subject Analysis for Information Retrieval* (1959), *The Structure of Information Retrieval Systems* (1959), dentre outras.

¹⁵³Alexander Mikhailov (1905-1988). Engenheiro e pesquisador soviético influente em Ciência da Informação. Obra(s) sugerida(s): *On the Functioning of the All-Union Institute for Scientific and Technical Information of the USSR Academy of Sciences* (1959), dentre outras.

¹⁵⁴Jason Farradane (1906-1989). Químico, bibliotecário, documentalista e pesquisador britânico influente em Ciência da Informação. Obra(s) sugerida(s): *Training the Scientific Information Officer* (1959) (coautoria com A. B. Agard Evans), dentre outras.

¹⁵⁵John Bernal (1901-1970). Filósofo e cientista irlandês-britânico influente em Ciência da Informação. Obra(s) sugerida(s): *The Transmission of Scientific Information: A User's Analysis* (1959), dentre outras.

¹⁵⁶Calvin Mooers (1919-1994). Cientista da computação e cientista da informação norte-americano. Obra(s) sugerida(s): *A Mathematical Theory of Language Symbols in Retrieval* (1959), dentre outras.

¹⁵⁷Robert Fairthorne (1904-2000). Matemático e cientista da informação norte-americano. Obra(s) sugerida(s): *Algebraic Representation of Storage and Retrieval Languages* (1959), dentre outras.

¹⁵⁸Nos termos de Farradane e do *Institute of Information Scientists* britânico, fundado em 1958, “[...] um cientista da informação [...] [é] [...] definido como alguém com graduação em ciência ou tecnologia, um segundo idioma e cinco anos de experiência em trabalho de informação [...]” (ISKO, 2019).

¹⁵⁹Originalmente *American Documentation*, atualmente *Journal of the American Society for Information Science* (JASIS).

americano Calvin Mooers (SARACEVIC, 1996). Nele, Mooers (1951, p. 25) esclarece do que se trata a agenda da “recuperação de informação”:

[...] *Recuperação de informação* abrange os aspectos intelectuais da descrição da informação e sua especificação para busca, e também quaisquer sistemas, técnicas ou máquinas que são empregadas para realizar a operação. Recuperação de informação é crucial para a documentação e organização de conhecimento. [...] (tradução livre, grifo nosso)

A década de 1960 representou um período de grande salto para a humanidade, parafraseando frase imortalizada na década em tela por Neil Armstrong (1969)¹⁶⁰. Por extensão, representou um período de grande salto para a Ciência da Informação, tomando mais uma vez de empréstimo as palavras imortalizadas por Neil Armstrong (ARMSTRONG, 1969). Nela, indiscutivelmente, a Ciência da Informação deu grande salto e/ou avançou rumo à sua consolidação enquanto disciplina/campo científico¹⁶¹.

No mundo, em termos geopolíticos, representou o período dos *Movimentos contra a Guerra do Vietnã*, dos *Movimentos dos Direitos Civis*, nos Estados Unidos, dos movimentos do *Maio de 1968* de Paris, em França, dentre outros movimentos civis, culturais e estudantis de então (HOBSBAWN, 1995). No âmbito das ciências em geral, representou o período da *Teoria Geral dos Sistemas*¹⁶² ou *Teoria Sistêmica* junto ao imaginário social e científico (GIDDENS, 2012). No contexto da ciência/tecnologia em geral, representou o período de avanço da “corrida científico-tecnológica”, da *viagem do homem ao espaço* (o soviético Iury Gagarin, em 1961), e da *chegada do homem à lua* (o norte-americano Neil Armstrong, em 1969) (HOBSBAWN, 1995). Representou o período de avanço à “corrida à automação”, de “otimismo tecnológico”, de ascensão do “computador comercial”, da “aurora do computador” (GLEICK, 2013), da “era eletrônica” (MCLUHAN, 1964; ONG, 1982), da dita “revolução da

¹⁶⁰Neil Alden Armstrong (1930-2012). Engenheiro aeroespacial norte-americano. Frase extraída de contato entre Neil Armstrong e a base da NASA (*National Aeronautics na Space Administration*) junto à missão espacial Apollo 11, em julho de 1969 (ARMSTRONG, 1969).

¹⁶¹Em linhas gerais, a literatura historiográfica do campo sugere a década de 1960 como sendo o período de elaboração de teorias, metodologias e conceitos mais sólidos e sustentados da Ciência da Informação. Como o período de consolidação do campo enquanto disciplina científica, em que pese, antes disso, os contributos fornecidos junto ao campo pela Bibliografia, Biblioteconomia e Documentação (PINHEIRO, LOUREIRO, 1995).

¹⁶²Teoria atribuída a Ludwig Von Bertalanffy (1901-1972). Biólogo e cientista austríaco. Integrante do *Círculo de Viena*, escola de pensamento citada anteriormente. Considerado “pai da Teoria Geral dos Sistemas”. Diz-se que sua Teoria Sistêmica, desenvolvida desde os anos 1930, passa a ter destaque e influência somente nos anos 1960. Nesta fase, segundo alguns, já sob forte influência direta e/ou indireta da *Cibernética*, de Norbert Wiener (GOMES, BOLZE, BUENO, CREPALDI, 2014).

informação/comunicação” (MCLUHAN, 1964), via “mãe da internet”, via *Arpanet*¹⁶³, em 1969 (DARPA, 2022).

No âmbito da Ciência da Informação, em termos históricos, é dito que os anos 1960 marcam em definitivo o nascimento do campo enquanto “disciplina/campo científico” (ARAÚJO, 2014; PINHEIRO, LOUREIRO, 1995; SARACEVIC, 1996). Nele, diz-se que o campo se define de forma decisiva e sustentada enquanto “Ciência da Informação” (ARAÚJO, 2014; PINHEIRO, LOUREIRO, 1995; SARACEVIC, 1996).

Ante isso, fruto dessa conjuntura, a “Ciência da Informação [nasce] contemporânea dos computadores” (CRIPPA, MOSTAFA, 2011).

Dentre outras coisas, a década de 1960 representou o período de realização de conferências científicas internacionais influentes sobre o campo, entre elas, as conferências do *Georgia Institute of Technology*, ocorridas em Atlanta, Geórgia, nos Estados Unidos, entre os anos de 1961 e 1962, também conhecidas como “Conferências do Georgia Tech”. Segundo muitos, “marco histórico” da Ciência da Informação (GARCIA, 2002; GEORGIA INSTITUTE OF TECHNOLOGY, 1962; PINHEIRO, 1997; SHERA, 1968; TAYLOR, 1966). Evento que contou com nomes influentes do campo, como Robert Taylor¹⁶⁴, Harold Borko¹⁶⁵, Dorothy Crosland¹⁶⁶, Edward Roberts¹⁶⁷, Vernon Crawford¹⁶⁸, Jesse Shera¹⁶⁹, entre outros (BARRETO, 2008; GARCIA, 2002; GEORGIA INSTITUTE OF TECHNOLOGY, 1962). Em termos de estudo e de agenda, nesta fase o campo se inclina e avança ainda mais, em linhas gerais, aos estudos de

¹⁶³*Arpanet*, em linhas gerais, constitui “[...] uma rede pioneira para compartilhamento de recursos digitais entre computadores separados geograficamente. Sua demonstração inicial em 1969 levou à Internet [...]” (DARPA, 2022). Foi criada originalmente pela *Advanced Research Projects Agency* (ARPA), atualmente *Defense Advanced Research Projects Agency* (DARPA), agência de pesquisas do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (DARPA, 2022).

¹⁶⁴Robert Taylor (1918-2009). Bibliotecário e cientista da informação norte-americano. Obra(s) sugerida(s): *The Information sciences* (1963), *Professional aspects of information and technology* (1966), dentre outras.

¹⁶⁵Harold Borko (1922-2012). Cientista da computação e cientista da informação norte-americano. Obra(s) sugerida(s): “*Ciência da Informação: o que é isto*” (1968), dentre outras.

¹⁶⁶Dorothy Crosland (1903-1983). Bibliotecária e cientista da informação norte-americana. Obra(s) sugerida(s): *Georgia Tech and NSF study grant for training personnel for scientific and technical libraries* (1962), dentre outras.

¹⁶⁷Edward Roberts (1922-). Bibliotecário e cientista da informação norte-americano. Obra(s) sugerida(s): *The Georgia Tech Library's microfiche catalog*. (1973) (coautoria com John P. Kennedy), dentre outras.

¹⁶⁸Vernon Crawford (1919-1994). Físico e pesquisador canadense influente em Ciência da Informação. Obra(s) sugerida(s): *Selected Speeches of Vernon D. Crawford, 1971-1987* (1999), dentre outras.

¹⁶⁹Jesse Shera (1903-1982). Bibliotecário e cientista da informação norte-americano. Obra(s) sugerida(s): *Of librarianship, documentation and information science* (1968), *The sociological relationships of information science* (1971), *History and foundations of information science* (1977), dentre outras.

recuperação da informação científica e técnica, via automação (ARAÚJO, 2014; LESK, 1996). Em termos teórico-epistemológicos, representou o período de publicação de textos clássicos do campo, textos de matriz soviética, norte-americana e as mais diversas, que, segundo alguns, direta ou indiretamente, contribuíram decisivamente com o desenvolvimento teórico do campo (GOMES, 1980; PINHEIRO, LOUREIRO, 1995; SARACEVIC, 1996). Em 1963, se publica *The Informaton Sciences* (Ciências da Informação), e, em 1966, se publica *Professional Aspects of Information and Techonology* (Aspectos Profissionais da Informação e Tecnologia), ambos de autoria do cientista norte-americano Robert Taylor, textos históricos dos estudos teóricos e epistemológicos do campo (FREIRE, FREIRE, 2015; GARCIA, 2002; PINHEIRO, LOUREIRO, 1995). Em 1966, se publica *Informatics*¹⁷⁰ – *new name for the theory of scientific information* (Informática – novo nome para a teoria da informação científica) de autoria dos cientistas soviéticos Alexander Mikhailov, Arkadii Chernyi e Rudhzero Gilyarewskyi, marco dos estudos históricos e epistemológicos do campo (GOMES, 1980; SANTOS JUNIOR, PINHEIRO, 2010). Em 1968, se publica o clássico *Information Science: what is it?* (Ciência da Informação: o que é isto?), do cientista norte-americano Harold Borko, texto que traz aquela que entrou para a eternidade como a “definição clássica” de Ciência da Informação (ARAÚJO, 2014; SARACERVIC, 1996). Nele, a Ciência da Informação se deixa revelar em suas *dimensões científicas e práticas*. Se deixa revelar quanto ao seu *objeto/fenômeno de estudo*. Se deixar revelar enquanto *disciplina/campo de estudo* em seus termos essenciais. É traduzida por Borko (1968, p. 3) em célebre passagem, visão desde então influente entre nós:

Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento informacional, as forças que governam os fluxos de informação e os significados do processamento da informação, visando à acessibilidade e a usabilidade ótima. A Ciência da Informação está preocupada com o corpo de conhecimentos relacionados à origem, coleção, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação, e utilização da informação. Isto inclui a pesquisa sobre a representação da informação em ambos os sistemas, tanto naturais quanto artificiais, o uso de códigos para a transmissão eficiente da mensagem, bem como o estudo do processamento e de técnicas aplicadas aos computadores e seus sistemas de programação. É uma ciência interdisciplinar derivada de campos relacionados, tais como a Matemática, Lógica, Linguística, Psicologia, Ciência da Computação, Engenharia da Produção, Artes Gráficas, Comunicação, Biblioteconomia, Administração, e outros campos científicos semelhantes. Têm ambos componentes, de ciência pura visto que investiga seu objeto sem considerar sua aplicação, e um

¹⁷⁰Tradução inglesa de *Informatika*, termo utilizado na União Soviética para se referir a Ciência da Informação (GOMES, 1980; SANTOS JUNIOR, PINHEIRO, 2010).

componente de ciência aplicada, visto que desenvolve serviços e produtos (tradução livre, grifo nosso).

A década de 1970 representou um período marcante para mundo e de ampliação de horizontes para a Ciência da Informação – entre eles, os horizontes teóricos. Nela, o campo parte e avança em direção a novas agendas de inovação, de estudos e de pesquisas.

No mundo, em termos geopolíticos, representou o período ainda sob o jugo da *Guerra Fria*, do mundo dividido em bloco capitalista e socialista (HOBSBAWN, 1995). No âmbito das ciências em geral, representou o período da *Teoria cognitivista* ou do *cognitivismo* à solta no ar. Representou o período de avanço ainda maior da “corrida científico-tecnológica”, da corrida espacial, via missão espacial americana *Viking I*, em 1975, da *National Aeronautics na Space Administration* (NASA) (NASA, 2022), e, via rotas aeroespaciais do *Concorde*, primeiro avião supersônico comercial franco-britânico, pioneiro a cruzar os ares de Paris ao Rio de Janeiro e de Londres ao Bahrein, em 1976 (AIR FRANCE, 2022; BRITISH AIRWAYS, 2022). Representou o período de avanço ainda maior do “otimismo tecnológico”, de apogeu do “computador comercial” (GLEICK, 2013) e/ou da “era eletrônica” (MCLUHAN, 1964; ONG, 1982).

Dentre outras coisas, a década de 1970 representou o período de realização de conferências científicas internacionais influentes sobre o campo, entre elas, a conferência *Theory and Application of Information Research*, ocorrida em Copenhague, na Dinamarca, em 1977, também conhecida como “Conferência de Copenhague”. Segundo alguns, “marco inaugural” do paradigma cognitivo junto à Ciência da Informação (INGWERSEN, 1992). Evento que contou com grandes nomes do campo (INGWERSEN, 1992; ARAÚJO, ROLIM, MARZAN, BITENCOURT, 2007). Em termos de estudo e de agenda, nesta fase o campo se inclina e avança ainda mais, em linhas gerais, aos estudos de recuperação da informação científica e técnica, via automação (ARAÚJO, 2014; LESK, 1996).

No âmbito da Ciência da Informação, em termos teórico-epistemológicos, representou o período de forte influência das *Teorias cognitivas* ou *cognitivismo* junto a agenda de estudos do campo (CAPURRO, HJØRLAND, 2007; SARACEVIC, 1996). Em termos de agenda e estudos, é dito que se trata do período em que o campo se lança na direção da agenda “usuário-sistema”, do usuário em suas interações com os

sistemas de recuperação de informação (ARAÚJO, 2014; SARACEVIC, 1996). Sob estas bases o campo apresenta um “[...] enfoque científico homogêneo para estudo dos vários fenômenos que cercam a noção de informação, sejam eles encontrados nos processos biológicos, na existência humana ou nas máquinas” (SARACEVIC, 1996, p. 46). É dito que esta fase representou o período de iniciativas de formalização do campo da noção das propriedades da informação:

[...] Incluem-se aí, dentre outras, tentativas de se formalizarem as propriedades da informação pela aplicação da teoria da informação, da teoria das decisões e outros constructos da *ciência cognitiva*, da lógica e/ou da filosofia; várias formas de estudos de uso e de usuários; formulações matemáticas da dinâmica das comunicações [...] (SARACEVIC, 1996, p. 46, grifo nosso).

A década de 1980 representou um período decisivo de ampliação de horizontes e fronteiras no mundo e para a Ciência da Informação.

No mundo, em termos geopolíticos, representou o período que pôs fim à *Guerra Fria*. O mundo dividido passa a ser um só. Cai o Muro de Berlim, entra a era da Globalização (HOBSBAWN, 1995). No âmbito das ciências em geral, representou o período das *Teorias da Administração* à solta no ar. Representou notadamente o período sem volta da “era da informática”, da comercialização do “celular”, dentre outras tecnologias. Representou, em termos amplos, o período sem volta do “otimismo tecnológico” e/ou da “era eletrônica” (ONG, 1982).

No âmbito da Ciência da Informação, em termos teórico-epistemológicos, representou o período de forte influência das *Teorias da Administração*, de um lado, e de forte vigor ainda das *Teorias cognitivas* ou *cognitivismo* junto a agenda de estudos e pesquisas do campo (CAPURRO, HJØRLAND, 2007; SARACEVIC, 1996). Dentre outras coisas, nesta fase o campo se inclina e avança ainda mais, em linhas gerais, às bases do cognitivismo, mas já abrindo caminho para a “virada social” a vista no horizonte (CAPURRO, HJØRLAND, 2007; SARACEVIC, 1996).

A década de 1990 marcou um novo tempo para o mundo e tudo que nele habita, um novo tempo para a Ciência da Informação.

No mundo, em termos geopolíticos, representou o período da *Era da Globalização* e/ou *Mundialização* (HOBSBAWN, 1995). O mundo dividido agora é um só, da cultura à economia (HOBSBAWN, 1995). No âmbito das ciências em geral, representou o período de ideias/teorias como a “vida digital” (NEGROPONTE, 1995), “sociedade

em rede” (CASTELLS, 1999), “cibercultura” (LÉVY, 1999) à solta no ar. Em termos de inventos/ inovações/ tecnologias, representou notadamente o período sem volta da “era da internet” (das redes de computadores aos negócios eletrônicos).

No âmbito da Ciência da Informação, a década de 1990 representou o período de realização de conferências científicas internacionais influentes sobre o campo, entre elas, a conferência *Conceptions of Library and Information Science*, ocorrida em Tampere, na Finlândia, em 1991, também conhecida como “Conferência de Tampere”. Segundo alguns, verdadeiro “marco” de uma “dramática mudança” rumo a uma visão mais humana e social junto à Ciência da Informação (INGWERSEN, 1992). Evento que contou com nomes de proa do campo (INGWERSEN, 1992; ARAÚJO, ROLIM, MARZAN, BITENCOURT, 2007). Em termos de estudo e de agenda, nesta fase o campo se inclina e avança ainda mais:

[junto a] questões científicas e prática profissional voltadas para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação. No tratamento destas questões são consideradas de particular interesse as vantagens das modernas tecnologias informacionais (SARACEVIC, 1996, p. 47).

No âmbito da Ciência da Informação, em termos teórico-epistemológicos, a década de 1990 representou o período de forte influência da “virada social” junto a agenda de estudos e pesquisas do campo (CAPURRO, HJØRLAND, 2007; SARACEVIC, 1996).

O século XXI, em termos amplos, marca uma nova era para o mundo e para a Ciência da Informação – era de novos desafios e perspectivas.

No mundo, em termos geopolíticos, trata-se de apogeu da *Globalização* (da política aos negócios) (HOBSBAWN, 1995). No âmbito das ciências/ideias em geral, representou o período das *teorias e críticas tecnológicas* à solta no ar. Representou notadamente o período sem volta da “galáxia internet” (CASTELLS, 2001).

A Ciência da Informação do novo milênio se inclina, em linhas gerais, às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) e ao acesso remoto dos repertórios informacionais, seus efeitos e desafios. Com o novo milênio, surgem novas interações/redes sociais – Facebook (2004), Twitter (2006), WhatsApp (2009), Instagram (2010), entre outras –, todas no radar dos estudos e pesquisas informacionais.

Contudo, o novo milênio traz a cada novo dia, novos desafios para as Ciências, em geral, e, para a Ciência da Informação, em particular. A cada amanhecer, crises assolam o mundo: crises sanitárias, crises climáticas, crises econômicas, guerras híbridas, crises humanitárias, entre outras. A cada novo dia, desafios tocam a ciência: de um lado, obscurantismo, revisionismo, negacionismo e ciência desacreditada; por outro, “marcha da ciência”, “ciência combate pandemia(s)”, “ciência reacreditada” e mais. A cada amanhecer, crises de informação desafiam o mundo e a Ciência da Informação: com fake news, desinformação, infodemia, pós-verdade e outros mais.

Por tudo isso, a Ciência da Informação do século XXI se inclina, gradualmente, ainda que indiretamente, à tradição da Teoria Crítica (teoria e teóricos), abrindo caminho para uma agenda de pesquisa e inscrevendo no horizonte a possibilidade de nascimento de uma *Teoria Crítica da Informação*, muito além da *Teoria Matemática da Informação*.

5.2 Teoria Tradicional e Teoria Matemática da Informação

*O problema fundamental da comunicação é reproduzir
num determinado ponto, seja exata, seja aproximadamente,
uma mensagem selecionada, num outro ponto.*

Claude Shannon

Como típico a todo campo científico, a história intelectual da Ciência da Informação é marcada por tradições e travessias teóricas, por teorias clássicas e emergentes, por teorias dominantes e promissoras junto ao campo informacional.

Dentre as ditas teorias clássicas e/ou dominantes do campo, situa-se a *Teoria Matemática da Comunicação*. Para alguns de Ciência da Informação, simplesmente *Teoria Matemática da Informação* – assim tratada nas linhas a seguir.

Como próprio a toda obra clássica, obra universal e atemporal, para qual se *recorre e retorna*, sobre a qual se *lê e relê*, da qual não raro se extrai algo *novo* a cada leitura *nova*, ou seja, obra inesgotável, que *sempre tem algo a dizer*, parafraseando Ítalo Calvino (CALVINO, 1993), assim é a Teoria Matemática da Informação – obra cuja leitura e releitura, não raro, se extrai algo, se revela algo e/ou sempre tem algo a dizer.

É possível ler, dentre as leituras possíveis, as origens da *Teoria Matemática da Informação* (SHANNON; WEAVER, 1949) associadas direta e/ou indiretamente às

origens da *Teoria Tradicional* (HORKEIMER, 1975). Isso porque, em termos amplos, ambas possuem influências teóricas comuns. Ambas são direta e/ou indiretamente fundadas por influências teóricas que dialogam e/ou remontam ao pensamento cartesiano e ao positivismo, ou seja, às bases de sustentação da Teoria Tradicional (FUCKS, 2009; BEZERRA, 2019, 2020).

Nesses termos, direta ou indiretamente influenciada pela Teoria Tradicional (HORKEIMER, 1975) – teoria cartesiana/positivista –, a Teoria Matemática da Informação (SHANNON; WEAVER, 1949), em Ciência da Informação, se caracteriza como debitária (direta ou indiretamente) de uma clássica e dominante tradição teórica, que vai de Descartes a Comte¹⁷¹, de Mach¹⁷² a Popper, e assim por diante (FUCKS, 2009; BEZERRA, 2019, 2020).

Em sentido amplo, Teoria Matemática da Informação, exprime, em linhas gerais, uma teoria basicamente voltada à troca de sinais entre emissor-canal-receptor numa dada situação de comunicação (SHANNON; WEAVER, 1949). Trata-se de uma teoria assentada numa visão “fiscalista”, “finita”, “eficiente”, “mensurável” e “quantificável” da transferência de informação de um ponto a outro – desde a origem sua base e objetivo central (SHANNON; WEAVER, 1949).

Em termos conceituais, a rigor, Teoria Matemática da Informação constitui uma teoria no campo das humanidades de cunho dedutivo, empirista, experimental, objetivista, positivista, tecnicista e neutro. Teoria que passa a ser apropriada e associada às Ciências Sociais Aplicadas, à Ciência da Informação, carregando todas as características empirista, experimental, eficiente, objetivista, positivista, tecnicista e neutra que lhe são próprias. Teoria que se funda e/ou se inspira em uma visão de mundo, uma ideia de *ciência*, uma ideia de *teoria*, uma ideia de *cientista* e uma ideia e/ou tradição *metodológica* marcadamente cartesiana e positivista no âmbito das ciências humanas e sociais aplicadas (FUCKS, 2009; BEZERRA, 2019, 2020).

Epistemologicamente, grosso modo, Teoria Matemática da Informação se inspira direta e/ou indiretamente em uma tradição teórica/metodológica puramente empirista, fiscalista, calculista, tecnicista. Em sendo assim, de inspiração direta e/ou

¹⁷¹Augusto Comte (1798-1857). Filósofo francês. Obra(s) sugerida(s): *Curso de filosofia positiva* (1830), *Discurso sobre o espírito positivo* (1844), dentre outras.

¹⁷²Ernst Mach (1838-1916). Filósofo e físico austríaco. Obra(s) sugerida(s): *The analysis of sensations and the relation of the physical* (1886), *The science of mechanics* (1893), dentre outras.

indireta às bases da Teoria Tradicional, que por sua vez remontam às bases do pensamento cartesiano/positivista (HORKEIMER, 1975; FUCKS, 2009; BEZERRA, 2019, 2020).

Em termos amplos, ao se pensar em Teoria Matemática da Informação deve se ter em mente de que se está diante, dentre outras coisas, de uma *teoria que se pretende e/ou se reduz à aplicação técnica/objetiva/neutra de troca de sinais* – nada além disso. Sobre isso, Shannon e Weaver (1949, p. 131) esclarecem:

O problema fundamental da comunicação é reproduzir em um ponto exatamente ou aproximadamente uma mensagem selecionada em outro ponto. Frequentemente as mensagens têm significado; isto é, elas se referem ou são correlacionadas a algum sistema com certas entidades físicas ou conceituais. Esses aspectos semânticos da comunicação são irrelevantes para o *problema de engenharia* (SHANNON; WEAVER, 1949, p. 31, grifo nosso, tradução livre)

Em tempo algum e/ou dificilmente a Teoria Matemática da Informação se pretende a algo para além do que é, para além dos domínios do instrumental, do mensurável, do quantificável, do técnico e do eficaz. Tudo e/ou talvez tudo em matéria de Teoria Matemática da Informação se rende aos traçados e limites das technicalidades e das probabilidades envoltos à problemática da informação/comunicação de então (pós-1945). A Teoria Matemática da Informação, é, segundo alguns, uma *teoria unidimensional*, de direção e interesse pré-determinado, finalista e instrumental. Com isso, em tempo algum se está aqui a se fazer juízo de valor, abandonar ou mesmo diminuir a Teoria Matemática da Informação, cujos feitos são válidos e notáveis, ao seu modo e ao seu tempo. Na verdade, o que se está a fazer aqui é uma espécie de caracterização/desenho da Teoria Matemática da Informação, apresentando o que é, do que é feita, em que bases se apoia, quais fronteiras e limites possui. Dentre outros aspectos, eis alguns dos traçados e limites desta clássica teoria em Ciência da Informação, conforme esclarece Bezerra (2020, p. 187):

O alcance teórico proposto por Shannon é comentado no capítulo introdutório de Weaver, que divide os problemas da comunicação em três níveis: o primeiro refere-se à *precisão* com a qual os símbolos de comunicação podem ser transmitidos, caracterizando-se como um problema técnico; o segundo diz respeito à *precisão* com a qual os símbolos transmitidos carregam o significado desejado, configurando-se em um problema semântico; e o último está relacionado ao grau de *eficácia* com que o significado recebido afeta a conduta da maneira desejada, sendo, portanto, um problema de eficácia [...]. A opção de Shannon em concentrar seus esforços apenas no primeiro nível de análise, ou seja, no que chamou de “problema de engenharia”, permitiu-o utilizar conceitos matemáticos como

os de entropia e probabilidade para mensurar, a partir de um esquema linear que conecta uma fonte a um receptor, a máxima quantidade de informação possível de ser selecionada e enviada através de determinado canal [...].

Em sendo assim, em termos de fundamentos, ao se pensar em Teoria Matemática da Informação deve se ter em mente de que se está diante de um quadro teórico que se pretende objetivamente comprometido com a “precisão” e “eficácia”, a algo voltado ao campo do técnico, neutro e útil. Complexo teórico forjado, direta e/ou indiretamente, sob a influência de *releituras* de teorias fundamentais, dentre as quais, o *cientificismo*, a *ciência dedutiva* e o *positivismo*. Complexo teórico fundado, direta e/ou indiretamente, sob a influência de *releituras* de pensadores fundamentais, dentre os quais, fundamentalmente Descartes, Comte, Popper e outros mais (HORKEIMER, 1975; FUCKS, 2009; BEZERRA, 2019, 2020).

Ante isso, com base na Teoria Matemática da Informação, sugere-se pensar alguns conceitos caros à Ciência da Informação, tais como conceitos de Informação, de Cientista da Informação e de Ciência da Informação, entre outros. Com base na Teoria Tradicional (cartesiana/positivista), a Teoria Matemática da Informação entende as coisas pelas lentes *exatas* e das *ciências da natureza*. A Teoria Matemática da Informação entende a Informação como *locus* da dimensão técnica, objetiva, neutra, pragmática e eficaz do fenômeno. A Teoria Matemática da Informação percebe o Cientista da Informação como indivíduo que se pretende objetivo e neutro em sua *práxis*, que desconsidera sua tarefa social e as condições que determinam sua atividade. A Teoria Matemática da Informação entende a Ciência da Informação como uma ciência unidimensional, circunscrita a contatos teórico-metodológicos pré-determinados, que desconsidera inclinação à função social real da Ciência da Informação. A teoria matemática percebe o método como *locus* que exclusivo do caráter objetivo e do que é (fatos/fenômenos) das coisas, dos sujeitos e dos fenômenos na, para e da Ciência da Informação. A teoria matemática entende a realidade/fato social informacional como fenômenos neutros e objetivos, mensuráveis e replicáveis, no espaço e no tempo. A teoria matemática desconsidera o interesse emancipatório como interesse intrínseco ao campo informacional, ou seja, que está no interior da Ciência da Informação (HORKEIMER, 1975; FUCKS, 2009; BEZERRA, 2019, 2020).

Em síntese, sugere-se pensar as tessituras da Teoria Matemática da Informação constituída(s) da seguinte maneira: *Teoria Tradicional* + *Teoria cartesiana/positivista* +

Lógica das ciências naturais/exatas + Ciência especializada, objetiva e neutra + Colonização da lógica das ciências naturais/exatas sobre as ciências humanas e sociais + *Teoria matematizante/fisicalista* + *Teoria unidimensional* + Lógica pré-determinada, finalista, instrumental + *Ciência da Informação Tecnicista* + Informação-como-coisa + *Cientista da informação técnico/neutro* + Separação entre *ser* e *dever ser* + Separação entre objetivo e subjetivo + *Separação entre dimensão técnica, dimensão ética e dimensão emancipatória* = Teoria Matemática da Informação. Esta equação ergue-se como possibilidade e/ou caminho possível para entender o *x* da questão que fundamenta o interesse, a atuação e a concepção da Teoria Matemática da Informação.

Alguns críticos da Teoria Matemática da Informação a opõem à Teoria Crítica da Informação (FUCKS, 2009; BEZERRA, 2019, 2020). Para eles, a Teoria Matemática e a Teoria Crítica da Informação são teorias simetricamente distintas. A primeira, vista como uma espécie de teoria unidimensional, de direção e interesse pré-determinado, finalista e instrumental. A segunda, vista como um projeto de teoria pluri/interdimensional, de direção e interesse múltiplo e plural, voltado a ações autônomas, fins coletivos e emancipatórios. A Teoria Crítica da Informação ergue-se, pois, como *projeto alternativo* à Teoria Matemática da Informação (FUCKS, 2009; BEZERRA, 2019, 2020). Teoria Crítica da Informação cuja gênese e desenvolvimento, direta e/ou indiretamente, dialogam e/ou remontam às origens da filosofia contemporânea, notadamente, à Teoria Crítica da Escola de Frankfurt.

5.3 Teoria Crítica e Teoria Crítica da Informação

*A Teoria Crítica da Informação é essencial
porque a Teoria Matemática não basta.*

parafraseando Ferreira Gullar¹⁷³

Um “espectro da Teoria Crítica ronda a Ciência da Informação brasileira” Bezerra (2018, p. 180). Iniciamos a discussão sobre os vínculos diretos e/ou indiretos entre Teoria Crítica e Teoria Crítica da Informação, no âmbito da Ciência da Informação, tomando de empréstimo estas palavras de Bezerra (2018).

¹⁷³Ferreira Gullar, pseudônimo de José Ribamar Ferreira (1930-2016). Escritor e poeta brasileiro. Obra(s) sugerida(s): *Poema Sujo* (1976), *Muitas Vozes* (1999), *Toda Poesia* (1950-2010), dentre outras.

De fato, essa passagem de Bezerra (2018) encontra eco na realidade do campo, sobretudo no Brasil, ainda que os números apontem que se possa *ir além*. Ou seja, que apesar de “rondar” o campo, a Teoria Crítica da Informação possa *ser mais*, possa deitar raízes mais sólidas, firmes e/ou sustentadas junto à Ciência da Informação.

Aqui chegados, se deve ter clareza de que, daqui em diante, ao versar sobre Teoria Crítica da Informação, se está tratando daquela direta e/ou indiretamente influenciada pela Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, considerada cânone da Teoria Crítica Ocidental (MARTELETO, 2019). Tal esclarecimento se faz necessário porque se reconhece que, na Ciência da Informação, se observa um amplo arco/quadro que engloba diversas “teorias críticas” válidas, oriundas de outras bases, correntes e tendências teóricas, que vão de Hegel a Marx, de Gramsci a Certeau, de Bourdieu à Escola de Frankfurt (ARAÚJO, 2018; BEZERRA, 2019; CAPURRO, 2019; MARTELETO, 2019; SALDANHA, 2019).

Chegados aqui, se deve ter clareza de que Teoria Crítica da Informação busca *discutir sem abandonar, dimensionar sem diminuir, avançar sem negar* a validade e os feitos da Teoria Matemática da Informação – cujos ombros de gigante, de teoria gigante, fizeram a Teoria Crítica da Informação ver mais longe, parafraseando Newton (1675)¹⁷⁴. Contudo, Teoria Crítica da Informação busca *ser mais* e *ir além* desta. Teoria Crítica da Informação se apresenta como alternativa desta. Teoria Crítica da Informação busca *innovar, atualizar* e *ampliar* os horizontes na *forma de ler, ver e entender* a informação, as coisas do campo e a própria Ciência da Informação. Tudo em bases dialéticas, dialógicas e emancipatórias, muito além de projeções pragmatistas, tecnicistas e positivistas (FUCKS, 2009; BEZERRA, 2019, 2020).

Dentre as consideradas teorias emergentes e/ou promissoras do campo, situa-se a *Teoria Crítica da Informação*.

É possível ler, dentre as leituras possíveis, as origens da *Teoria Crítica da Informação*, em termos canônicos (FUCKS, 2009; BEZERRA, 2019; MARTELETO, 2019), associadas direta e/ou indiretamente às origens da *Teoria Crítica* da Escola de Frankfurt (HORKEIMER, 1975). Isso porque, em termos amplos, ambas possuem

¹⁷⁴Isaac Newton (1643-1727). Matemático, físico, astrônomo e pensador britânico. Paráfrase inspirada na seguinte frase original de Newton: “se eu vi mais, foi por estar de pé sobre ombros de gigantes” (tradução livre). Frase de Newton expressa em carta a Robert Hooke, em 5 de fevereiro de 1675 (NEWTON, 1975).

influências teóricas comuns. Ambas são direta e/ou indiretamente fundadas por influências teóricas que dialogam e/ou remontam ao pensamento marxista e/ou marxiano, ou seja, à base de sustentação da Teoria Crítica canônica (FUCKS, 2009; BEZERRA, 2019, 2020).

Nesses termos, direta ou indiretamente influenciada pela Teoria Crítica (HORKEIMER, 1975) – teoria dialética/dialógica –, a Teoria Crítica da Informação (FUCKS, 2009; BEZERRA, 2019; MARTELETO, 2019), em Ciência da Informação, se caracteriza como debitária (direta ou indiretamente) de uma em certa medida clássica e contemporânea tradição teórica, que vai de Marx à Escola de Frankfurt (FUCKS, 2009; BEZERRA, 2019, 2020).

Em termos de gênese e/ou autoria, é plausível sugerir, embora seja difícil precisar, as origens da Teoria Crítica da Informação, seja na literatura nacional e/ou internacional de Ciência da Informação.

Grosso modo, Teoria Crítica da Informação, a rigor, constitui uma linha de investigação que se opõe à Teoria Matemática da Informação, pois busca superar seus traçados e limites, por meio das bases teórico-metodológicas da Teoria Crítica, teoria formulada, difundida e associada à Escola de Frankfurt. Recorre a ela para reassentar o papel e o significado da informação, das coisas do campo e da própria Ciência da Informação em outras bases (bases dialéticas, dialógicas, humanísticas e emancipatórias, muito além de projeções pragmatistas, tecnicistas e positivistas).

No mundo, segundo alguns, a travessia para a Teoria Crítica da Informação em Ciência da Informação encontra *inspiração* a partir de estudos dos idos de 1970. “Na epistemologia social de Jesse Shera, na hermenêutica e ética intercultural de Rafael Capurro, no neodocumentalismo de Bern Frohmann”, dentre outros (BEZERRA, 2020, p. 190). E deita raízes sustentadas em estudos contemporâneos, como nos estudos críticos em informação do sociólogo norte-americano Christian Fuchs (BEZERRA, 2019, 2020; FUCHS, 2009).

No Brasil, conforme outros, a travessia para a Teoria Crítica da Informação em Ciência da Informação encontra *inspiração* a partir de estudos dos idos de 1980. Na intercessão entre Filosofia e Ciência da Informação de Solange Mostafa, na epistemologia e regime de informação de Maria Nélida González de Gómez, dentre outros (BEZERRA, 2018, 2019, 2020, 2022). E também deita raízes sustentadas em

estudos contemporâneos, como nos estudos críticos em informação da Escola de Ciência da Informação do IBICT-UFRJ, em particular, nos estudos de regime de informação e de competência crítica em informação do sociólogo e cientista da informação Arthur Bezerra (ARAÚJO, 2018; BEZERRA, 2018, 2019, 2020, 2022).

Assim nasce a *Teoria Crítica da Informação*, que assim como a *Teoria Crítica*, nasce como mais *uma* teoria informacional crítica, não a *única* teoria informacional crítica válida/existente/observável da história intelectual do pensamento informacional.

Epistemologicamente, Teoria Crítica e Teoria Crítica da Informação guardam muitos pontos de contato. Teoria Crítica e Teoria Crítica da Informação se pretendem dialéticas, dialógicas, interdisciplinares, abertas a numerosos contatos. Teoria Crítica e Teoria Crítica da Informação se pretendem serem teorias antidominação (projeto marxista). Teoria Crítica e Teoria Crítica da Informação se pretendem serem teorias interdisciplinares da sociedade (projeto horkheimiano). Teoria Crítica e Teoria Crítica da Informação se pretendem serem teorias antisistêmicas (projeto adorniano). Teoria Crítica e Teoria Crítica da Informação se pretendem serem teorias críticas atualizadas da sociedade (projeto habermasiano). Em termos amplos, ambas pretendem tecer teorias críticas para (re)pensar e (re)discutir a vida em coletividade ante os avanços do capitalismo avançado, em temas que atravessam dos blocos econômicos às estruturas infocomunicacionais das sociedades, dos antagonismos do capitalismo às vias de emancipação social possíveis, entre outros aspectos (HORKHEIMER, 1975; BEZERRA, 2019, 2020; FUCHS, 2009).

Com base na Teoria Crítica da Informação, sugere-se pensar alguns conceitos caros à Ciência da Informação, tais como conceitos de Informação, de Cientista da Informação e de Ciência da Informação, entre outros. Com base na Teoria Crítica (interdisciplinar/dialética), a Teoria Crítica da Informação entende as coisas pelos horizontes *das humanidades* e *das ciências sociais*. A teoria informacional crítica entende a Informação como *locus* que integra dimensão ética e técnica, dimensão (inter)subjetiva e objetiva, dimensão emancipatória e de práxis do fenômeno. O Cientista Informacional Crítico se percebe como indivíduo de práxis consciente de sua tarefa social e das condições que determinam sua atividade. Uma Ciência da Informação Crítica se percebe como interdisciplinar, aberta a numerosos contatos teórico-metodológicos, e como práxis integrante da sociedade – a Teoria Crítica da

Informação abraça o papel, o significado e a função social real da Ciência da Informação. A teoria informacional crítica percebe o método como *lócus* que integra caráter objetivo e subjetivo, sujeito e objeto, fatos e natureza, o que é (fatos/fenômenos) e o que deve ser (valores/interesses), das coisas, dos sujeitos e dos fenômenos na, para e da Ciência da Informação. A teoria informacional crítica entende a realidade/fato social informacional como fenômenos sociais históricos, situados no indivíduo, no espaço e no tempo. A teoria informacional crítica percebe o interesse emancipatório como interesse intrínseco ao campo informacional, ou seja, que está no interior da Ciência da Informação.

Em síntese, sugere-se pensar as tessituras da Teoria Crítica da Informação constituída da seguinte maneira: *Teoria Crítica + Teoria marxista/dialética/dialógica + Lógica das humanidades + Ciência interdisciplinar, (auto)crítica e ético-consciente + Emancipação das ciências humanas e sociais + Teoria crítico-emancipatória + Teoria pluri/interdimensional + Lógica voltada a ações autônomas, fins coletivos e emancipatórios + Ciência da Informação (Auto)Crítica + Informação-para-emancipação + Cientista da informação (auto)crítico/ético-consciente + Integração entre ser e dever ser + Integração entre objetivo e subjetivo + Integração entre dimensão técnica, dimensão ética e dimensão emancipatória = Teoria Crítica da Informação*. Esta equação ergue-se como possibilidade e/ou caminho possível para entender o *x* da questão que fundamenta o interesse, a atuação e a concepção da Teoria Crítica da Informação.

De parte a parte, em termos de síntese, Teoria Matemática e Teoria Crítica possuem visões profundamente distintas de teoria, de Ciência da Informação e de mundo. Sobre *Ciência da Informação*, enquanto a Teoria Matemática percebe o mundo e a ciência pelas lentes *exatas* e das *ciências da natureza*, a Teoria Crítica percebe o mundo e a ciência pelos horizontes das *ciências humanas e sociais*. Sobre *teoria informacional*, enquanto a Teoria Matemática entende teoria como hipótese que se reduz a aplicação técnica/objetiva/neutra do saber, a Teoria Crítica entende teoria como *lócus* que integra dimensão técnica e dimensão emancipatória do saber. Sobre *cientista da informação*, enquanto a Teoria Matemática percebe o cientista como um técnico, objetivo e neutro, a Teoria Crítica percebe o cientista como indivíduo consciente de sua tarefa social e das condições que determinam sua atividade. Ainda sobre *Ciência da Informação*, enquanto a Teoria Matemática entende a Ciência da Informação como

especializada/unidimensional e sobretudo autônoma, apartada da sociedade – escapa à Teoria Matemática a função social real da Ciência da Informação –, a Teoria Crítica entende a Ciência da Informação como interdisciplinar e como parte da sociedade – a Teoria Crítica abraça a função social real da Ciência da Informação. Sobre *método em Ciência da Informação*, enquanto a Teoria Matemática percebe o método como *locus* de caráter unicamente técnico, objetivo e neutro – capaz de realizar a tarefa de separação entre objetivo e subjetivo, fatos e natureza, o *que é* (fatos/fenômenos) e o *que deve ser* (valores/interesses) –, a Teoria Crítica percebe o método como *locus* que integra caráter objetivo e subjetivo, sujeito e objeto, fatos e natureza, o *que é* (fatos/fenômenos) e o *que deve ser* (valores/interesses). Sobre *emancipação*, enquanto a Teoria Matemática percebe o interesse emancipatório como interesse extrínseco, ou seja, que está no exterior da Teoria Matemática da Informação/Ciência da Informação, a Teoria Crítica percebe o interesse emancipatório como interesse intrínseco, ou seja, que está no interior da Teoria Crítica da Informação/Ciência da Informação (HORKHEIMER, 1975; BEZERRA, 2019, 2020; FUCHS, 2009) – mais sobre a Teoria Crítica da Informação é explorado em seção a seguir.

Como esforço de síntese, sugerimos adiante um “mapa conceitual” das tessituras constitutivas desta seção (Seção 5) (Figura 4).

Figura 4 – Mapa Seção 5



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

6 Teoria Crítica da Informação: tendências, temáticas e estudos em Ciência da Informação

A seção traz à superfície reflexões de síntese sobre o atual “lugar” da Teoria Crítica na Ciência da Informação. De partida, discute *se a Teoria Crítica é acessada* junto à Ciência da Informação, e em sendo, destaca em termos amplos, sobre quais tópicos teóricos, metodológicos e temáticos se manifesta mais fortemente. Na sequência, discute, especificamente, *em que termos – termos fortes/próximos e/ou termos menos fortes/distantes – a Teoria Crítica é acessada, discutida e reflexionada* junto aos tópicos teóricos, metodológicos e temáticos da Ciência da Informação, via leitura e sínteses hermenêuticas.

6.1 Ecos da Teoria Crítica de Frankfurt nas tendências e nos tópicos teóricos, metodológicos e temáticos da Ciência da Informação

No Brasil, os caminhos da Teoria Crítica se cruzam aos caminhos dos Campos/das áreas do conhecimento, de forma decisiva e sustentada, fundamentalmente no alvorecer do novo milênio (BTDD, 2022).

De acordo com dados obtidos junto à Base de Dados Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), é claramente no século XXI (2001-2022) que trabalhos passam a fazer algum uso dos termos “Escola de Frankfurt” e/ou “Teoria Crítica” (95,97%) – da ordem de 334 teses/dissertações¹⁷⁵ (BDTD, 2022).

Deste lado do Atlântico, também os caminhos da Teoria Crítica se cruzam aos caminhos da Ciência da Informação, de forma decisiva e sustentada, eminentemente no alvorecer do novo milênio (BRAPCI, 2022; CAVALCANTE; BUFREM; CÔRTEZ, 2020).

Segundo dados obtidos junto à Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), é claramente no século XXI (2001-2022) que trabalhos passam a fazer algum uso dos termos “Escola de Frankfurt” e/ou “Teoria Crítica” (81,67%) – da ordem de 205 artigos/trabalhos¹⁷⁶ (BRAPCI, 2022). Confirmando tese sustentada em números dada por Cavalcante, Bufrem e Côrtes (2020). Cenário que aponta que, no Brasil, o legado da Teoria Crítica na Ciência da Informação passa a ser acessado e discutido efetivamente no contexto do novo milênio (BRAPCI, 2022; CAVALCANTE; BUFREM; CÔRTEZ, 2020).

Essa guinada à Teoria Crítica na Ciência da Informação, muito além dos números, advém, dentre outros aspectos, de uma mudança nos ventos, de perspectiva, de movimento do campo na contemporaneidade (CAVALCANTE; BUFREM; CÔRTEZ, 2020). Advém, em termos amplos, do fato de que a Ciência da Informação

¹⁷⁵Resultados obtidos via pesquisa através das expressões “Escola de Frankfurt” (expressão em português) e “Teoria Crítica” (expressão em português) junto à plataforma BDTD (2022). Universo da pesquisa: 348 teses/dissertações (período 1985-2022) (equivalente a 100%). Amostra obtida: 334 teses/dissertações (período 2001-2022) (equivalente a 95,97%) (BDTD, 2022).

¹⁷⁶Resultados obtidos via pesquisa através das expressões “Escola de Frankfurt” (expressão em português) e “Teoria Crítica” (expressão em português) junto à plataforma BRAPCI (2022). Período da pesquisa: entre 1972 e 2022. Universo da pesquisa (total de títulos recuperados entre 1972-2022): 251 artigos científicos em sua maioria (equivalente a 100%). Amostra obtida (total de títulos recuperados entre 2001-2022): 205 artigos científicos em sua maioria (equivalente a 81,67%). Pesquisa realizada em 08/11/2022 (BRAPCI, 2022) (APÊNDICE A).

vem, através de seus estudos e de suas pesquisas, envidando esforços no sentido de reassentar suas teorias, metodologias e temáticas em novas bases (CAVALCANTE; BUFREM; CÔRTEZ, 2020). Ante essa tarefa, dentre outras tradições críticas, passa a se valer direta e/ou indiretamente da tradição da Teoria Crítica em suas reflexões e análises (BEZERRA; SCHNEIDER; PIMENTA; SALDANHA, 2019; CAVALCANTE; BUFREM; CÔRTEZ, 2020). Passa a dispor da Teoria Crítica em várias direções, seja enquanto arcabouço metodológico, seja como fundamento teórico, entre outros usos e direções (CAVALCANTE; BUFREM; CÔRTEZ, 2020).

A presença de teóricos identificados com a Teoria Crítica/Escola de Frankfurt, chamados “teóricos críticos” e/ou “frankfurtianos”, pouco a pouco e/ou gradualmente passa a se fazer sentir nos horizontes da Ciência da Informação (BRAPCI, 2022; CAVALCANTE; BUFREM; CÔRTEZ, 2020). Dentre os mais referenciados junto ao campo, destacam-se grandes identificados junto à escola alemã, entre os quais, Max Horkheimer, Theodor Adorno, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas e Axel Honneth (BRAPCI, 2022; CAVALCANTE; BUFREM; CÔRTEZ, 2020).

Dessa constelação de pensadores, três em particular, Adorno, Benjamin e Habermas se sobressaem dentre os demais nos horizontes do campo informacional (BRAPCI, 2022; CAVALCANTE; BUFREM; CÔRTEZ, 2020). Dentre as razões para tamanho êxito, audiência e interesse, algumas razões se impõem dentre as possíveis. Para uns, se deve ao caráter *interdisciplinar* da escola, de sua teoria e de seus teóricos críticos – sobretudo os teóricos em tela –, caráter que se alinha a um traço característico tantas vezes atribuído à Ciência da Informação, seu traço interdisciplinar (SARACEVIC, 1996). Para outros, se deve ao caráter *complexo, dialético e dialógico* das abordagens da escola, de sua teoria e de seus teóricos críticos – sobretudo os teóricos em tela –, caráter que se alinha a outro traço característico tantas vezes atribuído à Ciência da Informação, seu traço plural e diverso (SARACEVIC, 1996; SOUZA, 2012; ARAÚJO, 2014, 2018). Eis algumas, entre tantas, das razões possíveis às quais se pode atribuir o êxito, audiência e interesse desta escola, de sua teoria e de seus teóricos críticos nos horizontes do pensamento informacional.

Quanto à “Teoria Crítica” em si, sua presença, gradualmente, direta e indiretamente se faz sentir nos horizontes da Ciência da Informação (BRAPCI, 2022; CAVALCANTE; BUFREM; CÔRTEZ, 2020). Em termos amplos, o legado da Teoria

Crítica já se manifesta enquanto fundamento acessado, teorizado e discutido junto ao campo (BRAPCI, 2022; CAVALCANTE; BUFREM; CÔRTEZ, 2020). Destacadamente, se manifesta em diálogo com algumas tendências e tópicos teóricos, metodológicos e temáticos da Ciência da Informação (BRAPCI, 2022; CAVALCANTE; BUFREM; CÔRTEZ, 2020). Dentre os tópicos mais citados, destacam-se: “Regime de Informação”, “Competência em Informação”, “Competência Crítica em Informação”, “Epistemologia da Ciência da Informação”, “Filosofia da Informação”, “Formação em Ciência da Informação”, “Informação e Sociedade”, “Correntes/Paradigmas teóricos da Ciência da Informação”, “Ética da Informação”, “Organização da Informação e do Conhecimento”, “Fluxo de Informação”, “Mediação da Informação”, “Biblioteca Escolar”, “Biblioteca comunitária”, “Tecnologia da Informação e Comunicação” e “Investigações das Ciências Humanas, Sociais e Aplicadas” (BRAPCI, 2022; CAVALCANTE; BUFREM; CÔRTEZ, 2020) (Quadro 4).

Quadro 4 – Teoria Crítica e(m) Ciência da Informação: tópicos teóricos, metodológicos e temáticos

Tópico(s)	Tópico teórico, metodológico e/ou temático
1	<i>Regime de Informação</i>
2	<i>Competência (Crítica) em Informação</i>
3	<i>Epistemologia da Ciência da Informação</i>
4	<i>Filosofia da Informação</i>
5	<i>Formação em Ciência da Informação</i>
6	<i>Informação e Sociedade</i>
7	<i>Correntes/Paradigmas Teóricos da Ciência da Informação</i>
8	<i>Ética da Informação</i>
9	<i>Organização da Informação e do Conhecimento</i>
10	<i>Fluxo de Informação</i>
11	<i>Mediação da Informação</i>
12	<i>Biblioteca Escolar</i>
13	<i>Biblioteca Comunitária</i>
14	<i>Prática Biblioteconômica</i>
15	<i>Tecnologia da Informação e Comunicação</i>
16	<i>Investigações das Ciências Humanas, Sociais e Aplicadas</i>

Fonte: Baseado em Brapci (2022) e Cavalcante, Bufrem e Côrtes (2020).

Ante tudo isso, vê-se paisagens promissoras e desafiadoras para a Teoria Crítica nos horizontes da Ciência da Informação. Quanto às paisagens promissoras, destaca-se inegavelmente a presença gradual de estudos do campo inclinados à Teoria Crítica (BRAPCI, 2022; CAVALCANTE; BUFREM; CÔRTEES, 2020). Quanto às paisagens desafiadoras, destaca-se claramente todo um caminho a percorrer, um mundo a desbravar, um universo a desvendar acerca do legado da Teoria Crítica na Ciência da Informação, de trabalhos do campo efetivamente inclinados à Teoria Crítica (BRAPCI, 2022; CAVALCANTE; BUFREM; CÔRTEES, 2020).

Resta claro que há todo um potencial de contribuição da Teoria Crítica (teóricos, teorias, modelos críticos) a ser acessado e explorado junto ao campo. A Teoria Crítica pode *ir além* junto às tendências e tópicos teóricos, metodológicos e temáticos da Ciência da Informação. A Teoria Crítica pode *ser mais*, pode deitar raízes mais sólidas, firmes e/ou sustentadas junto à Ciência da Informação, no presente e no futuro (CAVALCANTE; BUFREM; CÔRTEZ, 2020).

6.2 Sínteses hermenêuticas

[A] hermenêutica versa sobre o sentido
possível dos enunciados [...]

Jürgen Habermas

Como toda leitura de mundo, interpretação, esforço de síntese, esta síntese hermenêutica é ambiciosa e breve, finita e aberta. Trata-se, em termos amplos, de *uma* leitura hermenêutica/interpretativa, dentre outras possíveis, sobre o diálogo entre a Teoria Crítica e Ciência da Informação. Refere-se, em particular, a *uma* síntese hermenêutica/interpretativa sobre em que termos a Teoria Crítica é acessada, discutida e reflexionada junto à Ciência da Informação, via tópicos teóricos, metodológicos e temáticos do campo, conforme Quadro 4, fundado em Brapci (2022) e Cavalcante, Bufrem e Côrtes (2020). Em tempo algum se apresenta uma como leitura interpretativa definitiva ou mesmo absoluta, totalizante ou inclinada a esgotar o tema. Em tudo se reconhece como uma leitura provisória e aproximada, finita e aberta, crítica e autocrítica, ciente de seu próprio lugar no momento, espaço e tempo, social, histórico e epistemológico.

Como em toda relação de diálogo, o diálogo entre a Teoria Crítica e Ciência da Informação se dá, em termos amplos, sob bases de influências mais fortes/próximas e de influências menos fortes/distantes. Estas influências, em termos gerais, se manifestam de diferentes maneiras e de inúmeras formas, entre as quais, junto aos tópicos teóricos, metodológicos e temáticos do campo informacional.

Convém ressaltar, no entanto, que nosso esforço aqui se limita efetivamente a fazer *uma* “leitura de síntese”. Leitura breve sobre quais tópicos teóricos, metodológicos e temáticos da Ciência da Informação a Teoria Crítica se manifesta mais

fortemente e menos fortemente junto ao campo. Tudo isso com base em dados da Brapci (2022) e em análises de Cavalcante, Bufrem e Côrtes (2020), bases de sustentação do Quadro 4. Trata-se, pois, pura e simplesmente de uma “visão de síntese”. Cujo fim primeiro e último é oferecer ao leitor iniciante e/ou iniciado na temática *uma* visão ampla do estado de coisas do legado da Teoria Crítica junto aos tópicos teóricos, metodológicos e temáticos da Ciência da Informação.

Dentro de uma visão de síntese, de acordo com a hermenêutica da pesquisa, baseada em dados da Brapci (2022) (APÊNDICE A) e em análises de Cavalcante, Bufrem e Côrtes (2020), do lado das influências mais fortes e/ou próximas entre Teoria Crítica e Ciência da Informação, destacam-se os seguintes tópicos: “Regime de Informação”, “Competência em Informação”, “Competência Crítica em Informação”, “Epistemologia da Ciência da Informação”, “Filosofia da Informação”, “Correntes/Paradigmas teóricos da Ciência da Informação” e “Investigações nas Ciências Humanas, Sociais e Aplicadas”. Por sua vez, do lado das influências menos fortes e/ou distantes entre Teoria Crítica e Ciência da Informação, destacam-se os tópicos “Formação em Ciência da Informação”, “Informação e Sociedade”, “Ética da Informação”, “Organização da Informação e do Conhecimento”, “Fluxo de Informação”, “Mediação da Informação”, “Biblioteca Escolar”, “Biblioteca Comunitária”, “Prática Biblioteconômica” e “Tecnologia da Informação e Comunicação”.

Com base nessa visão de síntese, se vê um amplo quadro de teóricos, teorias e modelos críticos identificados com a Teoria Crítica/Escola de Frankfurt. Uns mais inclinados a teóricos como Horkheimer, alguns mais próximos a Habermas, outros mais inclinados a Honneth, e assim por diante. Encontramos ainda um amplo quadro de temas, abordagens e conceitos identificados com a Teoria Crítica/Escola de Frankfurt. De um lado, conceitos de *indústria cultural*, de *técnica* e de *ciência*, de outro, temas/conceitos/abordagens de *emancipação social* e da *ideologia*, entre outros.

Como esforço de síntese, sugerimos adiante um “mapa conceitual” das tessituras constitutivas desta seção (Seção 6) (Figura 5).

Figura 5 - Mapa Seção 6



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

7 Teoria Crítica da Informação: construção de *um* conceito

Indo além, esta seção traz *uma* propositura de conceito de *Teoria Crítica da Informação* para o campo da Ciência da Informação. Inicialmente, destaca ideias, definições e conceitos de Teoria Crítica da Informação, à luz de Frankfurt, já apresentados junto ao campo informacional. Em seguida, desenvolve e apresenta sua própria ideia de Teoria Crítica da Informação, através de *um* conceito de Teoria Crítica da Informação finito e aberto, inspirado na tradição da Teoria Crítica de Frankfurt.

7.1 Teoria Crítica da Informação: conceito em aberto

Conforme visto em passagens anteriores, é plausível sugerir, embora seja difícil precisar, as origens da Teoria Crítica da Informação, seja na literatura nacional e/ou internacional de Ciência da Informação.

Teoria Crítica da Informação, a rigor, constitui uma linha de investigação em Ciência da Informação que se opõe à Teoria Matemática da Informação. Busca superar as limitações desta, por meio das bases teórico-metodológicas da Teoria Crítica, teoria associada à Escola de Frankfurt. Recorre a ela para reassentar o papel e o significado da informação, das coisas do campo e da própria Ciência da Informação em outras bases (bases dialéticas, dialógicas e emancipatórias), muito além de projeções pragmatistas, tecnicistas e positivistas (mais identificadas à Teoria Matemática da Informação).

No mundo, segundo alguns, a travessia para a Teoria Crítica da Informação em Ciência da Informação encontra *inspiração* a partir de estudos dos idos dos anos 1970. “Na epistemologia social de Jesse Shera, na hermenêutica e ética intercultural de Rafael Capurro, no neodocumentalismo de Bern Frohmann”, dentre outros (BEZERRA, 2020, p. 190). E deita raízes sustentadas em estudos contemporâneos, como nos estudos críticos em informação do norte-americano Fuchs (2009).

No Brasil, conforme outros, a travessia para a Teoria Crítica da Informação em Ciência da Informação encontra *inspiração* a partir de estudos dos idos dos anos 1980. Na intercessão entre Filosofia e Ciência da Informação de Solange Mostafa, na epistemologia e regime de informação de Maria Nélida González de Gómez, dentre outros (BEZERRA, 2019, 2020). E deita raízes sustentadas em estudos contemporâneos, como nos estudos críticos em informação da Escola de Ciência da Informação do IBICT-UFRJ, em particular, nos estudos críticos em informação de Bezerra (2018, 2019, 2020, 2022).

É certo que por meio de Fuchs (2009), na literatura internacional, e de Bezerra (2018, 2019, 2020, 2022), na literatura nacional, a Teoria Crítica da Informação ganha *status* próprio, agenda própria, vida própria. Neles, ela ganha *status* de centro de gravidade discussão, de eixo central de investigação, de agenda de pesquisa específica, tudo com rigor epistemológico sem par. Neles, ela é discutida sob bases de ordem

teórica e prática junto aos mais diversos temas e direções, de ética à regime de informação, de competência em informação à informação para emancipação, dentre outros tópicos. Neles, ela se torna *lócus* de exercícios de reflexão e sobretudo de conceituação de Teoria Crítica da Informação (BEZERRA, 2018, 2019, 2020, 2022; FUCHS, 2009).

Em Fuchs (2009), particularmente, a discussão de Teoria Crítica da Informação se dá de diferentes maneiras e de inúmeras formas, dentre as quais, junto a tópicos como ideologia, emancipação e evolução social no âmbito do campo informacional. Assim define Teoria Crítica da Informação:

[...] podemos então definir a *teoria/estudos críticos da informação* como um esforço que se concentra ontologicamente na análise da informação em o contexto de dominação, relações assimétricas de poder, exploração, opressão e controle, empregando epistemologicamente todos os meios teóricos e/ou empíricos necessários para fazê-lo, a fim de contribuir no nível praxiológico para o estabelecimento de uma sociedade participativa e cooperativa. Dada tal definição, a *teoria da informação crítica* é inerentemente normativa e política (FUCHS, 2009, p. 2. 249, tradução livre, grifo nosso).

Em Bezerra (2018, 2019, 2020, 2022), destacadamente, a discussão de Teoria Crítica da Informação também se dá de diferentes maneiras e de inúmeras formas, dentre as quais, junto a tópicos como regime de informação, competência crítica em informação e outros tópicos da Ciência da Informação. Eis sua visão de Teoria Crítica da Informação:

A *teoria crítica da informação* que propomos segue os mesmos passos teóricos e metodológicos da teoria crítica, adaptando-os ao campo de investigação dos estudos informacionais por meio da absorção e integração de dois conceitos que vêm sendo discutidos na área, especialmente em congressos e publicações acadêmicas brasileiras: o conceito de regime de informação e o conceito de competência crítica em informação (BEZERRA, 2020, p.194, grifo nosso).

Com base nesses autores e nos refugiando nos números (BRAPCI, 2022; CAVALCANTE; BUFREM; CÔRTES, 2020), se torna possível ler e dizer que a Teoria Crítica da Informação é uma teoria contemporânea da Ciência da Informação.

Dentre outras leituras, em síntese, parafraseando Machado de Assis (2011)¹⁷⁷, se torna possível *ler* as incursões em Teoria Crítica da Informação ligadas à primeira fase (de inspiração, 1970) como a semente dos arbustos que nasceram na segunda fase em

¹⁷⁷Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908). Escritor brasileiro. Obra(s) sugerida(s): *Correspondência de Machado de Assis* (carta de 1898), dentre outras.

si, fase amadurecimento (de consolidação, 1980) da Teoria Crítica Informação em si – fase atual, de movimentos conceituais mais claros, diretos e sustentados em Teoria Crítica da Informação em si.

Ante tudo isso, em sendo uma teoria recente do campo, se torna compreensível *entender* a Teoria Crítica da Informação ainda como um caminho em construção, obra em aberto, conceito em aberto em Ciência da Informação. Em sendo assim, ainda aberta a contatos e apelos/propostas conceituais. Em virtude disso, nos colocamos entre aqueles encorajados a colaborar/contribuir. Entre aqueles motivados a apresentar alguma proposta de conceituação de Teoria Crítica da Informação. Entre aqueles que, ciente dos desafios, se deixam invadir pelo risco, por acreditar que ciência também é risco, por acreditar que só quando se arrisca ir mais longe é que se descobre até onde é possível chegar e/ou antever novos pontos de partida.

7.2 Construindo *um* conceito de Teoria Crítica da Informação

Erguer *uma* Teoria Crítica da Informação, conforme o próprio título antecipa, significa erguer não *a*, mas *uma* outra teoria viável, outro caminho possível. Ou seja, significa erguer *uma* via crítica para se ler, ver e perceber as coisas do campo da informação, via reflexão crítica, não *a* única ou *a* via mais válida para se ler, ver e perceber as coisas do campo da informação via reflexão crítica. Eis a tarefa deste estudo, “verdade maior”, diria Guimarães Rosa (ROSA, 2019)¹⁷⁸. Erguer *um* conceito sustentado, finito e aberto a vários contatos. Em tempo algum totalizante, definitivo, indiscutível ou mesmo absoluto. Em tudo provisório, aproximado, inacabado e breve, expressão de um momento, espaço e tempo, social, histórico e epistemológico.

A adoção do gerúndio *construindo* também tem sua razão de ser e existir junto ao estudo. Por definição, o gerúndio traz em si o espírito do inacabamento, de algo em movimento, de algo em desenvolvimento, de algo “ainda não terminado”, diria o grande Rosa (ROSA, 2019). É como este estudo se percebe e concebe seu conceito. Como *um* conceito em construção, em movimento, em desenvolvimento, aberto a

¹⁷⁸João Guimarães Rosa (1908-1967). Escritor, médico e diplomata brasileiro. Obra(s) sugerida(s): *Grande Sertão: Veredas* (2019), dentre outras.

vários contatos. Como *um* conceito em curso, dentre outros vários conceitos possíveis junto aos horizontes da Ciência da Informação.

Ante tudo isso, com base em *uma* ideia de teoria informacional crítica, *finita*, *aberta* e *em construção*, de inspiração na Teoria Crítica de Frankfurt, o estudo sugere o seguinte conceito e/ou proposta de conceito de Teoria Crítica da Informação:

Teoria Crítica da Informação ergue-se como “*uma*” via para se perceber e conceber a Ciência da Informação, a informação, e as coisas do campo informacional, em termos mais dialéticos e dialógicos, em termos mais humanos, sociais e crítico-reflexivos, de modo a reafirmar o seu pertencimento de forma decisiva e sustentada à condição de ciência social, muito além de projeções puramente pragmatistas, tecnicistas e positivistas. A teoria informacional crítica percebe o interesse emancipatório como interesse intrínseco ao campo informacional, ou seja, que está no interior da Ciência da Informação. Por fim, a Teoria Crítica da Informação é, em tudo, provisória e aproximada, finita e aberta, crítica e autocrítica, ciente de seu próprio lugar no momento, espaço e tempo, social, histórico, político e epistemológico, no, do e além do campo informacional.

Em linhas gerais, em termos de feitura, o conceito em tela se inspirou claramente no conceito canônico de Teoria Crítica (HORKHEIMER, 1975), no âmbito das Ciências Humanas e Sociais. É, em verdade, uma versão conceitual informacional do conceito canônico de Teoria Crítica, no âmbito da Ciência da Informação. Desta feita, nele se inspirando, assim como ele, o conceito de Teoria Crítica da Informação em tela traz em suas linhas centrais noções muito próprias e caras à Teoria Crítica da Informação. Dentre as noções de destaque, situam-se as noções de *Ciência da Informação* (Auto)Crítica, de *Cientista Informacional* (Auto)Crítico, assim como as noções de *método*, de *emancipação* e de *realidade/fato social informacional*, todos à luz da perspectiva teórico-informacional crítica.

À luz do conceito em tela, a teoria informacional crítica entende a *Informação* como locus que integra dimensão social e técnica, dimensão subjetiva e objetiva, dimensão técnica, ética e emancipatória do fenômeno. O *Cientista Informacional* (Auto)Crítico se percebe como indivíduo de *práxis* consciente de sua tarefa social e das condições que determinam sua atividade. Uma *Ciência da Informação* (Auto)Crítica se percebe como interdisciplinar, aberta a numerosos contatos teórico-metodológicos, e como *práxis* integrante da sociedade – a Teoria Crítica da Informação abraça o papel, o significado e a função social real da Ciência da Informação. A teoria informacional crítica percebe o *método* como locus que integra caráter objetivo e subjetivo, sujeito e objeto, fatos e natureza, o que é (fatos/fenômenos) e o que deve ser

(valores/interesses) das coisas, dos sujeitos e dos fenômenos na, para e da Ciência da Informação. A teoria informacional crítica entende a *realidade/fato social informacional* como fenômenos sociais históricos, situados no indivíduo, no espaço e no tempo.

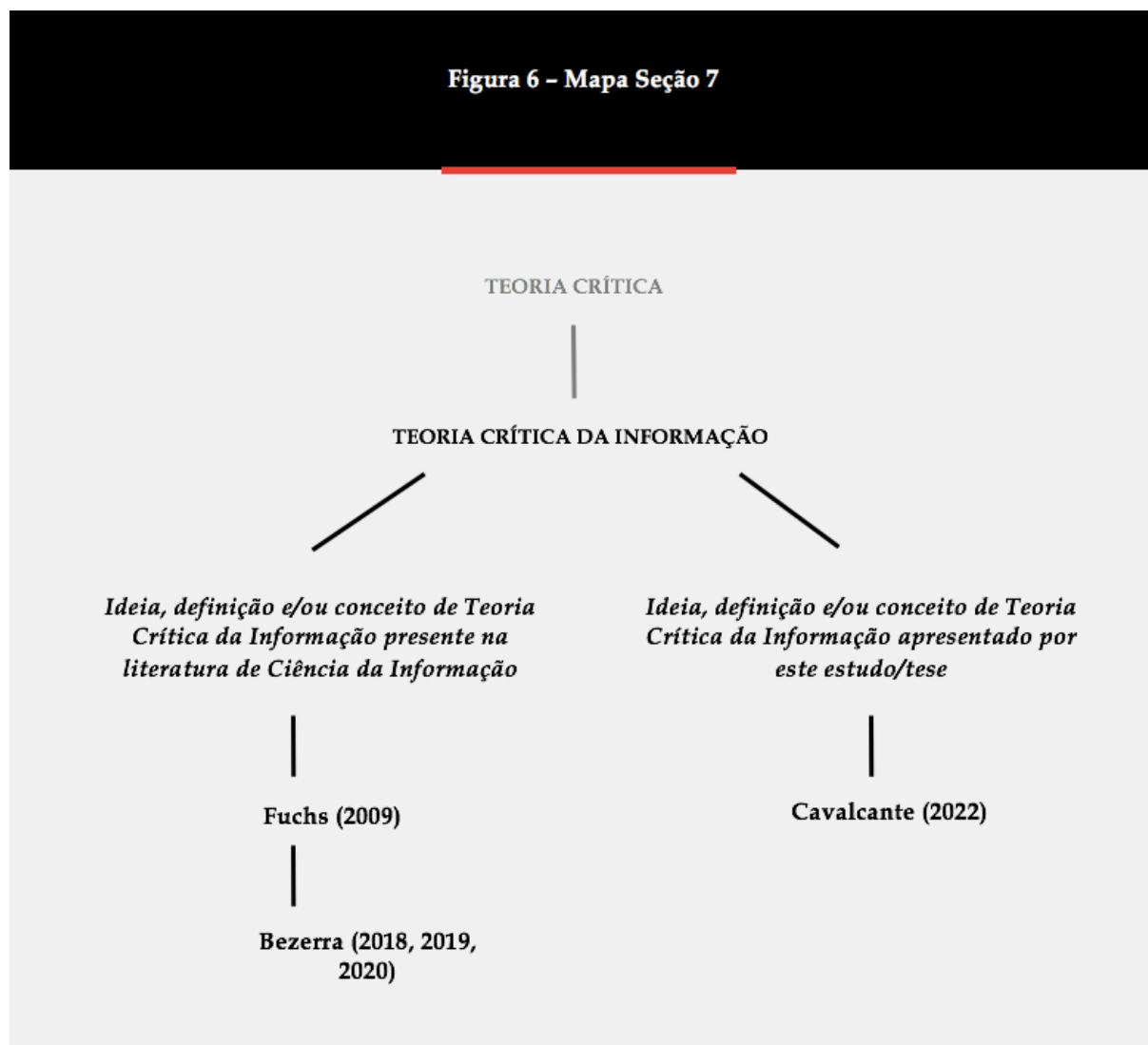
Em síntese, sugere-se pensar as tessituras do conceito em tela de Teoria Crítica da Informação constituídas da seguinte maneira: *Teoria Crítica* + Teoria marxista/dialética/dialógica + Lógica das humanidades + *Teoria crítico-emancipatória* + *Teoria pluri/interdimensional* + Ciência da Informação (Auto)Crítica + Cientista Informacional (Auto)Crítico + Informação-para-emancipação + *Integração entre dimensão técnica, dimensão ética e dimensão emancipatória* = Teoria Crítica da Informação. Esta equação ergue-se como possibilidade e/ou caminho possível para entender o *x* que fundamenta o interesse, a atuação e a concepção da Teoria Crítica da Informação (do conceito em tela).

Convém ressaltar, contudo, e uma vez mais, que o estudo se distancia de toda e qualquer pretensão universalizante e/ou totalizante quanto ao tema/termo/conceito/teoria. Aqui se converte firmemente à tese de Fernando Pessoa (1996)¹⁷⁹. À tese de que *Teoria Crítica da Informação não é uma ideia que pertence a este estudo. O conceito Teoria Crítica da Informação em tela é que é uma ideia que pertence a este estudo*, parafraseando o grande poeta português (PESSOA, 1996).

Em verdade, desejamos ver cada vez mais sólidos os caminhos da Ciência da Informação para o avanço do pensamento crítico, em suas várias direções. Em particular, ensejamos ver cada dia mais fortes os vínculos entre Ciência da Informação e Escola de Frankfurt, entre Ciência da Informação e Teoria Crítica. Em particular, esperamos ver cada dia mais firmes os laços e elos entre Ciência da Informação e Teoria Crítica da Informação, hoje e amanhã.

Como esforço de síntese, sugerimos adiante um “mapa conceitual” das tessituras constitutivas desta seção (Seção 7) (Figura 6).

¹⁷⁹Fernando António Nogueira Pessoa (1908-1967). Escritor e poeta português. Obra(s) sugerida(s): *Obra poética* (1996), dentre outras.

Figura 6 - Mapa Seção 7

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

8 Teoria Crítica da Informação hoje e amanhã: ponto de chegada, novos pontos de partida

*Quanto mais estrelas (teóricos e teorias críticas) se somarem
para iluminar questões e desafios de nosso tempo
e de nosso campo, mais claro será o caminho.*

parafraseando Felice Leonardo Buscaglia¹⁸⁰

Aqui chegados, se dever ter clareza de que Teoria Crítica da Informação busca *discutir sem abandonar, dimensionar sem diminuir, avançar sem negar* a validade e os feitos da Teoria Matemática da Informação. Teoria Crítica da Informação busca *ser mais e ir além* desta. Teoria Crítica da Informação se apresenta como alternativa desta. Teoria Crítica da Informação busca *innovar, atualizar e ampliar* os horizontes na *forma de ler, ver e entender* a informação, as coisas do campo e a própria Ciência da Informação. Tudo em bases dialéticas, dialógicas e emancipatórias, muito além de projeções pragmatistas, tecnicistas e positivistas.

Distantes de pretensões definitivas e inexoráveis, esforçamo-nos, com este estudo, a pensar e problematizar o papel e o significado da Teoria Crítica da Informação junto à Ciência da Informação. Propusemo-nos, com esta investigação, a discutir e reflexionar o atual estado de coisas de nosso tempo, e, sobretudo, de nosso campo informacional, valendo-nos dos encaminhamentos da Teoria Crítica da Informação.

Chegados aqui, que lições nos cabe tirar da Teoria Crítica da Informação ante questões e desafios de nosso tempo e de nosso campo, questões e desafios que não param, que não cessam? – parafraseando o poeta Vitor Matos e Sá (SÁ, 1966)¹⁸¹. Que lições nos cabe tirar da Teoria Crítica da Informação ante questões e desafios tais como o obscurantismo, revisionismo, negacionismo, *fake news*, pós-verdade, desinformação, entre outros, que desafiam nosso tempo e nosso campo?

À luz da Teoria Crítica da Informação, é possível sugerir, sem encerrar, algumas respostas possíveis. Traço característico à esta teoria a este estudo. Traço, em tudo,

¹⁸⁰Felice Leonardo Buscaglia (1924-1998). Escritor ítalo-americano. Obra(s) sugerida(s): *Vivendo, amando e aprendendo* (1982), dentre outras.

¹⁸¹Vitor Matos e Sá, pseudônimo de Vitor Raul de Costa Matos (1926-1975). Escritor, pensador e poeta luso-moçambicano. Obra(s) sugerida(s): *A dimensão técnica do homem* (1966), dentre outras.

finito, aproximado e aberto a vários contatos; em tempo algum totalizante, definitivo ou mesmo indiscutível.

Em tempos de obscurantismo, a via do *esclarecimento* ergue-se mais atual do que nunca como saída possível, no presente e no futuro, entende a teoria informacional crítica. Algo direta e/ou indiretamente em linha com a proposta kantiana e/ou entre nós desde Kant (2022). E algo direta e/ou indiretamente em linha com as propostas de “Alfabetização Midiática e Informacional” (AMI) e de “Formação de Mentes Críticas em Tempos Críticos”, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (UNESCO, 2013, 2019; NOLETO, 2021).

Em tempos de negacionismo, a via da *educação científico-crítico-ético-informacional*, da *competência em informação* e da *competência crítica em informação* ergue-se mais vital do que nunca como caminho viável, hoje e amanhã, percebe a teoria informacional crítica. Algo direta e/ou indiretamente em linha com as propostas de “Alfabetização Midiática e Informacional” (AMI) e de “Formação de Mentes Críticas em Tempos Críticos”, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (UNESCO, 2013, 2019; NOLETO, 2021).

Em tempos de revisionismo, a via da *educação histórico-crítico-ético-informacional* ergue-se mais válida do que nunca como saída possível, no presente e no futuro, compreende a teoria informacional crítica. Algo direta e/ou indiretamente em linha com as propostas de “Alfabetização Midiática e Informacional” (AMI) e de “Formação de Mentes Críticas em Tempos Críticos”, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (UNESCO, 2013, 2019; NOLETO, 2021).

Em um “mundo pós”, pós-pensamento, pós-ética, pós-verdade, a via da *volta/atualização do olhar crítico, ético e vigilante iluminista* e/ou da *volta/atualização do projeto/paradigma iluminista inacabado* ergue-se mais válida do que nunca como saída possível, no presente e no futuro, sugere a teoria informacional crítica. Algo direta e/ou indiretamente em linha com a proposta de volta/atualização dos ideais iluministas do “projeto da modernidade”, segundo alguns, um “projeto inacabado”, ideia defendida por Habermas (2000) e outros tantos mais.

Em tempos de desinformação e de fake news, a via da *educação crítico-ético-informacional*, da *competência em informação* e/ou da *competência crítica em informação* ergue-se mais atual do que nunca como caminho vital, no presente e no futuro, admite

a teoria informacional crítica. Algo direta e/ou indiretamente em linha com as propostas de “Alfabetização Midiática e Informacional” (AMI) e de “Formação de Mentes Críticas em Tempos Críticos”, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (UNESCO, 2013, 2019; NOLETO, 2021). E algo direta e/ou indiretamente em linha com as propostas de “Competência Crítica em Informação”, de estudos críticos em informação (BEZERRA, 2015; BEZERRA; SCHNEIDER; BRISOLA, 2017a; BEZERRA; DOYLE, 2017b; BEZERRA, 2018; BEZERRA, 2019; SCHNEIDER, 2019; BEZERRA, 2021; BEZERRA; SCHNEIDER, 2022; BRISOLA; SCHNEIDER; SILVA JUNIOR, 2016; BRISOLA, 2016; DOYLE, 2017; ELMBORG, 2006; ELMBORG, 2012; FUCHS, 2006; SCHNEIDER, 2019; SIMMONS, 2005; TEWELL, 2015).

Ou seja, via Teoria Crítica da Informação, é preciso assumir a *tarefa* dialética e dialógica de traçar um *diagnóstico* crítico, analítico e vigilante do tempo presente, em busca de possíveis saídas, vias de superação, horizontes de emancipação, de algum *prognóstico* de futuro possível.

Em virtude disso, enveredamo-nos a defender que o campo avance rumo à Teoria Crítica da Informação. A Teoria Crítica da Informação pode *ir além* junto aos estudos e pesquisas da Ciência da Informação. A Teoria Crítica da Informação pode *ser mais* junto às tendências e tópicos teóricos, metodológicos e temáticos da Ciência da Informação. A Teoria Crítica da Informação pode *ir muito além*, pode deitar raízes mais sólidas, firmes e/ou sustentadas junto à Ciência da Informação. Há todo um potencial de contribuição da Teoria Crítica da Informação a ser acessado e explorado junto ao campo.

Posicionamo-nos nessa defesa por entendermos que os delineamentos da Teoria Crítica da Informação erguem-se como *um* caminho válido para fazer frente à percepção de Ciência da Informação predominantemente voltada a projeções pragmatistas, tecnicistas e positivistas. Decerto, os encaminhamentos da Teoria Crítica da Informação se erguem como *uma* via promissora, dentre outras, a iluminar a Ciência da Informação a se posicionar de forma mais clara e sustentada enquanto ciência social. Uma Ciência da Informação em termos mais humanos, sociais e crítico-emancipatórios.

Enveredamo-nos nessa direção por entendermos que os delineamentos da

Teoria Crítica da Informação se inclinam na direção do revigoramento da ideia de uma *Ciência da Informação do futuro* social, humanística e emancipatória. Em direção contrária ao fortalecimento da ideia de um *futuro da Ciência da Informação* puramente pragmatista, tecnicista e positivista.

Conscientizamo-nos de que os desafios que se impõem no horizonte são inúmeros e plurais. Contudo, “Per aspera ad astra”, “Dos desafios, chega-se às estrelas”, diz o brocardo latino – em tradução livre. Cientes dos desafios, à luz da Teoria Crítica da Informação, encorajamo-nos a alinhar os fios do futuro de uma Ciência da Informação para o avanço do pensamento crítico. Uma Ciência da Informação envolvida e comprometida com o livre pensar, fundada em discursos livres, em ações autônomas, humanamente envolvida e comprometida com a redução dos dilemas e das desigualdades sociais, muito além da condição de campo empiricamente funcional e tecnicamente útil, instituída/legada ao longo de sua trajetória.

Esperamos, portanto, que as inquietações, os trajetos e as reflexões delineados por este estudo somem-se a outros e possam fundamentar o projeto e outras possibilidades de estudos críticos em Ciência da Informação. Entendemos que quanto mais estrelas (teóricos e teorias críticas) se somarem para iluminar questões e desafios de nosso tempo e de nosso campo, mais claro será o caminho para enfrentá-los e/ou mesmo superá-los no presente e no futuro, parafraseando o poeta Felice Leonardo Buscaglia (2013). Desejamos, em verdade, que os estudos e as investigações do campo se lancem na direção de temas como *técnica, ciência, ética, ideologia, dialética, bem-estar social e emancipação social*, entre outros, temas caros à Teoria Crítica e à Teoria Crítica da Informação, temas centrais para trazer luz e/ou mesmo fazer frente às questões e desafios de nosso tempo e de nosso campo, hoje e amanhã.

Referências

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ABROMEIT, J. *Max Horkheimer and the foundations of the Frankfurt School*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- ADLER, L. *Hannah Arendt, una biografía*. Buenos Aires: Editorial Ariel, 2019.
- ADORNO, T. *Lições de sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2004.
- ADORNO, T. *Indústria cultural e sociedade*. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. (Coleção Leitura).
- ADORNO, T. W. Crítica cultural e sociedade. In: COHN, G. (org.). *Prismas*. São Paulo: Ática, 1998.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ADORNO, T. Einleitung zum "Posiivismusstreit in der deutschen Soziologie". In: *Soziologische Schriften I*. Frankfurt: Suhrkamp, 1969, p. 280-353.
- ADORNO, T. Zur Logik der Sozialwissenschaften. In: *Soziologische Schriften I*. Frankfurt: Suhrkamp, 1962, p. 574-585.
- AMAZON (Estados Unidos). Lista dos Best-Sellers. Disponível em: https://www.amazon.com/Politics-Social-Sciences-Books/b/ref=dp_bc_aui_C_2?ie=UTF8&node=3377866011. Acesso em: 11 ago. 2022.
- ARAGÃO, L. *Habermas, filósofo e sociólogo do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.
- ARAÚJO, C. A. A. *O que é Ciência da Informação*. Belo Horizonte: KMA, 2018b.
- ARAÚJO, C. A. A. Um mapa da Ciência da Informação: história, subáreas e paradigmas. *Convergências em Ciência da Informação*, v. 1, n. 1, p. 45-70, 2018a. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/conci/article/view/9341>. Acesso em: 18 abr. 2020.
- ARAÚJO, C. A. A. O que é Ciência da Informação? *Informação & Informação*, Londrina, v. 19, n. 1, p. 01-30, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/15958/14205>. Acesso em: 10 jan. 2018.
- ARAÚJO, C. A. A. *Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da*

Informação: o diálogo possível. Brasília: Briquet de Lemos, 2014.

ARAÚJO, C. A. A. Manifestações (e ausências) de pensamento crítico na Ciência da Informação. *Biblos*, v. 27, n. 2, p. 9-29, 2013. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/22715>. Acesso em: 18 jan. 2019.

ARAÚJO, C. A. A. Teoria matemática da comunicação e a questão da interdisciplinaridade. *Revista Cesumar*, v.16, n.2, p. 545-570, set./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revcesumar/article/view/1508/1342>. Acesso em 15 an. 2013.

ARAÚJO, C. A. A. Correntes teóricas da ciência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 3, p. 192-204, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/qhsrgPL7T6RbKKVbMwrPMNb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jan. 2020.

ARAÚJO, C. A. A.; ROLIM, E. A.; MARZANO, I. M. G.; BITENCOURT, L. G. A. Ciência da Informação na visão dos professores e pesquisadores brasileiros. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v.17, n.2, p.95-108, maio/ago. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/637/1450>. Acesso em: 11 ago. 2022.

ARAÚJO, C. A. A. A Ciência da Informação como ciência social. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19020.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2019.

ARENDT, H. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARMSTRONG, N. "That's one small step for man, one giant leap for mankind" [for National Aeronautics and Space Administration] [tradução livre], NASA (YouTube), Estados Unidos, 20 jul. 1969. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S9HdPi9Ikhk>. Acesso em: 10 ago. 2022.

ASSIS, M. Carta de Machado de Assis a José Veríssimo. In: ROUANET, S. P. (org.). *Correspondência de Machado de Assis: tomo III, 1890-1900*. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

ASSOUN, P. L. *A Escola de Frankfurt*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.

ASSOUN, P. L.; RAULET, G. *Marxismo e Teoria Crítica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

BACHELARD, G. *Epistemologia: trechos escolhidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

BACHELARD, G. A filosofia do não. In: BERGSON, H. *Cartas, Conferências e*

outros escritos; BACHELARD, G. *A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Os pensadores, 38).

BACHELARD, G. *O novo espírito científico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968. (Biblioteca Tempo Universitário, 12).

BACON, F. *Novum organum*. Tradução de José Aluysio Reis de Andrade. eBooksBrasil.org, 2002.

BARRETO, A. A. Uma quase história da Ciência da Informação. *DataGramaZero*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 1-18, abr. 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/45241>. Acesso em: 16 mar. 2021.

BARRETO, A. A. Uma história da Ciência da Informação. In: TOUTAIN, L. M. B. B. (Org.). *Para entender a Ciência da Informação*. Salvador: EDUFBA, 2007, pp. 13-34. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/145/1/Para%20entender%20a%20ciencia%20da%20informacao.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

BARRETO, A. A condição da informação. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 67-74, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/5Q85NCzRFvJ8BLjld54jLMv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 ago. 2021.

BARRETO, A. Uma elegante esperança. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 1, p. 7-9, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/602/604>. Acesso em: 6 ago. 2021.

BASE DE DADOS REFERENCIAL DE ARTIGOS DE PERIÓDICOS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (BRAPCI). Disponível em: <http://www.brapci.inf.br>. Acesso em: 15 fev. 2020.

BECKER, H. A Escola de Chicago. *Mana*, v. 2., n. 2, p. 177-188, 1996. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S0104-93131996000200008&1ng=em&nrm+iso. Acesso em: 15 mai. 2020.

BELKIN, N. J.; ROBERTSON, S. E. Information Science and the phenomenon of information. *Journal of the American Society for Information Science* (JASIS), New York, v. 27, n. 4, p. 197-204, jul./aug. 1976. Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.4630270402>. Acesso em: 10 jun. 2021.

BENJAMIN, W. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. São Paulo: L&PM, 2014.

BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte; São Paulo: UFMG; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas, Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BEZERRA, A. C.; SCHNEIDER, M. (orgs.). *Competência crítica em informação: teoria, consciência e práxis*. Rio de Janeiro: IBICT, 2022.

BEZERRA, A. C. Da teoria matemática à teoria crítica da informação: a integração dos conceitos de regime de informação e competência crítica em informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 182-201, set. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/25511/19914>. Acesso em: 12 jun. 2021.

BEZERRA, A. C. Teoria Crítica da Informação: proposta teórico-metodológica de integração entre os conceitos de regime de informação e competência crítica em informação. In: BEZERRA, A. C.; SCHNEIDER, M.; PIMENTA, R. P.; SALDANHA, G. S. (orgs.). *iKritika: estudos críticos em informação*. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

BEZERRA, A. C. Contribuição da Teoria Crítica aos estudos sobre regime de informação e competência crítica em informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., Londrina. *Anais [...]*. Londrina: ANCIB, 2018.

BEZERRA, A. C.; DOYLE, A. Competência crítica em informação e participação ética em comunidades de aprendizagem. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. *Anais [...]*. Marília: ANCIB, 2017b.

BEZERRA, A. C.; SCHNEIDER, M.; BRISOLA, A. Pensamento reflexivo e gosto informacional: disposições para competência crítica em informação. *Informação & Sociedade: estudos*, João Pessoa, v.27, n.1, p. 7-16, jan./abr. 2017a.

BEZERRA, A. C. Vigilância e filtragem de conteúdo nas redes digitais: desafios para a competência crítica em informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2018, João Pessoa. *Anais [...]*. João Pessoa: ANCIB, 2015.

BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD). 2020. BDTD, Brasil, 13 jan. 2020. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 13 jan. 2020.

BLOOM, H. *Gênio: os 100 autores mais criativos da história da literatura*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

BLOOM, H. *O cânone ocidental: os grandes livros e os escritores essenciais de todos os tempos*. São Paulo: Objetiva, 1994.

BRETAS, A. Os sonhos da história. *Mente, Cérebro e Filosofia*, São Paulo, p. 68-75, abr. 2008.

BRISOLA, A.; SCHNEIDER, M.; SILVA JUNIOR, J. F. Competência crítica em informação, ética intercultural da informação e cidadania global na era digital: fundamentos e complementaridades. In: *Anais do XVIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*. Marília: ANCIB, 2017.

BRISOLA, A. *A ágora digital, a competência crítica em informação e a cidadania ampliada: uma construção possível*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Rio de Janeiro, 2016.

BRITISH AIRWAYS (Reino Unido). Celebrating Concorde. Disponível em: <https://www.britishairways.com/en-us/information/about-ba/history-and-heritage/celebrating-concorde>. Acesso em: 11 ago. 2022.

BODANIS, D. *Einstein, biografia de um gênio imperfeito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BORKO, H. Information Science: what is it? *American Documentation*, v. 19, n. 1, p. 3-5, jan. 1968. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1992827/mod_resource/content/1/Borko.pdf. Acesso em: 19 jan. 2020.

BOSCO, F. Duas perguntas para Axel Honneth [entrevista]. *Cult*, São Paulo, p. 63-65, v. 12, n. 136, jun. 2009.

BROOKES, B. Lenin: the founder of informatics. *Journal of Information Science*, v.8, n. 5, p. 221-223, 1984. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/016555158400800505>. Acesso em: 18 nov. 2021.

BROOKES, B. The foundations of Information Science. Part I. Philosophical aspects. *Journal of Information Science*, v. 2, n. 3/4, p. 125-133, 1980. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/016555158000200302>. Acesso em: 13 dez. 2021.

BRONNER, S. *Da Teoria Crítica e seus teóricos*. Campinas, SP: Papirus, 1997.

BUCKLAND, M. What kind of science can Information Science be? *Journal of the American Society for Information Science and Technology (JASIST)*, New York, v.63, n.1, p. 1-7, jan. 2012. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/asi.21656>. Acesso em: 15 ago. 2019.

BUCKLAND, M.; LIU, Z. History of Information Science. In: HAHN, T.;

BUCKLAND, M. (Eds.). *Historical studies in Information Science*. Medford: Information Today, 1998, p. 159-170. Disponível em: <https://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/histis98.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2021.

BUCKLAND, M. (Orgs.). *Information and information systems*. New York: Praeger, 1991a, cap. 2-8, p.17-80.

BUCKLAND, M. Information as thing. *Journal of the American Society for Information Science*, New York, v. 45, n. 5, p. 351-360, 1991b. Disponível em: [https://www.cin.ufpe.br/~cjgf/TECNOLOGIA%20-%20material%20NAO-CLASSIFICADO/Informacao%20como%20Coisa%20\(thing\).pdf](https://www.cin.ufpe.br/~cjgf/TECNOLOGIA%20-%20material%20NAO-CLASSIFICADO/Informacao%20como%20Coisa%20(thing).pdf). Acesso em: 21 jan. 2020.

BUFREM, L. S.; SILVA, F. M.; SOBRAL, N. V. Análise das influências intelectuais na produção científica na área de Ciência da Informação: um estudo sobre os bolsistas de produtividade em pesquisa (PQ-CNPq). *Em Questão*, v. 23, p. 115-141, Edição Especial EBBC, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/68087/40210>. Acesso em: 15 out. 2020.

BUFREM, L. S. Faces da produção periódica em Ciência da Informação: o processo de legitimação científica e seus componentes. *Informação & Informação*, v. 19, n. 3, p. 01-23, set/dez 2014. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/17586/pdf_20. Acesso em: 15 set. 2019.

BURKE, C. History of Information Science. *Annual Review of Information Science and Technology*, Arizona, v. 41, n. 1, p. 3-53, 2007. Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/aris.2007.1440410108>. Acesso em: 12 mai. 2021.

BURKE, P. *O polímata: uma história cultural de Leonardo da Vinci à Susan Sontag*. São Paulo: Editora UNESP, 2020.

BURKE, P. *Perdas e ganhos: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000*. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

BURKE, P. *Uma história social do conhecimento II: da Enciclopédia à Wikipédia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BURKE, P. *A Escola dos Annales (1929-1989)*. São Paulo: UNESP, 1991.

BUSCAGLIA, L. *Vivendo, amando e aprendendo*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.

BUSH, V. As we may think. *The Atlantic Monthly*, v. 176, n. 1, p. 101-108, 1945. Disponível em:

<http://www.theatlantic.com/unbound/flashbks/computer/bushf.htm>. Acesso em: 11 jan. 2020.

CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAMARGO, S. Itinerários da Teoria Crítica na Sociologia Brasileira. In: SILVA, J. P. (Org.). *Sociologia Crítica no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2012, p. 155-186.

CAMARGO, S. A recepção da Teoria Crítica no Brasil: 1968-1978. *Em Debate*, Florianópolis, n. 7, p. 126-149, jan./jul. 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1980-3532.2012n7p126>. Acesso em: 11 fev. 2019.

CAPURRO, R. Apresentação. In: SALDANHA, G. *Ciência da Informação: crítica epistemológica e historiográfica*. Rio de Janeiro: IBICT, 2020.

CAPURRO, R. Blurb. In: BEZERRA, A.; SCHNEIDER, M.; PIMENTA, R.; SALDANHA, G. *iKritika: estudos críticos em informação*. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

CAPURRO, R. Pasado, presente y futuro de la noción de información. *Logeion*, Rio de Janeiro, v. 1 n. 1, p. 110-136, ago./fev. 2014a. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/1494/0>. Acesso em: 13 mar. 2019.

CAPURRO, R. A dor e a delícia da era digital [entrevista concedida a João Antônio de Moraes]. *Filosofia, Ciência & Vida*, Belo Horizonte, n. 93, p. 5-13, mar. 2014b. Disponível em: <http://www.capurro.de/moraes2014.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2020.

CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. O conceito de informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/j7936SHkZJkpHGH5ZNYQXnC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 jan. 2020.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003, Belo Horizonte. *Anais [...]* Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2003.

CAPURRO, R. What is information science? A philosophical reflection. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Orgs.). *Conceptions of Library and Information Science: historical, empirical and theoretical perspectives*. London: Taylor Graham, 1992., p. 82-98. Disponível em: <http://www.capurro.de/tampere91.htm>. Acesso em: 16 ago. 2021.

CASTELLS, M. *A galáxia da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAVALCANTE, A. V. B.; BUFREM, L. S.; CÔRTEZ, G. R. A Escola de Frankfurt e a Ciência da Informação. *Logeion: Filosofia da informação*, Rio de Janeiro, v. 6 n. 2, p. 40-60, mar./ago. 2020. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/5101/4541>. Acesso em: 12 mar. 2020.

CAVALCANTE, A. V. B.; SOUZA, E. D.; BUFREM, L. S. A perspectiva dual do conhecimento em informação à luz da teoria da racionalidade de Jürgen Habermas. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, ANCIB, São Paulo, v. 2 n. 12, s./p., 2019. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/489>. Acesso em: 11 fev. 2020.

CHACON, V. A recepção da Escola de Frankfurt no Brasil. *Revista Brasileira de Filosofia*, v. 41, n. 176, p. 453-457, 1994. Disponível em: Acesso em: 11 jan. 2019.

CHALMERS, A. *O que é ciência afinal?* São Paulo: Brasiliense, 1993.

CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2000.

CHAUÍ, M. A universidade operacional. *Folha de São Paulo*, v. 9, n. 5, p. 99, 1999.

COULON, A. *A Escola de Chicago*. Campinas: Papirus, 1995.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPq). Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (Brasil). Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br>. Acesso em: 02 mai. 2022.

CRONIN, B. The sociological turn in Information Science. *Journal of Information Science*, v. 34, n. 4, 2008, p. 465-475. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0165551508088944>. Acesso em: 13 mar. 2021.

DANTAS, M. Prefácio. In: BOLAÑO, C. (Org.). *Indústria Cultural, informação e capitalismo*. São Paulo: Hucitec; Pólis, 2000. p. 9-15.

DEFENSE ADVANCED RESEARCH PROJECTS AGENCY (DARPA) (Estados Unidos). Arpanet. Agência de Pesquisas do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (EUA). Disponível em: <https://www.darpa.mil/about-us/timeline/arpanet>. Acesso em: 15 ago. 2022.

DARWIN, C. *A viagem do Beagle: viagem de um naturalista à volta do mundo*. Lisboa: Relógio D'água, 2009.

DARWIN, C. The Voyage of HMS Beagle. *Journal of Researches into the Natural History and Geology on the Countries*, London, 1839. Disponível em:

<https://www.gutenberg.org/ebooks/3704>. Acesso em: 10 abr. 2022.

DEMO, P. *Metodologia científica em ciências sociais*. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Atlas, 2007.

DEMO, P. *Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

DEMO, P. Ambivalências da sociedade da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 37-42, maio/ago. 2000. Disponível em: <http://revista.ibict.br/cienciadainformacao/index.php/ciinf/article/view/250>. Acesso em: 12 dez. 2019.

DEMO, P. *Introdução à metodologia da ciência*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

DESCARTES, R. *As paixões da alma*. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1973c. (Coleção Os pensadores, volume XV)

DESCARTES, R. *Meditações*. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1973b. (Coleção Os pensadores, volume XV)

DESCARTES, R. *Discurso do método*. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1973a. (Coleção Os pensadores, volume XV)

DICKENS, C. *David Copperfield*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.

DICKENS, C. *Tempos difíceis*. São Paulo: Boitempo, 2004.

DOYLE, A. Ideologia e Competência Crítica em Informação: um olhar para movimentos de biblioteconomia crítica. *Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v. 4, n. 1, p. 25-33, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/274>. Acesso em: 17 jan. 2019.

DOYLE, A. *Competência crítica em informação nas escolas ocupadas do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Rio de Janeiro, 2017.

DUARTE, R. Sobre la recepción de la Teoría Crítica em Brasil: el caso Merquior. *Constelaciones*, n. 1, p. 36-50, nov. 2009. Disponível em: <http://constelaciones-rtc.net/article/view/689/734>. Acesso em: 11 jan. 2019.

EAGLETON, T. *Marx estava certo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

EILENBERGER, W. *Tempo de mágicos: a grande década da filosofia (1919-1929)*. São Paulo: Todavia, 2019.

ELMBORG, J. Critical information literacy: definitions and challenges. In: WILKINSON, C. W.; BRUCH, C. (orgs). *Transforming information literacy programs: intersecting frontiers of self, library culture, and campus community*. Chicago, IL: Association of College and Research Libraries, 2012.

ELMBORG, J. Critical information literacy: Implications for instructional practice. *The Journal of Academic Librarianship*, v. 32, n. 2, p. 192-199, 2006.

ÉSQUILO. *Prometeu acorrentado*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

EWEN, F. *Bertolt Brecht, sua vida, sua arte, seu tempo*. Rio de Janeiro: Globo, 1991.

FALLIS, D. Social Epistemology and Information Science. *Annual Review of Information Science and Technology*, Arizona, v. 40, n. 1, p. 475-519, 2006.

Disponível em:

<https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/aris.1440400119>.

Acesso em: 26 jul. 2021.

FARRADANE, J. The nature of information. *Journal of Information Science*, v.1, n. 1, feb. 1979. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/016555157900100103?journalCode=jisb>. Acesso em: 11 jul. 2021.

FIDELIS, M. B. *O fenômeno da informação na perspectiva dual de sociedade de Jürgen Habermas*. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2014.

FOSKET, D. J. Informática. In: GOMES, H. E. (org.). *Ciência da Informação ou Informática?* Rio de Janeiro: Calunga, 1980, p. 09-51. (Série Ciência da Informação)

FREIRE, G. H.; FREIRE, I. M. *Introdução à Ciência da Informação*. 2. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

FREIRE, G. H. Ciência da Informação: temática, histórias e fundamentos. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.11 n.1, p. 6-19, jan./abr. 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pci/a/rPpchWXW8kKL8tYQ36tJH4w/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2021.

FREITAG, B. *Habermas e a Editora Tempo Brasileiro ou a recepção de Habermas no Brasil*. *Revista Tempo Brasileiro*, v. 111, p. 87-108, 1992.

FREITAG, B. *A teoria crítica ontem e hoje*. 3. ed. São Paulo: 1990.

FROMM, E. *Ter ou ser?* 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FROMM, E. *Psicanálise da sociedade contemporânea*. 10 ed. Rio de Janeiro: Zahar,

1983.

FROMM, E. *A crise da Psicanálise: Freud, Marx e a Psicologia social*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

FROMM, E. *Meu encontro com Marx e Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

FROHMANN, B. O caráter social, material e público da informação. In: FUJITA, M. S.; MARTELETO, R. M; LARA, M. G. (Orgs.). *A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Fundepe, 2008, p. 19-34.

FUCHS, C. Towards a Critical Theory of Information. *TripleC*, Salzburgo, v. 7, n. 2, p. 243-292, 2009. Disponível em: <file:///Users/victorbarcalv/Downloads/91-Article%20Text-377-1-10-20091118.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2022.

GAGNEBIN, J. M. Walter Benjamin. *Mente, Cérebro e Filosofia*, São Paulo, p. 58-67, abr. 2008.

GAGNEBIN, J. M. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

GALEANO, E. *Fechado por motivo de futebol*. Porto Alegre: L&PM editores, 2018.

GARCIA, J. C. R. Conferências do Geórgia Institute of Technology e a Ciência da Informação: “de volta para o futuro”. *Informação & Sociedade*, João Pessoa, v. 12, n. 1, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/153>. Acesso em: 12 fev. 2021.

GARFINKEL, H. *Toward a sociological theory of information*. Boulder; Londres: Paradigm, 2008.

GATTI, L. F. Theodor W. Adorno e a indústria cultural. *Mente, Cérebro e Filosofia* (número 7 de Filosofia), São Paulo, p. 24-33, abr. 2008.

GATTI, L. F. Theodor W. Adorno: indústria cultural e crítica da cultura. In: NOBRE, M. (Org.). *Curso livre de Teoria Crítica*. Campinas, SP: Papyrus, 2008. p. 73-96.

GAUKROGER, S. *Descartes: uma biografia intelectual*. Rio de Janeiro: EDUERJ; Contraponto, 1999.

GAY, P. *Freud, uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GEORGIA INSTITUTE OF TECHNOLOGY (Estados Unidos). *Proceedings of the Conferences on Training Science Information Specialists*. Atlanta, abr. 1962.

GHIRALDELLI JR, P. *O que é dialética do Iluminismo?* 1 ed. São Paulo: Manole, 2010. (Coleção Filosofia em pílulas)

GHIRALDELLI JR, P. *História da filosofia*. São Paulo: Contexto, 2008.

GHIRALDELLI JR, P. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Manole, 2003.

GIANNOTTI, J. A. *Heidegger/Wittgenstein: confrontos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

GIDDENS, A. *Sociologia*. 6 ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GLEICK, J. *A informação: uma história, uma teoria, uma enxurrada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

GOMES, H. E. (Org.). *Ciência da Informação ou Informática?* Rio de Janeiro: Calunga, 1980, p. 09-51. (Série Ciência da Informação)

GOMES, L. B.; BOLZE, S. D. A.; BUENO, R. K.; CREPALDI, M. A. As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo. *Pensando Famílias*, v. 18, n. 2, p. 3-16, dez. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n2/v18n2a02.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2022.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. A informação no pensamento contemporâneo: aproximações à teoria do agir comunicativo de Habermas. In: BRAGA, G. M.; PINHEIRO, L. V. R. (Orgs.). *Desafios do impresso ao digital: questões contemporâneas de informação e conhecimento*. Brasília: Ibict: Unesco, 2009, p. 177-204.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 5-18, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/48314>. Acesso em: 27 ago. 2021.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. O objeto de estudo da Ciência da informação: paradoxos e desafios. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 19, n. 2, p.117-22, jul./dez. 1990. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/332/332>. Acesso em: 14 dez. 2021.

GOOGLE TRENDS. Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&q=frankfurt%20school,chicago%20school%20of%20sociology,anales%20school>. Acesso em: 13 fev. 2022.

GORTÁZAR, N. G. Bolsonaro ataca universidade pública, ciência e pensamento crítico. *El País*, São Paulo, 13 maio 2019. Disponível em: https://elpais.com/sociedad/2019/05/11/actualidad/1557603454_146732.htm
 1. Acesso em: 13 dez. 2019.

GRACIOSO, L. *Filosofia da linguagem e Ciência da Informação: jogos de linguagem e ação comunicativa no contexto das ações de informação em tecnologias virtuais*. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, 2008, 176f.

GULLAR, F. *Toda Poesia (1950-2010)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

HABERMAS, J. *Teoria do Agir Comunicativo: crítica à razão funcionalista*. São Paulo: Martins Fontes, 2012. v. 2.

HABERMAS, J. *Teoria de la Acción Comunicativa: crítica de la razón funcionalista*. Madrid: Taurus: 2001. v. 2.

HABERMAS, J. *A Lógica das Ciências Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2009. v. 1.

HABERMAS, J. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 2000.

HABERMAS, J. *Teoria de la Acción Comunicativa: racionalidad de la acción y racionalización social*. v. 1, Madrid: Taurus, 1999. v. 1.

HABERMAS, J. A ideia da universidade: processos de aprendizagem. *RBEP*, Brasília, v. 74, n. 176, p. 111-130, jan./abr. 1993. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/1217/1191>.
 Acesso em: 09 abr. 2018.

HABERMAS, J. *Técnica e ciência como ideologia*. Lisboa: Edições 70, 1987a.

HABERMAS, J. *Dialética e hermenêutica: para a crítica da hermenêutica de Gadamer*. Porto Alegre: L&PM, 1987b.

HACKER, A. Philosophy of the New Left. *New York Times*, 10 March 1968, Book Review Section.

HADDAD, F. Habermas: herdeiro de Frankfurt? *Novos Estudos CEBRAP*, v. 48, p. 67-84, 1997.

HADDAD, F. Habermas leitor de Weber. *Lua Nova*, São Paulo, v. 38, p. 147-174, 1996.

HAHN, T.; BUCKLAND, M. (Eds.) *Historical studies in information science*. Medford: Information Today, 1998.

HJØRLAND, B. Theoretical development of Information Science: a brief history. *Journal of Information Science*, jan. 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/262917289_Theoretical_development_of_information_science_A_brief_history. Acesso em: 18 abr. 2021.

HJØRLAND, B. Empiricism, rationalism and positivism in library and Information Science. *Journal of Documentation*, v. 61, n. 1, p. 130-155, feb. 2005. Disponível em: file:///Users/victorbarcalv/Downloads/Empiricism_rationalism_and_positivism_in_library_a.pdf. Acesso em: 11 ago. 2020.

HJØRLAND, B. Epistemology and the socio-cognitive perspectives in Information Science. *Journal of The American Society for Information Science (JASIS)*, New York, v. 53, n. 4, p. 257-270, 2002. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/asi.10042>. Acesso em: 15 fev. 2021.

HONNETH, A. Duas perguntas para Axel Honneth [entrevista concedida a Francisco Bosco]. *Cult*, São Paulo, p. 63-65, v. 12, n. 136, jun. 2009.

HONNETH, A. Teoria crítica. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. *Teoria social hoje*. São Paulo: Unesp, 1999.

HORKHEIMER, M. *Teoria Crítica I*. São Paulo: Perspectiva, 2015. (Coleção Estudos, 77).

HORKHEIMER, M. *Eclipse da razão*. São Paulo: Unesp, 2015.

HORKHEIMER, M. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W.; HABERMAS, J. (Orgs.). *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril cultural, 1975. (Coleção Os Pensadores)

HEGEL, G. W. F. *Princípios da filosofia do direito*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HEGEL, G. W. F. *A fenomenologia do espírito*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

HOBBES, T. *Os elementos da lei natural e política*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HOBBES, T. *Leviatã: ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

HOBSBAWM, E. J. *A era das revoluções: Europa, 1789-1848*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOBSBAWM, E. J. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- HJØRLAND, B. Empiricism, rationalism and positivism in library and Information Science. *Journal of Documentation*, v. 61, n. 1, p. 130-155, 2004.
- HJØRLAND, B. Theoretical development of Information Science: a brief history. *Journal of Information Science*, 2014.
- IANNI, O. Variações sobre arte e ciência. *Tempo Social*, v. 16, n. 1, p. 7-23, 2004.
- IANNI, O. A Sociologia e o mundo moderno. *Tempo Social*, v. 1, n. 1, p. 7-27, jan./jun., 1989.
- IANNI, O. O encantamento do mundo. *Religião e Sociedade*, v. 13, n. 1, p. 20-22, 1986.
- IBEKEWE-SANJUAN, F. The French conception of Information Science: “Une exception française”? *Journal of The American Society for Information Science and Technology* (JASIST), New York, v. 63, n. 9, p. 1693-1709, 2012. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/asi.22670>. Acesso em: 13 jan. 2022.
- INGWERSEN, P. Conceptions of Information Science. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Orgs.). *Conceptions of Library and Information Science: historical, empirical and theoretical perspectives*. London: Taylor Graham, 1992. p. 299-312.
- INTERNATIONAL SOCIETY FOR KNOWLEDGE ORGANIZATION (ISKO). Encyclopedia for Knowledge Organization. Edited by Alan Gilchrist, Birger Hjørland and Claudio Gnoli. 2019. Disponível em: <https://www.isko.org/cyclo/vickery>. Acesso em: 9 fev. 2022.
- JAY, M. *A imaginação dialética: a história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais (1923-1950)*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- JAY, M. *As ideias de Adorno*. São Paulo: Cultrix, 1988.
- JIMENEZ, M. *Para ler Adorno*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- KANT, I. *Resposta à pergunta: o que é “esclarecimento”?* São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2022.
- KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- KOOPMANN, H. "German Culture is where I am": Thomas Mann in Exile. *Studies in 20th Century Literature*, v. 7, n. 1, p. 5-20, 1982. Disponível em: <https://newprairiepress.org/cgi/viewcontent.cgi?article=1111&context=sttcl>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- KOTHE, F. *Benjamin & Adorno: confrontos*. São Paulo: Ática, 1978.

KOTHE, F. *Para ler Benjamin*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas; Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LECKIE, G.; GIVEN, L.; BUSCHMAN, J. (Eds.). *Critical theory for library and information science: exploring the social from across the disciplines*. Santa Barbara: Libraries Unlimited, 2010.

LE COADIC, Y. F. *Ciência da Informação*. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LESK, M. The Seven Ages of Information Retrieval. In: *Universal Dataflow and Telecommunications Core Programme*. Cambridge: International Federation of Library Associations and Institutions, 1996, p. 1-16. Disponível em: <https://archive.ifla.org/VI/5/op/udtop5/udt-op5.pdf>. Acesso em: 12 set. 2021.

LEVI, P. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

LEVIN, M. R. *American Marxism*. New York: Threshold Editions, 2021.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, C. R. M.; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. (Orgs.). *Discursos habermasianos*. Rio de Janeiro: IBICT, 2010.

LOYER, E. *Lévi-Strauss*. São Paulo: Edições SESC, 2018.

LÖWY, M. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses 'Sobre o conceito de história'*. São Paulo: Boitempo, 2005.

LÖWY, M. *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez, 2002.

LÖWY, M. A filosofia da história de Walter Benjamin. *Estudos Avançados*, São Paulo, n. 16, v. 45, p. 199-206, 2002. Disponível em: [//www.revistas.usp.br/eav/article/view/9877](http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9877). Acesso em: 11 fev. 2019.

LÖWY, M. Habermas e Weber. *Crítica Marxista*, São Paulo, n. 9, v. 1, p. 199-206, p. 79-86, 1999. Disponível em: [//www.revistas.usp.br/eav/article/view/9877](http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9877). Acesso em: 11 fev. 2019.

LÖWY, M.; VARIKAS, E. A crítica do progresso em Adorno. *Lua Nova*, São Paulo, n. 27, p. 201-215, dez. 1992. Disponível em: [//dx.doi.org/10.1590/S0102-64451992000300010](https://dx.doi.org/10.1590/S0102-64451992000300010). Acesso em: 11 fev. 2019.

LÖWY, M. Benjamin, Habermas e a modernidade. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 32, p. 67- 84, 1992. Disponível em: [//www.revistas.usp.br/eav/article/view/9877](http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9877). Acesso em: 11 fev. 2019.

MAAR, W. L. Notas sobre la Teoria Crítica em Brasil. *Revista Internacional de Filosofia Política*, Barcelona, n. 26, p. 45-51, 2005. Disponível em: [//www.revistas.usp.br/eav/article/view/9877](http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9877). Acesso em: 11 fev. 2019.

MARCUSE, H. *O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial*. São Paulo: Edipro, 2015.

MARCUSE, H. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

MARCUSE, H. *A ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MARIM, L. Psicanálise e emancipação na Teoria Crítica. In: NOBRE, M. (Org.). *Curso livre de Teoria Crítica*. Campinas, SP: Papirus, 2008. p. 227-250.

MARTELETO, R. Prefácio. In: BEZERRA, A. C; SCHNEIDER, M.; PIMENTA, R. P.; SALDANHA, G. S. *iKritika: estudos críticos em informação*. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

MARTINEZ, P. Fernand Braudel e a primeira geração de historiadores universitários da USP (1935-1956). *Revista de História*, São Paulo, v. 146, p. 11-27, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18929/20992>. Acesso em: 11 jan. 2021.

MARX, K. *Manuscritos Econômico-filosóficos de 1844*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K. *O Capital*. Livro I, v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MARX, K. *O Capital*. Livro I, v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MARX, K. *Para a Crítica da Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

MATOS, O. C. F. *Os arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MATOS, O. C. F. *Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo*. São Paulo: Moderna, 1993.

MCCARTHY, T. *La Teoria Crítica de Jürgen Habermas*. Madrid: Tecnos, 1992.

MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1964.

MEDEIROS, J. W. M. *A racionalidade comunicativa como ágora de processos educativos emancipatórios*. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2008.

MEDEIROS, J. W. M.; FIDELIS, M. B. “Cartadas do Jogo Informacional”: a perspectiva dual da informação como matriz do mundo sistêmico e do mundo vivido. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v.23, n.1, p. 133-144, jan./abr. 2013. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/15798/9537>. Acesso em: 09 abr. 2018.

MERQUIOR, J. G. *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

MIKHAILOV, A. I.; CHERNYI, A. I.; GILYAREVSKYI, R. S. Estrutura e principais propriedades da informação científica. In: GOMES, H. E. (org.). *Ciência da Informação ou Informática?* Rio de Janeiro: Calunga, 1980, p. 70-89.

MIKHAILOV, A. I. Informatics: its scope and methods. In: *Anais FID. On theoretical problems of Informatics*. Moscow: FID/RI, VINITI, 1969. (FID 435).

MIKHAILOV, A.; CHERNYI, A. I.; GILYAREVSKYI, R. S. Informatic – a new name for theory of scientific information. *Nauko-Tekhnicheskaya Informatsiya*, n. 12, 1966.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MOOERS, C. N. Zatocoding applied to mechanical organization of knowledge. *American Documentation*, New York, v. 2, n. 1, p. 20-32, 1951. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/asi.5090020107>. Acesso em: 10 mai. 2022.

MORIN, E. *A via para o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MOSTAFA, S. *Epistemologia da Biblioteconomia*. 1985. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 1985.

MÜLLER-DOOHM, S. *Habermas: a biography*. Cambridge: Polity Press, 2016.

NATIONAL RESEARCH COUNCIL (Estados Unidos). *Proceedings of the International Conference on Scientific Information: Two Volumes*. Washington, nov. 1959. Disponível em: <https://doi.org/10.17226/10866>. Acesso em: 19 jun. 2022.

NATIONAL AERONAUTICS AND SPACE ADMINISTRATION (NASA) (Estados Unidos). Viking I. Disponível em: <https://www.nasa.gov/50th/favpic/viking1.html>. Acesso em: 10 ago. 2022. <https://www.youtube.com/watch?v=S9HdPi9Ikhk>

NEGROPONTE, N. *A vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NEWTON, I. Carta de Isaac Newton a Robert Hooke em 5 de fevereiro de 1675. *Biblioteca Digital da Sociedade de História do Estado da Pensilvânia* (Estados Unidos). Disponível em: <https://digitallibrary.hsp.org/index.php/Detail/objects/9792>. Acesso em: 13 de fev. 2022.

NIETZSCHE, F. *Fragments póstumos* (vol. IV). Madrid: Tecnos, 2006.

NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NOBRE, M.; JANUÁRIO, A.; CONCLI, R.; YAMAWAKE, P. Os modelos críticos de Max Horkheimer. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 96, n. 1, p. 153-163, jul. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/nec/n96/a11n96.pdf>. Acesso em 10 fev. 2021.

NOBRE, M. Max Horkheimer: a Teoria Crítica entre o nazismo e o capitalismo tardio. In: NOBRE, M. (Org.). *Curso livre de Teoria Crítica*. Campinas, SP: Papirus, 2008. p. 35-52.

NOBRE, M. Marx: teoria do valor-trabalho e fetichismo. In: NOBRE, M. (Org.). *Curso livre de Teoria Crítica*. Campinas, SP: Papirus, 2008. p. 280-285.

NOBRE, M. Weber: racionalização e desencantamento do mundo. In: NOBRE, M. (Org.). *Curso livre de Teoria Crítica*. Campinas, SP: Papirus, 2008. p. 286-290.

NOBRE, M. *A Teoria Crítica*. São Paulo: Zahar Editores, 2004. (Coleção Filosofia Passo-a- Passo; 47).

NOLETO, M. Precisamos de ‘mentes críticas em tempos críticos’, diz diretora da Unesco [entrevista concedida a Naief Haddad]. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 30 abr. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/04/precisamos-de-mentes-criticas-em-tempos-criticos-diz-diretora-da-unesco.shtml>. Acesso em: 02 jan. 2022.

ONG, W. J. *Orality and Literacy: the technologizing of the word*. Londres: Methuen, 1982.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). *Jornalismo, Fake News & Desinformação: manual para Educação e Treinamento em Jornalismo*/POSETTI, J.; IRETON, C.; WARDLE, C.; DERA KHSHAN, H; MATTHEWS, A.; ABU-FADIL, M.; TREWINNARD, T.; BELL, F.; MANTZARLIS, A. Brasília: UNESCO, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647>. Acesso em: 18 jul. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). *Alfabetização Midiática e Informacional: currículo para formação de professores*/WILSON, C.; GRIZZLE, A.; TUAZON, R.; AKYEMPONG, K.; CHEUNG, C-K. Brasília: UNESCO, UFMT, 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000220418>. Acesso em: 15 jul. 2022.

ORTEGA Y GASSET, J. *Meditaciones del Quijote*. In: *Obras completas de José Ortega y Gasset*. Madrid: Revista de Occidente, 1966.

ORTIZ, R. A Escola de Frankfurt e a questão da cultura. *Sociologia em Rede*, v. 6, n. 6, p. 203-242, 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9877>. Acesso em: 11 fev. 2019.

OUELBANI, M. *O Círculo de Viena*. São Paulo: Parábola, 2009.

OXLEY, H. Spins a Web of Science. *Database*, v. 21, n. 2, apr./may 1998. Disponível em: <http://www.onlineinc.com/database/awards/award3.html>. Acesso em: 12 jun. 2022.

OZ, A. *Do que é feita a maçã: seis conversas sobre amor, culpa e outros prazeres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PALHARES, T. Walter Benjamin: teoria da arte e reprodutibilidade técnica. In: NOBRE, M. (Org.). *Curso livre de Teoria Crítica*. Campinas, SP: Papirus, 2008. p. 21-34.

PALHARES, T. Benjamin: experiência e vivência. *Mente, Cérebro e Filosofia* (número 7 de Filosofia), São Paulo, p. 76-82, abr. 2008.

PESSOA, F. *Poesia completa de Alberto Caeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PESSOA, F. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

PHILLIPS, G. D. *Some like it Wilder: the life and controversial films of Billy Wilder*.

Lexington: The University Press of Kentucky, 2010.

PIERUCCI, A. F. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito*. São Paulo: Editora 34, 2003.

PINHEIRO, L. V. R. *Ciência da Informação: desdobramentos disciplinares, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade*. Rio de Janeiro: UFF, 2000.
Disponível em:
<https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/18/1/Pinheirodesdobramentos.pdf>
Acesso em: 11 ago. 2021.

PINZANI, A. *Habermas*. Porto Alegre: Penso, 2009.

PINZANI, A.; LIMA, C. R. M.; DUTRA, D. J. V. (Orgs.). *O pensamento vivo de Habermas: uma visão interdisciplinar*. Florianópolis: NEFIPO, 2009.

POPPER, K. Zur Logik der Sozialwissenschaften. *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, n. 14, v. 2, (1962), p. 233-248.

PRATER, D. *Thomas Mann, uma biografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PRESSLER, G. K. *Benjamin, Brasil: a recepção de Walter Benjamin, de 1960 a 2005 – um estudo sobre a formação da intelectualidade brasileira*. São Paulo: Annablume, 2006.

RAYWARD, W. B. The Origins of Information Science and the International Institute of Bibliography/International Federation for Information and Documentation (FID). *Journal of the American Society for Information Science (JASIS)*, New York, v. 48, n. 4, p. 289-300, 1997. Disponível em:
<http://people.lis.illinois.edu/~wrayward/OriginsofInfoScience.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2021.

REIS, J. C. *Escola dos Annales: a inovação em História*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

RENDÓN ROJAS, M. A. La ciencia de la información en el contexto de las ciencias sociales y humanas: ontología, epistemología, metodología e interdisciplina. *DataGramaZero*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, ago. 2008. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/51091>. Acesso em: 25 set. 2019.

REPA, L. Max Horkheimer. *Mente, Cérebro e Filosofia* (número 7 de Filosofia), São Paulo, p. 6-15, abr. 2008.

REPA, L. A crise da Teoria Crítica. *Mente, Cérebro e Filosofia* (número 7 de Filosofia), São Paulo, p. 16-23, abr. 2008.

REPA, L. Jürgen Habermas e o modelo reconstrutivo de Teoria Crítica. In:

- NOBRE, M. (Org.). *Curso livre de Teoria Crítica*. Campinas, SP: Papirus, 2008. p. 161-182.
- RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- ROBERTS, N. Social considerations towards a definition of Information Science. *Journal of Documentation*, v. 32, n. 4, apr. 1976. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/eb026627/full/html>. Acesso em: 23 abr. 2021.
- ROBREDO, J. *Da Ciência da Informação revisitada aos sistemas humanos de informação*. Brasília: Thesaurus; SSRR Informações, 2003.
- RODRIGUEZ, J. R. Erich Fromm. *Mente, Cérebro e Filosofia* (número 7 de Filosofia), São Paulo, p. 50-57, abr. 2008.
- RODRIGUEZ, J. R. Franz Neumann: o direito liberal para além de si mesmo. In: NOBRE, M. (Org.). *Curso livre de Teoria Crítica*. Campinas, SP: Papirus, 2008. p. 97-116.
- RODRIGUEZ, J. R.; RUGITSKY, F. Friedrich Pollock e Franz Neumann. In: NOBRE, M. (Org.). *Curso livre de Teoria Crítica*. Campinas: Papirus, 2008. p. 271-276.
- ROSA, J. G. *Grande Sertão: Veredas*. 22 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ROSA, J. G. *Discurso de posse de João Guimarães Rosa na Academia Brasileira de Letras (ABL)*. Rio de Janeiro: ABL, 1967. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/joao-guimaraes-rosa/discurso-de-posse>. Acesso em: 20 dez. 2020.
- ROUANET, S. P. *Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin*. Tempo Brasileiro, 1990.
- ROUANET, S. P. *Teoria Crítica e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: UFCE, 1983.
- RUGITSKY, F. Friedrich Pollock: limites e possibilidades. In: NOBRE, M. (Org.). *Curso livre de Teoria Crítica*. Campinas, SP: Papirus, 2008. p. 53-72.
- RUSH, F. *Teoria Crítica*. São Paulo: Ideias & Letras, 2008.
- RUSSEL, B.; EINSTEIN, A. Manifesto Russel-Einstein. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura: Unesdoc Digital Library, 1976. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf00000017290>. Acesso em: 12 ago. 2022.

SÁ, V. M. A dimensão técnica do homem. *O Tempo e o Modo*, v. 34/35, v. 1, p. 123-143, jan./fev. 1966. Disponível em: https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/o-tempo-e-o-modo/in-issue/iss_0000001732/125. Acesso em: 11 de ago. 2022.

SALDANHA, G. *Ciência da Informação: crítica epistemológica e historiográfica*. Rio de Janeiro: IBICT, 2020.

SALDANHA, G. Sem e cem teorias críticas: autorretrato da teoria social e o método da crítica nos estudos informacionais, uma bibliografia benjaminiana aberta. In: *iKritika: estudos críticos em informação*; BEZERRA, A. C.; Schneider, M.; PIMENTA, R. M.; SALDANHA, G. S. Rio de Janeiro: Garamond, 2019, p. 171-240.

SALDANHA, G. *Viagem aos becos e travessas da tradição pragmática da Ciência da Informação: uma leitura em diálogo com Wittgenstein*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2008.

SANTAREM SEGUNDO, J. E.; SILVA, M. R.; MOSTAFA, S. P. (Orgs.). *Os Pensadores e a Ciência da Informação*. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.

SANTOS JUNIOR, R. L.; PINHEIRO, L. V. R. A abordagem teórica de A. I. Mikhailov sobre o termo informação científica. *RDBCI*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 27-45, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1955/2076>. Acesso em: 7 jul. 2022.

SARACEVIC, T. *Ciência da Informação: origem, evolução e relações. Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22308/17916>. Acesso em: 13 nov. 2021.

SARACEVIC, T. A natureza interdisciplinar da Ciência da Informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 1, p. 34-41, 1995. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/608/610>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SARACEVIC, T. Relevance: a review of an a framework for the thinking on the notion in Information Science. *Journal of the American Society for Information Science (JASIS)*, New York, v. 26, n. 6, p. 321- 343, nov./dec., 1975. Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.4630260604>. Acesso em: 14 abr. 2021.

SCHMITZ, F. *O Círculo de Viena*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2019.

SCHNEIDER, M. Competência crítica em informação (em 7 níveis) como dispositivo de combate à pós-verdade. In: BEZERRA, A. C; SCHNEIDER, M.;

PIMENTA, R. P.; SALDANHA, G. S. (orgs.). *iKritika: estudos críticos em informação*. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

SCOPUS. Disponível em: <https://www-scopus.ez121.periodicos.capes.gov.br/search/form.uri?display=basic#basic>. Acesso em: 13 fev. 2022.

SHANNON, C.; WEAVER, W. *The Mathematical Theory of Communication*. Chicago: London: The University Press, 1949.

SHERA, J. Sobre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. In: GOMES, H. E. (Orgs.). *Ciência da Informação ou Informática?* Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 91-105.

SHERA, J.; CLEVELAND, D. History and foundations of information science. *Annual Review of Information Science and Technology*, v. 12, p. 249-275, 1977.

SHERA, J. The sociological relationships of information science. *Journal of the American Society for Information Science*, v.22, p.76-80, apr. 1971.

SIMMONS, M. H. Librarians as disciplinary discourse mediators: using genre theory to move toward critical information literacy. *Libraries and the Academy*, Baltimore, v. 5, n. 3, p. 297-311, 2005.

SLATER, P. *Origem e significado da Escola de Frankfurt*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SMITH, L. C. Interdisciplinarity: approaches to understanding library and information science as an interdisciplinary field. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Orgs.). *Conceptions of library and information science: historical, empirical and theoretical perspectives*. London: Taylor Graham, 1992. p. 253-267.

SORIA, A. C. S. Dialética do esclarecimento. *Mente, Cérebro e Filosofia*, Rio de Janeiro, p. 34- 41, n. 8, abr. 2008.

SOUZA, E. D. Configurações do campo da Ciência da Informação: pluralismo epistemológico e descentração interdisciplinar. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v. 5, n. 1, p. 1-22, 2012. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/261/261>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SOUZA, E. D. *A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar*. 2011. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2011.

SOUZA, J. Ambivalência moral e política do mundo moderno. *Cult*, São Paulo, p. 60-62, v. 12, n. 136, jun. 2009.

SPECTER, M. *Habermas: an intellectual biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

TAYLOR, R. Professional aspects of information and technology. *Annual Review Information Science and Technology*, v. 1, p. 15-40, 1966.

TAYLOR, R. The information sciences. *Library Journal*, v. 88, p. 4161-4162, 1963.

TERRA, R. Herbert Marcuse: os limites do paradigma da revolução: ciência, técnica e movimentos sociais. In: NOBRE, M. (Org.). *Curso livre de Teoria Crítica*. Campinas, SP: Papirus, 2008, p. 137-160.

TEWELL, E. A decade of critical information literacy: A review of the literature. *Communications in Information Literacy*, v. 9, n. 1, p. 24-43, 2015.

THE NEW YORK TIMES (Estados Unidos). Books Best-sellers 2021. *The New York Times*, 05 sep. 2021. Hardcover Nonfiction; Combined Print & E-Book Nonfiction. Disponível em: <https://www.nytimes.com/books/best-sellers/2021/09/12/hardcover-nonfiction/>; <https://www.nytimes.com/books/best-sellers/2021/09/05/combined-print-and-e-book-nonfiction/>. Acesso em: 11 ago. 2022.

THE NEW YORK TIMES (Estados Unidos). I. B. M. To Put Out New 'Think' Unit; 4 More Electronic Devices Produced To Increase Industry Automation. *The New York Times*, 14 sep. 1956. Disponível em: https://www.nytimes.com/1956/09/14/archives/i-b-m-to-put-out-new-think-units-4-more-electronic-devices-produced.html?url=http%3A%2F%2Ftimesmachine.nytimes.com%2Ftimesmachine%2F1956%2F09%2F14%2F84711681.html%3Fpdf_redirect%3Dtrue&site=false. Acesso em: 10 ago. 2022.

THE NOBEL PRIZE (Suécia). *The Nobel Prize in Physics 1956*. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/lists/all-nobel-prizes-in-physics/>. Acesso em: 11 abr. 2022.

THE WALL STREET JOURNAL (Estados Unidos). Books Best Sellers 2021. *The Wall Street Journal*, 9 sep. 2021. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/bestselling-books-week-ended-september-4-11631216286>. Acesso em: 11 abr. 2022.

TIME (Estados Unidos). Vannevar Bush General of Physics. *Time*, 3 apr. 1944, v. 43, n. 14. Disponível em: <https://content.time.com/time/covers/0,16641,19440403,00.html>. Acesso em: 12 de mar. 2022.

TOUTAIN, L. M. B. B. (Org.). *Para entender a Ciência da Informação*. Salvador: EDUFBA, 2007.

VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Orgs.). *Conceptions of library and information science: historical, empirical and theoretical perspectives*. London: Taylor Graham, 1992.

VERNANT, J. P. *O universo, os deuses, os homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WEB OF SCIENCE (WoF). Disponível em: <https://www-webofscience.ez121.periodicos.capes.gov.br/wos/woscc/basic-search>. Acesso em: 13 fev. 2022.

WEBER, M. *A "objetividade" do conhecimento nas ciências sociais*. São Paulo: Ática, 2002.

WERLE, L.; MELO, R. Reconhecimento e justiça na Teoria Crítica da sociedade de Axel Honneth. In: NOBRE, M. (Org.). *Curso livre de Teoria Crítica*. Campinas: Papirus, 2008, p. 183-198.

WERSIG, G. Towards information science in the Federal Republic of Germany. *Journal of Information Science*, v. 2, n. 3-4, p. 193-195, 1980. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/016555158000200310>. Acesso em: 15 mai. 2021.

WERSIG, G.; NEVELING, U. The phenomena of interest to Information Science. *The Information Scientist*, v. 9, n. 4, 1975. Disponível em: <https://sigir.org/files/museum/pub-13/18.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2021.

WIENER, N. *Cybernetics or control and communication in the animal and the machine*. New York: John Wiley, 1948.

WIGGERSHAUS, R. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

Apêndice(s)

Apêndice A - Ecos da Teoria Crítica de Frankfurt em Ciência da Informação (2001-2022): teóricos, teorias e modelos críticos nos estudos informacionais a partir de uma literatura crítica aberta*

De partida, convém ressaltar que o modelo de apêndice em tela se inspira fundamentalmente no modelo de apêndice construído por Saldanha (2019).

Com base em fontes recuperadas junto à Brapci (2022), se vê e se lê um amplo quadro de teóricos, teorias e modelos críticos identificados com a Teoria Crítica/Escola de Frankfurt. Uns mais inclinados a teóricos como Horkheimer, alguns mais próximos a Habermas, outros mais inclinados a Honneth, e assim por diante. Encontramos ainda um amplo quadro de temas, abordagens e conceitos identificados com a Teoria Crítica/Escola de Frankfurt. De um lado, conceitos de *indústria cultural*, de *técnica* e de *ciência*, de outro, temas/conceitos/abordagens de *emancipação social* e da *ideologia*, entre outros.

Como toda lista, *corpus*, compilação de fontes, esta é ambiciosa e breve, finita e aberta. Em tempo algum definitiva ou mesmo absoluta, totalizante ou postulante a esgotar o tema. Em tudo se reconhece como finita, provisória e aproximada, consciente de seu próprio lugar no momento, espaço e tempo, social, histórico e epistemológico.

1. AGANETTE, E. C.; TEIXEIRA, L. M. D. Da fundamentação ontológica à representação de processos clínicos: uma abordagem teórica. *Informação & Informação*, n. 2, v. 24, p. 234-262, 2019.
2. AGANETTE, E. C.; TEIXEIRA, L. M. D.; AGANETTE, K. J. P. Modelagem de processos em empresa do setor de saúde pública: i-CISMEP, um relato de caso. *Ágora*, n. 56, v. 28, p. 92-110, 2018.
3. ALENTEJO, E. S. Elementos da Gestão da Informação para implantação da Gestão da Qualidade em bibliotecas. *BIBLOS*, n. 2, v. 26, p. 67-104, 2012.

*Literatura compilada junto à BRAPCI em 08/11/2022. Total: 205 trabalhos (BRAPCI, 2022).

4. ALMEIDA, G. M. R.; MELLO, J. G. A estética como ato político: entrevista com Josep Maria Català Domenech. *Em Questão*, n. 2, v. 18, p. 15-24, 2012.
5. ALMEIDA, M. A. Entrevista Waldomiro de Castro Santos Vergueiro. *InCID*, n. 2, v. 6 n. 2, p. 170-183, 2015.
6. ALMEIDA, M. A. A gaiola de chips: apontamentos sobre tecnologia, sociabilidade e cultura na sociedade da informação. *Em Questão*, n. 1, v. 11, p. 13-34, 2005.
7. ALMEIDA, M. B.; TEIXEIRA, L. M. D. Revisitando os fundamentos da classificação: uma análise crítica sobre teorias do passado e do presente. *Perspectivas em Ciência da Informação*, n. Especial, v. 25, p. 28-56, 2020.
8. ALMEIDA, M. B.; EMYGDIO, J. L. Uma investigação teórica sobre relações semânticas partitivas e sua aplicação em sistemas de organização do conhecimento. *Informação & Informação*, n. 2, v. 24, p. 31-37, 2019.
9. ALVARENGA, L.; SILVA, D. L. Organização e representação do conhecimento na Ciência da Informação: revisão da literatura. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, n. 1, v. 3, 2010.
10. AMARAL, S. F.; BARATTI, L. O.; BATACA, D. M.; FRANCO, J. H. A.; RIOS, J. M. M.; LAMAS, A. C. Serviço de apoio a distância ao professor em sala de aula pela TV digital interativa. *Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação*, n. 1, v. 2, p. 53-70, 2004.
11. ARAUJO, A. N.; SANTOS, C. A. C. M. A contribuição da indexação no processo de seleção de palavras-chave para o Google Adwords. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 13, p. 109-114, 2017.
12. ARAUJO, A. V. F. De indicibus librorum e a arte de indicialização em Conrad Gesner (Parte II): ilustração e aplicação. *Em Questão*, v. 25, p. 137-158, 2019.
13. ARAUJO, A. V. F. De indicibus librorum e a arte da indicialização em Conrad Gesner (Parte I): contexto e princípios. *Informação & Informação*, n. 2, v. 23, p. 14-37, 2018.
14. ARAUJO, A. V. F. Os 500 anos do pai da Bibliografia: da celebração ao gesto bibliográfico de Conrad Gesner (2016-1516). *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 22, p. 65-95, 2017.
15. ARAUJO, C. A. A. O pensamento crítico na Arquivologia, na Biblioteconomia e na Museologia. *InCID*, n. 1, v. 5 n. 1, p. 27-46, 2014b.

16. ARAUJO, C. A. A. Fundamentos da Ciência da Informação: correntes teóricas e o conceito de informação. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, n. 1, v. 4, p. 57-79, 2014a.
17. ARAUJO, W. J.; LIMA, G. A. B. O. Em busca de uma metodologia para enriquecimento de ontologias de domínio. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, n. 2, v. 9 No. 2, 2019.
18. ARBOIT, A. E.; BUFREM, L. S.; FREITAS, J. L. Configuração epistemológica da Ciência da Informação na literatura periódica brasileira por meio de análise de citações (1972-2008). *Perspectivas em Ciência da Informação*, n. 1, v. 15, p. 18-43, 2010.
19. ASSUNÇÃO, R. V.; REIS, C. A. M. O futuro das bibliotecas pós-Google Books. *DataGramaZero*, n. 6, v. 13, 2012.
20. ATEM, G. N. Mídia e individuação semioestética. *Em Questão*, n. 2, v. 16, p. 135-147, 2010.
21. BACHA, M. L.; FIGUEIREDO NETO, C. É só sucesso! O rádio e o consumidor de baixa renda. *Comunicação & Informação*, n. 1, v. 16, p. 67-81, 2013.
22. BARROS, C. T. G. Distribuição de conteúdo audiovisual: configurações de fronteiras em escala mundial. *Comunicação & Informação*, n. 2, v. 11, p. 197-207, 2008.
23. BELINSKI, R.; MARTINS, J. Interface gestão do conhecimento e aprendizagem organizacional: uma revisão de literatura. *Revista P2P e INOVAÇÃO*, v. 6, p. 24-37, 2020.
24. BERNARDO, C. G.; GOTTSCHALG-DUQUE, C.; ORLANDI, T. R. C.; MORI, A.; DUQUE, C. G. Classificação de jogos eletrônicos como tecnologia assistiva para pessoas com deficiência visual. *Informação & Informação*, n. 1, v. 25, p. 141-170, 2020.
25. BERRÍO-ZAPATA, C.; VALENTIM, M. L. P.; SANTANA, R. C. G.; HUMANA, I. D. H. O discurso iluminista da exclusão digital: crítica do Mundaneum Informático Pós-Fordista de Knoxville, Tennessee. *Informação & Sociedade: Estudos*, n. 1, v. 25, p. 100, 2015.
26. BERTI JUNIOR, D. W.; SOERGEL, D.; LIMA, G. B.; MACULAN, B. C. M. S. Semiautomatização de relações em tesouros: uma proposta para o refinamento de relacionamentos semânticos a partir do tesouro Agrovoc. *Informação & Informação*, n. 3, v. 22, p. 377-404, 2017.
27. BEZERRA, A. C. Da teoria matemática para uma proposta de teoria crítica da informação: a integração dos conceitos de regime de informação e

competência crítica em informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, n. 3, v. 25, p. 182-201, 2020.

28. BEZERRA, A. C.; BELONI, A. Os sentidos da “crítica” nos estudos de competência em informação. *Em Questão*, n. 2, v. 25, p. 208-228, 2019.

29. BLATTMANN, U. Visita a bibliotecas na Alemanha. *Revista ACB*, n. 2, v. 10, p. 269-294, 2005.

30. BOCCATO, V. R. C.; FUJITA, M. S. L. O uso de linguagem documentária em catálogos coletivos de bibliotecas universitárias: um estudo de avaliação sociocognitiva com protocolo verbal. *Perspectivas em Ciência da Informação*, n. 3, v. 15, p. 23-51, 2010.

31. BOCCATO, V. R. C.; FUJITA, M. S. L. Avaliação da linguagem documentária decs na área de fonoaudiologia na perspectiva do usuário: estudo de observação da recuperação da informação com protocolo verbal. *Encontros Bibli*, n. 21, v. 11, p. 16-33, 2006.

32. BOLAÑO, C. R. S. Organização em rede, capital e a regulação mercantil do elo social. *Liinc em revista*, n. 1, v. 12, 2016.

33. BORTOLIN, S.; LOPES, F. C. A percepção de pesquisadores da Ciência da Informação quanto aos conceitos de mediação. *Revista Interamericana de Bibliotecología*, n. 2, v. 39, p. 121-132, 2016.

34. BREEN, M. Informação não é conhecimento: teorizando a economia política da virtualidade. *Perspectivas em Ciência da Informação*, n. 2, v. 6, 2001.

35. BRITTO, A. C. L.; CORRADI, A; LAGE, D. G. R. C. Teoria do reconhecimento de Axel Honneth: razões para preservar arquivos pessoais. *Ágora*, n. 58, v. 29, p. 1-18, 2019.

36. BUAINAIN, A. M.; MENDES, C. I. C.; SILVA, A. B. O.; CARVALHO, S. M. P. Indústria criativa: direitos de autor e acesso à cultura. *Liinc em revista*, n. 2, v. 7, 2011.

37. BUFREM, L. S.; SILVA, F. M.; SOBRAL, N. V. Análise das influências intelectuais na produção científica da área de Ciência da Informação: um estudo sobre os bolsistas de produtividade em pesquisa (PQ-CNPq). *Em Questão*, v. 23, p. 115-141, 2017.

38. BUFREM, L. S. Informação, conhecimento e verdade: discussões contemporâneas. *Brazilian Journal of Information Science*, n. 2, v. 10 No 2, 2016.

39. BUFREM, L. S.; SORRIBAS, T. V. Mediação e convergência em bibliotecas acadêmicas: saberes e práticas culturais. *Encontros Bibli*, n. 25, v. 13, p. 68-83, 2008.

40. CAETANO, K. Impregnações tecnoestéticas na vida cotidiana: inconsciente óptico, filosofia da caixa preta, artealização e everywhere. *Em Questão*, n. 1, v. 18, p. 247-264, 2012.
41. CAJUR - *Caderno de Informações Jurídicas*, n. 1, v. 1, 2014.
42. CALEIRO, M. M. O lugar da psicanálise nos escritos cinematográficos de Kracauer: da “massa” ao espectador. *Em Questão*, n. 1, v. 16, p. 131-145, 2010.
43. CAMARGO, S. Trabalho imaterial, cultura e dominação. *Liinc em revista*, n. 1, v. 6, 2010.
44. CAMILLO, E. S.; OTA, A. S.; CASTRO, F. G.; SCHIAVINOTO, R. A.; ANDRADE, R. A. Organização do Conhecimento: Henry Evelyn Bliss e sua terminologia refletidos na Knowledge Organization Journal. *Biblionline*, n. 4, v. 12, p. 2-11, 2016.
45. CAMINHAS, L. R. P.; LELO, T. V. Identificação e reconhecimento: pela apreensão das lutas sociais nos processos de interação e nos dispositivos midiáticos. *Comunicação & Informação*, n. 1, v. 17, p. 95-110, 2014.
46. CAMPOS, M. L. A.; CAMPOS, L. M.; MEDEIROS, J. S. Representação de Domínios de Conhecimento e uma Teoria de Representação: a ontologia de fundamentação. *Informação & Informação*, n. 2, v. 16, p. 140-164, 2011.
47. CAPURRO, R. Ensayo autobiográfico en diálogo con Prof. Rafael Capurro. *Perspectivas em Ciência da Informação*, n. 3, v. 15, p. 255-272, 2010.
48. CAPURRO, R. Gestão do conhecimento cético. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, n. 1, v. 1, p. 4-14, 2011.
49. CARDOSO, C. F. Mudanças de rumo na metodologia dos estudos sociais. *DataGramaZero*, n. 5, v. 5, 2004.
50. CARVALHO, L. A.; CRIPPA, G. Ciência da informação: histórico, delimitação do campo e a sua perspectiva sobre a área da comunicação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, n. 4, v. 18, p. 241-251, 2013.
51. CASSIANO, G.; GÓES, C. B.; NEVES, B. C. As tecnologias digitais no contexto educacional para a autonomia dos sujeitos. *Revista Fontes Documentais*, n. 3, v. 2 n. 3, p. 43-58, 2019.
52. CASTELLANO, M. “É bom porque é ruim!” Considerações sobre produção e consumo de cultura trash no Brasil. *Em Questão*, n. 2, v. 16, p. 283-296, 2010.
53. CAVALCANTE, A. V. B.; BUFREM, L. S.; CÔRTEZ, G. R. A Escola de Frankfurt e a Ciência da Informação. *Logeion*, n. 2, v. 6, p. 40-60, 2020.

54. CERVANTES, B. M. N.; SUENAGA, C. M. K.; RODRIGUES, M. R. Os conceitos no tratamento da informação arquivística: unidade basilar para a compreensão do conteúdo documental. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 22, p. 131-151, 2017.
55. CESARINO, M. A. N.; MOURA, M. A. Entrevista com a Professora Maria Augusta da Nóbrega Cesarino. *Perspectivas em Ciência da Informação*, n. Especial, p. 64-85, 2009.
56. CIRINO, J. A. F.; TUZZO, S. A.; TEMER, A. C. R. P. Teoria crítica social para leitura crítica da mídia. *Comunicação & Informação*, n. 2, v. 17, p. 155-172, 2014.
57. COELHO, K. C.; ALMEIDA, M. B. Aquisição de conhecimento para construção de ontologias: uma proposta de roteiro metodológico aplicado ao contexto da hematologia. *Encontros Bibli*, n. 35, v. 17, p. 47-74, 2012.
58. CONDÉ, M. L. L. A sociedade do conhecimento e o humanismo. *Liinc em revista*, n. 2, v. 11, 2015.
59. CONDURU, R. Negrume multicolor: arte, África e Brasil para além de raça e etnia. *Acervo*, n. 2, v. 22, p. 29-44, 2009.
60. COSTA, A. F.; LIMA, E. B. A representação do arquivista em obras de ficção: perspectivas do profissional sob o olhar do cinema e da televisão. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, n. 1, v. 2, p. 103-119, 2012.
61. DAGNINO, R. P. Conversa com um engenheiro que esteve em Cuba (ou uma reflexão sobre as dificuldades cognitivas para conceber a política universitária e de C&T a partir do contexto sócio-econômico). *DataGramaZero*, n. 1, v. 7, 2006.
62. DAGNINO, R. P. Enfoques sobre a relação ciência, tecnologia e sociedade: neutralidade e determinismo. *DataGramaZero*, n. 6, v. 3, 2002.
63. DAL'EVEDOVE, P. R.; FUJITA, M. S. L. Teoria e prática em catalogação de assunto: a sistematicidade do processo em contexto de bibliotecas universitárias pela perspectiva profissional. *Perspectivas em Ciência da Informação*, n. 4, v. 17, p. 123-141, 2012.
64. DANTAS, M. Nas pegadas da TV digital: como e por que o capital reinventou a televisão. *Liinc em revista*, n. 2, v. 3, 2007.
65. DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo? *Prisma.com*, n. 4, p. 4-37, 2007.

66. DEMO, P. Coisas velhas em coisas novas: novas “velhas tecnologias”. *Ciência da Informação*, n. 1, v. 39, 2010.
67. DIAS, R. H. A. O fascínio pelos mistérios da ciência: análise de textos de jornalismo científico em um portal de notícias. *Comunicação & Informação*, v. 22, 2019.
68. DODEBEL, V. L. Novos meios de memória: livros e leitura na época dos weblogs. *Encontros Bibli*, n. esp. 1. sem., p. 129-143, 2009.
69. DOYLE, A. Ideologia e Competência Crítica em Informação: um olhar para movimentos de biblioteconomia crítica. *Revista Folha de Rostto*, n. 1, v. 4, p. 25-33, 2018.
70. DUPRET, L. M.; STRUCHINER, M. Concepções de currículo, saúde e tecnologia de professores do ensino fundamental e sua influência nas práticas educativas. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, n. 4, v. 9, 2015.
71. EUFRAUSINO, C. C. V. Participação política e debate político-filosófico na era da cultura da virtualidade real: um estudo de caso nos quadrinhos de super-heróis. *Comunicação & Informação*, n. 1, v. 8, p. 93-100, 2005.
72. FEITOZA, R. A. B.; DUARTE, E. N. Cenários do termo organização do conhecimento na Ciência da Informação: um estudo com suas aplicações na teoria e na prática. *Revista ACB*, n. 1, v. 25, p. 157-175, 2020.
73. FELIPE, A. A. C. Reflexões sobre as mudanças sociais motivadas pelo desenvolvimento tecnológico: a necessidade de instituir uma reflexão ética na utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). *Biblionline*, n. 2, v. 8, 2012.
74. FERNANDES, J. H. C. Os domínios de poder e a formulação de políticas públicas de informação e comunicação. *Ciência da Informação*, n. 2, v. 42, 2013.
75. FERREIRA, A. C.; MACULAN, B. C. M. S. Fundamentos teórico-conceituais aplicáveis à revisão e à atualização de tesouros. *Ciência da Informação em Revista*, n. 1, v. 7, p. 46-70, 2020.
76. FERREIRA, A. C.; MACULAN, B. C. M. S.; ALMEIDA, J. F. V. R. Fundamentos teóricos da representação temática da informação jurídica. *CAJUR*, n. 1, v. 4, 2017.
77. FIGUEIREDO, C. Telas, teletas e filmes sensíveis. *Comunicação & Informação*, n. 2, v. 10, p. 78-87, 2007.

78. FIGUEIREDO, R. M. C.; BREMER, C. F.; MALDONADO, J. C. Evolução dos modelos de outsourcing: o estado da arte da literatura dos novos provedores de serviços de aplicativos. *Perspectivas em Ciência da Informação*, n. 1, v. 8, 2003.
79. FRANCO, T. C.; TUZZO, S. A. Crítica, vida e teorias de Edgar Morin: recortes do cinema, massa e cidadania. *Comunicação & Informação*, n. 2, v. 16, p. 27-38, 2013.
80. FREITAS, L. B.; TUZZO, S. A. Comunicação, educação e cidadania: diálogos possíveis. *Comunicação & Informação*, n. 1, v. 16, p. 137-155, 2013.
81. FROTA, M. G. C. Memória e produção social da informação em direitos humanos: uma perspectiva latino-americana. *Perspectivas em Ciência da Informação*, n. Especial, v. 24, p. 162-175, 2019.
82. GOMES, H. E. Marcos históricos e teóricos da organização do conhecimento. *Informação & Informação*, n. 2, v. 22, p. 33-66, 2017.
83. GOMES, T. P. D.; SOUZA, R. F. A charge como documento: uma proposta a partir da análise documentária. *Informação & Sociedade: Estudos*, n. 2, v. 30, 2020.
84. GONÇALVES, C. D. Os Efeitos Cognitivos da Comunicação de Massas. *Prisma.com*, n. 9, p. 233-237, 2009.
85. GONTIJO, M. C. A.; ARAÚJO, R. F. Impacto acadêmico e atenção on-line de pesquisas sobre inteligência artificial na área da saúde: análise de dados bibliométricos e altmétricos. *Encontros Bibli*, v. 26, p. 1-21, 2021.
86. GONTIJO, M. Sujeito, tecnologia e recepção: contribuição aos estudos de uso de novas tecnologias de informação e comunicação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, n. 1, v. 10, 2005.
87. GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. A vinculação dos conhecimentos: entre a razão mediada e a razão leve. *Liinc em revista*, n. 1, v. 1, 2005.
88. GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. As relações entre ciência, Estado e sociedade: um domínio de visibilidade para as questões da informação. *Ciência da Informação*, n. 1, v. 32, 2003.
89. GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Novos cenários políticos para a informação. *Ciência da Informação*, n. 1, v. 31, 2002.
90. GOUVEIA JÚNIOR, M. A cultura da convergência midiática e a fábula da autonomia: uma breve discussão no paradigma tecnológico. *Liinc em revista*, n. 1, v. 11, 2015.

91. GUIMARÃES, J. A. C.; SANTOS, J. C. G. A ementa jurisprudencial como resumo informativo em um domínio especializado: aspectos estruturais. *Brazilian Journal of Information Science*, n. 3, v. 10 No 3, 2016.
92. GUIMARÃES, J. A. C. A dimensão teórica do tratamento temático da informação e suas interlocuções com o universo científico da International Society for Knowledge Organization (ISKO). *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, n. 1, v. 1 No 1, p. 77-99, 2008.
93. GUIMARÃES, J. A. C.; PINHO, F. A. Desafios da representação do conhecimento: abordagem ética. *Informação & Informação*, n. 1, v. 12, p. 19-39, 2007.
94. HEYNEMANN, C. B. A História e os arquivos: anotações à margem dos documentos. *Ponto de Acesso*, n. 1, v. 3, p. 60-71, 2009.
95. IULIANELLI, J. A. S. Memória, verdade e justiça – busca cooperativa da verdade e entendimento mútuo em construção: perspectiva filosófica a partir da inserção na Comissão Nacional da Verdade. *Logeion*, n. 1, v. 1, p. 77-109, 2014.
96. IZERROUGENE, B.; URPIA, A. G. B. C.; ALMEIDA, I. F. G. A Lógica da acumulação capitalista na economia informacional. *Liinc em revista*, n. 1, v. 6, 2010.
97. JARJOUR, N. R.; PINTO, J. A. P. Noções de cultura, informação e rede: Museus e algumas reflexões sobre globalização. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, n. 1, v. 4, 2014.
98. KORNALEWSKI, A. M.; FARIAS, F. R. O entrelaçamento da memória e da informação no âmbito do processo de referência. *Brazilian Journal of Information Science*, n. 1, v. 14 No 1, p. 37-56, 2020.
99. KOTTOW, M. História da ética em pesquisa com seres humanos. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, v. 2, 2008.
100. LEMOS, A. B.; BARBOSA, R. R. A tríade informação-gestão-comunicação: uma reflexão no contexto organizacional. *Revista Analisando em Ciência da Informação*, n. 1, v. 4, 2016.
101. LIMA, C. R. M.; SILVEIRA, A L.; MARTINS, J. A.; CARVALHO, L. S. Agir comunicativo, colaboração e complexidade nas organizações. *DataGramaZero*, n. 3, v. 10, 2009.
102. LIMA, G. A. B. O. Organização e representação do conhecimento e da informação na web: teorias e técnicas. *Perspectivas em Ciência da Informação*, n. Especial, v. 25, p. 57-97, 2020.

103. LIMA, G. A. B.; MACULAN, B. C. M. S. Estudo comparativo das estruturas semânticas em diferentes sistemas de organização do conhecimento. *Ciência da Informação*, n. 1, v. 46, 2017.
104. LIMA, G. A. B.; MACULAN, B. C. M. S. Análise de assunto a partir de uma perspectiva histórica do ARIST. *Ciência da Informação*, n. 1, v. 43, 2014.
105. LIMA, G. A. B. Metodologias e modelos para estruturação de sistemas de hipertexto: características e contribuições. *Revista Interamericana de Bibliotecología*, n. 1, v. 27, 2004.
106. LIMA, M. F. U. M. A EPC como referencial teórico-metodológico na análise de políticas públicas de banda larga. *Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura*, n. 2, v. 21, p. 26-49, 2019.
107. LINDEN, L. L.; BRÄSCHER, M. O tratamento temático da informação em instrumentos normativos de descrição arquivística. *Em Questão*, n. 3, v. 24, p. 96-124, 2018.
108. LISBOA, A. M. Ethos barroco. *Revista P2P e INOVAÇÃO*, n. 2, v. 3, p. 21-52, 2017.
109. LISBOA, K. M. Da expedição científica à ficcionalização da viagem: Martius e seu romance indianista sobre o Brasil. *Acervo*, n. 1, v. 21, p. 115-132, 2008.
110. LONDERO, R. R. Publicidade, estudos culturais e seus paradigmas em decoding advertisements, de Judith Williamson. *Comunicação & Informação*, n. 1, v. 18, p. 37-54, 2015.
111. MACHADO, C. S. As relações entre tecnologia, inovação e sociedade. *DataGramaZero*, n. 1, v. 7, 2006.
112. MACULAN, B. C. M. S. Ambiguidade e o contexto na representação de informações em domínios de especialidade. *Perspectivas em Ciência da Informação*, n. Especial, v. 25, p. 98-124, 2020
113. MACULAN, B. C. M. S. Representação de relações semânticas de lugar em sistemas de organização do conhecimento. *Informação & Informação*, n. 2, v. 24, p. 139-162, 2019.
114. MACULAN, B. C. M. S.; LIMA, G. A. B. O. Buscando uma definição para o conceito de “conceito”. *Perspectivas em Ciência da Informação*, n. 2, v. 22, p. 54-87, 2017.
115. MARCONDES FILHO, C. No diálogo com o outro, a crisálida pode tornar-se borboleta, a comunicação tem chance de acontecer: sobre Martin Buber. *Em Questão*, n. 1, v. 14, p. 95-105, 2008.

116. MARCONDES FILHO, C. A comunicação como uma caixa preta. Propostas e insuficiências de Vilém Flusser. *Em Questão*, n. 2, v. 12, p. 423-456, 2006.
117. MARQUES, R. M. Karl Marx enfrenta o enigma da produção imaterial. *Liinc em revista*, n. 1, v. 16, 2020.
118. MARQUES, R. M. Trabalho, informação e conhecimento: relendo Marx na era da informação. *Logeion*, n. 1, v. 2, p. 47-71, 2015.
119. MARTINS, A. A. L.; MARTELETO, R. Cultura, ideologia e hegemonia *InCID*, n. 1, v. 10 n. 1, p. 5-24, 2019.
120. MATHEUS, R. F. Rafael Capurro e a filosofia da informação: abordagens, conceitos e metodologias de pesquisa para a Ciência da Informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, n. 2, v. 10, 2005.
121. MATOS, J. C.; TORRADO, E. M.; JACINTHO, E. M. B. Literatura distópica e sociedade da informação: Uma análise das menções ao romance 1984 de George Orwell no livro Modernidade Líquida de Bauman. *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, v. 14, p. 194-214, 2021.
122. MELLO, M. R. G.; MARTÍNEZ-ÁVILA, D.; ARAÚJO, L. M.; VALENTIM, M. L. P. Entre técnica e reflexão: um estudo da função social das bibliotecas públicas a partir da Teoria Crítica. *Informação & Informação*, n. 4, v. 25, p. 377-401, 2020.
123. MENEZES, A. A.; MOURA, D. C. Do direito da liberdade à solidariedade. *Revista P2P e INOVAÇÃO*, n. 2, v. 5, p. 10-23, 2019.
124. MIRANDA, M. L. C.; SANTOS, S. A. R. A Organização do Conhecimento no RPG eletrônico por meio de ontologias. *Revista P2P e INOVAÇÃO*, v. 7, p. 107-131, 2020.
125. MOREIRA, A. Contribuição da terminologia na modelagem de sistemas computacionais. *DataGramaZero*, n. 5, v. 6, 2005.
126. MOURA, D. C. O Fracasso escolar e a Teoria da Semiformação: considerações preliminares entre Charlot e Adorno. *Revista P2P e INOVAÇÃO*, n. 1, v. 5, p. 89-101, 2018.
127. MUCHERONI, M. L.; PAIVA, D. C.; LOBBO NETTO, M. Três ontologias clássicas e a web semântica. *Ponto de Acesso*, n. 3, v. 3, p. 281-298, 2009.
128. NHACUONGUE, J. A. A ação na informação: entre a teoria matemática e a teoria do ator-rede. *Informação & Informação*, n. 4, v. 25, p. 71-97, 2020.

129. OCHÔA, P.; BARATA, P. J. O direito a ser lembrado: memória e espaço biográfico na profissão de Informação-Documentação (I-D). *Páginas A&B*, n. 9, p. 46-79, 2018.
130. ORTEGA, C. D. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. *DataGramaZero*, n. 5, v. 5, 2004.
131. *Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas*, n. 9, p. 1-112, 2018.
132. PASSOS, A.; FERREIRA, D. M. Inteligência competitiva: percepções e práticas nas empresas da região autónoma dos açores. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, v. 6, p. 72-86, 2016.
133. PAULA, C. P. A.; ARAÚJO, E. P. O.; SARAIVA, P. G. P. Comunicação, informação e imaginário no processo eleitoral brasileiro: o “messias” Bolsonaro e o mito do rei pela graça de Deus. *Prisma.com*, n. 41, p. 100-122, 2020.
134. PEDROSA, S. Um mito da ópera e a Escola de Frankfurt - O filme Callas Forever à luz da polêmica entre Theodor Adorno e Walter Benjamin. *Comunicação & Informação*, n. 2, v. 7, p. 204-211, 2004.
135. PERIN, E. S.; FREITAS, M. C. D.; SILVA, H. F. N. Estudo cientométrico sobre competências docentes. *Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação*, n. Especial, v. 6, p. 102-114, 2019.
136. PIRES, E. A. N.; PEREIRA JÚNIOR, A. A.; GIRARD, C. D. T.; GIRARD, C. M. T. O Digital Object Identifier (DOI) em periódicos científicos eletrônicos de Comunicação e Informação. *Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação*, n. 3, v. 15, p. 533-549, 2017.
137. PORTO, R. M. A. B. Representação e gestão do conhecimento: Aplicações em Cidades Inteligentes – Smart Cities. *Perspectivas em Ciência da Informação*, n. Especial, v. 25, p. 252-279, 2020.
138. *Prisma.com*, n. 41, p. 1-250, 2020.
139. *Prisma.com*, n. 36, p. 1-164, 2018.
140. RAMOS, R. Roland Barthes: semiologia e cultura. *Em Questão*, n. 1, v. 12, p. 173-184, 2006.
141. RAMOS JUNIOR, G. M.; MATA, M. L.; GERLIN, M. N. M. Competência em informação como práxis: uma opção pela abordagem cartográfica. *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, n. 2, v. 13 No. 2, p. 636-651, 2020.
142. *Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura*, v. 3, 2001.

143. REZENDE, G. J. Trânsito de temas comuns entre o JN e as telenovelas. *Comunicação & Informação*, n. 2, v. 12, p. 33-47, 2009.
144. RIBEIRO, A. L. P. C.; LUBISCO, N. M. L. Redução de fungos em ambiente de biblioteca: viabilidade de aplicação de neblina ativada. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, n. 2, v. 6, p. 250-260, 2016.
145. RIBEIRO, B. V. D.; TEMER, A. C. R. P.; TUZZO, S. A. Cidadania e democracia deliberativa na era digital – para além de Habermas. *Comunicação & Informação*, n. 1, v. 16, p. 186-201, 2013.
146. RIBEIRO, F. Ritmos da informação/comunicação de ciência dos centros de investigação em Portugal. *Cadernos BAD*, n. 2, p. 16-30, 2016.
147. RIBEIRO, J. S. A. N.; SOARES, M. A. C.; ABRANCHES, P. H. J.; ZIVIANI, F. The articulation between innovation and competences anchored by knowledge management aiming sustainable competitive advantage. *Brazilian Journal of Information Science*, n. 2, v. 12 No 2, 2018.
148. RIBEIRO, J. S. A. N.; CALIJORNE, M. A. S.; JURZA, P. H.; ZIVIANI, F.; NEVES, J. T. R. Gestão do conhecimento e desempenho organizacional: integração dinâmica entre competências e recursos. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, v. 7, p. 4-17, 2017.
149. ROCHA, C. P. V. Um “museu vivo”: espetáculo e reencantamento pela técnica. *Em Questão*, n. 2, v. 13, p. 259-270, 2007.
150. RODRIGUES, C. Adorno e Derrida: um debate na comunicação. *Em Questão*, n. 2, v. 18, p. 43-56, 2012.
151. RODRIGUES, J. P. Sentidos de identidades culturais piauienses negociados na recepção midiática do Balé Folclórico de Teresina. *Em Questão*, n. 2, v. 18, p. 245-258, 2012.
152. RUST, L. D. A “terceira geração dos Annales” e o exorcismo do tempo. *BIBLOS*, n. 1, v. 22, p. 47-60, 2008.
153. SABADELL, A. L.; DIMOULIS, D. Anistia: A política além da justiça e da verdade. *Acervo*, n. 1, v. 24, p. 79-102, 2011.
154. SALDANHA, G. S. Democracia documentária e Teoria da Não-conceitualidade: filosofia e práxis. *Informação & Sociedade: Estudos*, n. 4, v. 30, p. 1-20, 2020.
155. SALDANHA, G. S.; PEREIRA, R. M. V. Das Políticas do Prazer: o lazer no pensamento biblioteconômico-informacional e sua dimensão aplicada na institucionalidade das bibliotecas. *InCID*, n. 1, v. 7 n. 1, p. 5-28, 2016.

156. SALDANHA, G. S. O documento e a “via simbólica”: sob a tensão da “neodocumentação”. *Informação Arquivística*, n. 1, v. 2, 2013.
157. SALDANHA, P. G.; BASTOS, P. N. Publicidade Social de Interesse Público (PIP) e engajamento político, uma antítese à Publicidade de Utilidade Pública (PUP) governamental. *Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura*, n. 3, v. 21, p. 25-43, 2019.
158. SANTOS, H. M.; FLORES, D. Repositórios digitais confiáveis para documentos arquivísticos: ponderações sobre a preservação em longo prazo. *Perspectivas em Ciência da Informação*, n. 2, v. 20, p. 198-218, 2015.
159. SANTOS, T. Desafios na comunicação das artes. *Prisma.com*, n. 27, p. 70-83, 2015.
160. SANTOS, V. A. Um diálogo com os Estudos Culturais, a partir da EPC. *Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura*, n. 2, v. 21, p. 93-105, 2019.
161. SANTOS NETO, J. A.; BORTOLIN, S. Mediação e difusão em arquivos. *Informação em Pauta*, n. 1, v. 5 No 1, p. 144-161, 2020.
162. SANTOS NETO, A. L.; CORDEIRO, R. I. N. Contribuições para análise, descrição, e representação arquivística da informação dos cinejornais da Agência Nacional. *Informação & Sociedade: Estudos*, n. 2, v. 25, p. 63, 2015.
163. SCHNEIDER, M. A. F.; SALDANHA, G. S. Dilema ético-epistemológico da Era da Informação. *Liinc em revista*, n. 2, v. 11, 2015.
164. SELIGMANN-SILVA, M. Do museu-arquivo às inscrições de si. *Acervo*, n. 3, v. 32, n. 3, p. 21, 2019.
165. SIEBENEICHLER, F. B. Jürgen Habermas: Uma Teoria Da Comunicação Humana. *Logeion*, n. Especial, v. 5, p. 8-26, 2018.
166. SILVA, A. M. O colecionador segundo Walter Benjamin ou um texto protosistêmico. *Revista Fontes Documentais*, v. 3, p. 602-615, 2020.
167. SILVA, A. M. Mediações e mediadores em Ciência da Informação. *Prisma.com*, n. 9, p. 68-104, 2009.
168. SILVA, A. R.; LIMA, G. A. B. As categorias e a categorização cognitiva contemporânea: enfoque sobre os olhares da biblioteconomia e ciência da informação e das ciências cognitivas. *Revista Interamericana de Bibliotecología*, n. 3, v. 34, 2011.
169. SILVA, G. Sobre o marketing, a publicidade e a sociedade do controle. *Liinc em revista*, n. 1, v. 6, 2010.

170. SILVA, L. A. G. Bibliotecas brasileiras vistas pelos viajantes no século XIX *Ciência da Informação*, n. 1, v. 39, 2010.
171. SILVA, R. J. Leitura, biblioteca e política de formação de leitores no Brasil. *Brazilian Journal of Information Science*, n. 2, v. 3 No 2, 2009.
172. SILVA, S. R. B.; CORRÊA, R. F.; GIL-LEIVA, I. Avaliação direta e conjunta de sistemas de indexação automática por atribuição. *Informação & Sociedade: Estudos*, n. 4, v. 30, p. 1-27, 2020.
173. SILVEIRA, M. M. Revistas jurídicas brasileiras: "cartografia histórica" de um gênero de impressos (anos 1840 a 1940). *CAJUR*, n. 1, v. 1, 2014.
174. SIMEÃO, E. L. M. S.; MARQUES, M.; CUEVAS-CERVERÓ, A. Mediação e ação comunicativa: conformando nuvens e formando competências para a mediação nas redes sociais virtualizadas. *Ciência da Informação*, n. 2, v. 43, 2014.
175. SIMEÃO, E. L. M. S. A experiência da Revista de Biblioteconomia de Brasília na Internet. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, n. 1, v. 25, 2001.
176. SIMIONATO, A. C.; PINHO NETO, J. A. S.; SANTOS, P. L. V. A. C. Ciência da Informação, Imagem e Tecnologia. *Informação & Tecnologia*, n. 1, v. 2, p. 53-65, 2015.
177. SIQUEIRA, J. C. A noção do termo 'informação': revisão de literatura. *Brazilian Journal of Information Science*, n. 1, v. 5 No 1, 2011.
178. SODRÉ, M. Do lugar de fala ao corpo como lugar de diálogo: raça e etnicidades numa perspectiva comunicacional. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, n. 4, v. 13, 2019.
179. SOSSAI, F. C. Notas sobre o digital: historicidade e direcionamentos contemporâneos. *Liinc em revista*, n. 1, v. 15, 2019.
180. SOUTO, I. N.; LAPA, A. B. Formação crítica mediada pelas tecnologias digitais de informação e comunicação: um desenho de pesquisa qualitativa. *Comunicação & Informação*, n. 2, v. 17, p. 88-103, 2014.
181. SOUSA, J. L.; MORAIS, R. O Consumo de ficção nacional na televisão portuguesa: uma análise crítica. *Em Questão*, n. 2, v. 18, p. 133-148, 2012.
182. SOUZA, E. G.; BEZERRA, D. A.; COSTA, W. F. C. Descrição de recursos em uma estrutura de metadados pautada no modelo FRBR. *Em Questão*, n. 1, v. 22, p. 113-136, 2016.

183. SOUZA, F. C.; EUSÉBIO, M. P. A “Feira de rua de livros de Florianópolis” como ambiente estimulador da leitura na escola. *Informação & Informação*, n. 2, v. 14, p. 62-83, 2009.
184. SOUZA, R. M. O espaço público da pólis contemporânea: o acesso à informação como construção da cidadania no Brasil. *Archeion Online*, v. 1 Edição Especial, 2013.
185. SOUZA, W. E. R. O catálogo editorial e a bibliografia como fontes de pesquisa: avanços e desafios na era digital. *InCID*, v. 7, p. 202-223, 2016.
186. STEVANIM, L. F. F. Experiências de televisões públicas no mundo: distinções para o conceito de público. *Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura*, v. 12, 2010.
187. TANUS, G. F. S. C.; SILVA, D. C. Biblioteconomia social, crítica e progressista. *Revista Informação na Sociedade Contemporânea*, n. 1, v. 3 n. 1, v. 3, p. 1-28, 2019.
188. TANUS, G. F. S. C. Biblioteconomia e as contradições do social. *Informação & Sociedade: Estudos*, n. 1, v. 27, 2017.
189. TANUS, G. F. S. C. Enlace entre os estudos de usuários e os paradigmas da ciência da informação: de usuário a sujeitos pós-modernos. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, n. 2, v. 10, p. 144-173, 2014.
190. TARGINO, M. G.; CAVALCANTE, A. V. B. Admirável mundo novo da ética da informação 2.0 em tempos de fake news. *Informação em Pauta*, n. 1, v. 5, n. 1, p. 33-53, 2020.
191. TEIXEIRA, L. M. D.; ALMEIDA, M. B. Composicionalidade e sobreposição em terminologias biomédicas: alternativas para interoperabilidade em saúde. *Em Questão*, n. 3, v. 26, p. 196-223, 2020.
192. TOGNOLI, N. B. A contribuição dos estudos históricos para o desenvolvimento da diplomática nos séculos XVIII e XIX. *Brazilian Journal of Information Science*, n. 1/2, v. 8 No 1/2, 2014.
193. TOLARE, J. B.; FUJITA, M. S. L.; SANTOS JÚNIOR, E. A. Análise de cocitação de trabalhos sobre linguagem de indexação na base de dados da BRAPCI. *Informação em Pauta*, n. 2, v. 5, p. 132-154, 2020.
194. TORRE, A. E. M. G. Confluências epistemológicas: teoria da mediação social de Martín Serrano e pensamento crítico transformador latino-americano. *Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura*, v. 10, 2008.

195. VANTI, N. A.; NASCIMENTO, B. L. C.; FELIPE, C. B. M. Enfoques da informação presentes em diferentes publicações periódicas brasileiras da área de Ciência da Informação. *Encontros Bibli*, n. 36, v. 18, p. 1-22, 2013.
196. VASQUEZ, K. Modernismo, Renovação e Vanguardas: a redefinição da vocação intelectual na correspondência de Mário de Andrade nos anos vinte. *Acervo*, n. 1/2, v. 19, p. 95-110, 2006.
197. VIANNA, W. B.; MEDEIROS, M. B. B.; LINDEN, L. L. Aspectos relevantes da arquivística contemporânea no âmbito da organização do conhecimento no Brasil. *Brazilian Journal of Information Science*, n. 2, v. 13 No 2, p. 48-58, 2019.
198. VIDAL, A. L. F.; PALETTA, F. C. A atuação da terminologia para o desenvolvimento dos sistemas de organização do conhecimento no contexto da Ciência da Informação. *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia*, n. 4, v. 15, p. 1-20, 2020.
199. VIEIRA, K. R.; LUCAS, E. R. O. Jesse Shera e sua contribuição para o campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação. *Encontros Bibli*, n. 51, v. 23, p. 17-30, 2018.
200. VILHENA, A. N. A Convergência dos Meios de Comunicação Social na Internet e o tratamento dado à informação política. *Prisma.com*, n. 22, p. 3-20, 2014.
201. VITAL, L. P.; SILVEIRA, M. A. A.; PINHO, F. A.; CORREIA, A. E. G. C.; FELL, A. F. A. A Produção Acadêmica no Brasil sobre Ciência da Informação: um estudo a partir da Teoria do Conhecimento de Habermas. *Em Questão*, n. 1, v. 20, p. 127-150, 2014.
202. VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Competência informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. *Ciência da Informação*, n. 3, v. 38, 2009.
203. WILKE, V. C. L. Filosofia e informação: dos muitos sentidos de informação e algumas abordagens filosóficas - contribuições para a epistemologia da informação. *Informação Arquivística*, n. 1, v. 1, 2012.
204. WILKE, V. C. L.; RIBEIRO, L. B.; OLIVEIRA, C. I. C. A informação potencializada no texto fílmico. *DataGramaZero*, n. 6, v. 4, 2003.
205. ZATTAR, M.; LIMA, Clovis R. M. Habermas na literatura de Ciência da Informação: investigação das publicações na “Library and Information Science Abstracts” (LISA). *Informação@Profissões*, n. 2, v. 2, p. 158-175, 2013.